

2.º CICLO DE ESTUDOS

MESTRADO EM ENSINO DA HISTÓRIA NO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO E NO ENSINO



Pelos Trilhos da História

Entre o que se aprende e o que se apreende

Catarina Isabel Monteiro Campos

M

2021



Catarina Isabel Monteiro Campos



Pelos Trilhos da História

O que se aprende e o que se apreende

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino da História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientada pela Professora Doutora Cláudia Pinto Ribeiro e pelo Professor Doutor Paulo Jorge de Sousa Oliveira Santos.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2021

Catarina Isabel Monteiro Campos



Pelos Trilhos da História

O que se aprende e o que se apreende

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino da História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientada pela Professora Doutora Cláudia Pinto Ribeiro e pelo Professor Doutor Paulo Jorge de Sousa Oliveira Santos.

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

"Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar."

- Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, 1968, p. 155.

Conteúdo

Declaração de honra	9
Agradecimentos	10
Resumo	11
Índice de tabelas	13
Índice de Figuras	13
Glossário	13
Informações (preliminares) para uma expedição consciente	14
1. <i>Grande Rota</i> pelos trilhos históricos	22
1.1. A importância histórica da jornada	23
1.2. Na rota dos pontos cardeais	28
1.2.1. A caminho do desenvolvimento pessoal e autonomia	31
1.2.2. Em busca de saúde e bem-estar, num ambiente que é comum	34
1.2.3. No trilho das amizades	36
1.2.4. Percorrendo o espírito crítico e a criatividade	38
1.3. Na Rota dos pontos colaterais	41
1.3.1. O trilho da Consciência	42
1.3.2. Um trilho, percursos diferentes: a multiperspetiva	46
1.3.3. O trilho da Empatia	48
1.3.4. Navegando entre culturas, em democracia	55
2. Preparativos para a viagem	58
2.1. Coordenadas GPS da região	58
2.2. Ponto de encontro – o local	59
2.3. Os <i>exploradores</i> participantes	62
Um pequeno desvio só enriquece: A importância e o impacto da atuação do guia durante a jornada	63
2.4. Como preparar a mochila (instrumentos para a recolha de dados)	72

3. Reportagem da <i>Grande Rota</i>	79
3.1. Os <i>souvenirs</i> da viagem	82
4. Considerações finais	102
Bibliografia	107
Webgrafia	112
Anexo 1 – Tabelas de análise às atividades propostas	1
Anexo 1.1. - Atividade 1	1
Anexo 1.2. – Atividade 2	11
Anexo 1.3. – Atividade 3	27
Anexo 1.4. – Atividade 4	33
Anexo 1.5. – Atividade 5	44
Anexo 1.6. – Atividade 6	79
Anexo 2 – Questionário para levantamento de ideias prévias acerca do perfil da amostra	92

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e autoplágio constitui um ilícito académico.

Porto, 30 de setembro de 2021

Catarina Isabel Monteiro Campos

Agradecimentos

A educação não está no meu coração por mero acaso. Tive, ao longo da minha vida, ótimos professores e orientadores, aos quais agradeço o exemplo, a coragem e o investimento que fizeram em mim. Entre esses destaco com carinho a professora Teresa Carvalho. Esta acompanha a minha jornada desde o meu 7.º ano de escolaridade, tendo também sido a minha orientadora de estágio. Sempre me apoiou e acreditou em mim.

Agradeço à professora Cláudia Ribeiro, que para lá de docente e orientadora deste relatório, é uma das minhas heroínas e amiga de todas as horas, literalmente. Desde o princípio que me conquistou com o seu sentido de humor, personalidade e com a sua força inabalável. Não só me inspira enquanto professora, como enquanto ser humano. Obrigada por toda a dedicação!

E neste leque de docentes, não posso deixar de mencionar o professor Paulo Santos. Obrigado por todas as (longas) reuniões de *brainstorming*. Sem estas, o relatório não teria este esboço. E pela atenção e cuidado que teve durante todo o acompanhamento e conclusão do texto.

Mas a jornada da vida não se faz apenas de trabalho, e nos altos e baixos que caminhei, pude contar com pessoas extraordinárias. Se for a pormenorizar a lista de agradecimentos, faço um novo relatório, e não é isso que se pretende. Aqueles que me dizem muito, sabem-no. Por isso, apenas refiro que sou muito grata à minha mãe, por me abrigar nos momentos mais frios. E à Andreia, que me inspira e está sempre comigo, independentemente de tudo, e que até neste trabalho serviu de orientação quando os dias estavam mais encobertos.

E se a Faculdade de Letras é um local a revisitar, será para relembrar as memórias das pessoas que me deu, tanto na Licenciatura, assim como no Mestrado.

Resumo

Os sistemas de ensino têm vindo a ser crescentemente criticados por não prepararem adequadamente os jovens para os desafios decorrentes do funcionamento das sociedades contemporâneas. Apesar dessa realidade, o docente, dentro daquelas que são as suas possibilidades, pode fazer algo para contrariar tal situação, nomeadamente o professor de História. Esta disciplina é, deveras, importante porquanto possibilita desenvolver um conjunto de competências basilares que se enquadram nos pressupostos defendidos pelo *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. E é partindo desta ideia que, enquanto docente, me questioneei se preferia que os alunos aprendessem o conteúdo ou desenvolvessem as competências e ferramentas aprendidas, durante a vida. Neste relatório, resultado da unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional (IPP), no âmbito do Mestrado em Ensino da História (MEH), da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), explicarei tal diferença e porque é importante tê-la em conta. Esta assunção assentou em vários conceitos e, simultaneamente, em competências desenvolvidas na disciplina de História, que são importantes deter, independentemente do percurso académico e/ou profissional que os alunos escolham. Como se irá perceber com a leitura deste relatório, estas competências fomentam outras igualmente importantes, estando tudo interligado.

Palavras-chave: Empatia; Compreensão Histórica; Educação Histórica; Educação Humanista; História.

Abstract

Education systems have been increasingly criticized for not adequately preparing young people for the challenges arising from the functioning of contemporary societies. Despite this reality, the teacher, within his possibilities, can do something to counteract this situation, namely the History teacher. This subject is, indeed, important as it enables the development of a set of basic skills that fit into the propositions defended by the Profile of Students after Leaving Mandatory Schooling. And it is from this idea that, as a teacher, I asked myself whether I would prefer students to learn the content or develop the skills and tools learned during life. In this report, as a result of the curricular unit of Initiation to Professional Practice (IPP), under the Master's Degree in History Teaching (MEH), at the Faculty of Arts of the University of Porto (FLUP), I will explain this difference and why it is important to take it into account. This assumption was based on several concepts and, simultaneously, on skills developed in the subject of History, which are important to hold, regardless of the academic and/or professional path that students choose. As you will understand from reading this report, these competencies foster other equally important ones, and everything is interconnected.

Key-words: Empathy; Historical understanding; Historical education; Humanist education, History.

Índice de tabelas

Tabela 1: Excerto da tabela inserida no anexo 1.1. – Atividade 1	78
--	----

Índice de Figuras

Figura 1: Grande Rota da Rosa dos Ventos (elaboração própria)	23
Figura 2: Program da aula "A Globalização: O passado no presente"	76

Glossário

- GR – *Grande Rota*
- Guia – docente
- *Explorador* – Alunos

Informações (preliminares) para uma expedição consciente

“Our job as teachers is not to prepare kids for something; our job is to help kids prepare themselves for anything.”

- A. J. Juliani, Diretor do Learning and Innovation at Centennial School District (PA), e Professor na University of Pennsylvania Graduate School of Education.

Caro leitor.

Antes de iniciar a leitura deste relatório, gostaria que tivesse em mente que, para lá do relevo académico do texto que se segue e de todos os cuidados envolvidos na fundamentação científica, a informalidade da narrativa é exuberante. Sendo esta uma produção da minha autoria, teria de me representar.

A citação que abre esta introdução revela aquele que é o meu propósito enquanto docente: fazer a diferença, ajudar as pessoas a explorar o seu potencial, independentemente das circunstâncias. Estou consciente que sou “apenas” uma professora de História. Porém, como irá perceber com as palavras que se seguem, lecionar História, independentemente do ano de escolaridade e da vertente de ensino, nada tem de “apenas”. Quanto mais aprofundo a minha formação no ensino, mais convicta fico de que, para lá dos conteúdos lecionados, quero ajudar os meus alunos a desenvolverem competências para a vida, pois alguns deles pouco ou nenhum carinho vão nutrir pelos conteúdos desta disciplina. Mas nada é tempo perdido e a História tem muito a oferecer.

Assim, prepare-se para a leitura da reportagem de viagem, que diz respeito à *Grande Rota* (GR) que realizei no ano letivo de 2020-2021, quando dei início à Iniciação à Prática Profissional, no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi percorrida uma distância de 266 dias, tendo-se iniciado no dia 7 de setembro de 2020, quando me apresentei, pela primeira vez, enquanto guia-estagiária (professora) junto daqueles que seriam os meus *exploradores* (alunos), até ao dia 31 de maio de

2021, quando terminou oficialmente esta jornada, apesar de se ter estendido por mais uns dias.

Ao longo da jornada, fui acompanhada pela Guia cooperante e pela minha colega, companheira de viagem e também guia estagiária. As três realizamos esta GR, que decorreu numa escola a cerca de 5km do centro da cidade da Maia.

Quando escrevi o meu Plano de Formação, considerei, na apresentação, a educação como um meio vital para o desenvolvimento das ferramentas necessárias à sobrevivência, progresso e criatividade do indivíduo. Tal importância cresce quando olhamos ao nosso redor e para as gerações que vivem o presente. Os tempos mudaram, o mundo transformou-se e os comportamentos das pessoas também. O processo é cíclico, assim como a vida. E pede-se ao Ensino que acompanhe esta evolução de modo a permitir a integração das novas gerações num novo mundo.

A História é uma disciplina que vai ao encontro de vários pressupostos enumerados no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Este foi homologado pelo Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho, e “afirma-se como referencial para as decisões a adotar por decisores e atores educativos ao nível dos estabelecimentos de educação e ensino e dos organismos responsáveis pelas políticas educativas, constituindo-se como matriz comum para todas as escolas e ofertas educativas no âmbito da escolaridade obrigatória, designadamente ao nível curricular, no planeamento, na realização e na avaliação interna e externa do ensino e da aprendizagem” (*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 2017, p. 2). Trata-se de um “manual de orientação” que todos os guias educativos, independentemente da área de ensino e cargo, devem usar, a fim de orientar e treinar os seus *exploradores* para aquela que é a jornada da vida.

Refere que

hoje mais do que nunca a escola deve preparar para o imprevisto, o novo, a complexidade e, sobretudo, desenvolver em cada indivíduo a vontade, a capacidade e o conhecimento que lhe permitirá aprender ao longo da vida. (Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, 2017, p. 8)

Este manual descreve esta GR como sendo diversa e complexa, em constante mudança, e tais aspetos devem ser tidos em conta, não para formar *exploradores* de

modo uniformizado, “mas sim criar um quadro de referência que pressuponha a liberdade, a responsabilidade, a valorização do trabalho, a consciência de si próprio, a inserção familiar e comunitária e a participação na sociedade que nos rodeia”, de forma a lidar com a incerteza e “criar condições de equilíbrio entre o conhecimento, a compreensão, a criatividade e o sentido crítico. Trata-se de formar pessoas autônomas e responsáveis e cidadãos ativos” (*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 2017, p. 5).

Este documento também pretende que o atual sistema educativo treine os seus *exploradores* para aqueles que são os sete pilares defendidos por Edgar Morin, considerados necessários para uma cultura de autonomia e responsabilidade: “prevenção do conhecimento contra o erro e a ilusão; ensino de métodos que permitam ver o contexto e o conjunto, em lugar do conhecimento fragmentado; o reconhecimento do elo indissolúvel entre unidade e diversidade da condição humana; aprendizagem duma identidade planetária considerando a humanidade como comunidade de destino; exigência de apontar o inesperado e o incerto como marcas do nosso tempo; educação para a compreensão mútua entre as pessoas, de pertenças e culturas diferentes; e desenvolvimento de uma ética do género humano, de acordo com uma cidadania inclusiva (*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 2017, pp. 5-6).”

É importante fomentar tais aspetos, sobretudo quando temos em conta a observação feita por José Saramago:

O **egoísmo pessoal**, o **comodismo**, a **falta de generosidade**, as pequenas **cobardias** do quotidiano, tudo isto contribui para essa perniciosa forma de **cegueira mental** que consiste em **estar no mundo e não ver o mundo, ou só ver dele o que**, em cada momento, **for suscetível de servir aos nossos interesses** (Saramago, Diário de Notícias, 11.08.2009). **(negrito nosso)**

Facilmente percebemos que estamos perante uma jornada com um grande desafio associado. O guia (professor), em particular o de História, tem como responsabilidade estimular nos seus *exploradores* (alunos) o espírito crítico, a compreensão de diferentes perspetivas, que vai ajudá-los a desenvolver competências e a sua cidadania e, assim, ajudá-los a “ler o mundo” e a vê-lo de forma plena, o que inclui o que “for suscetível de servir aos nossos interesses” e o que nada nos diz.

Aliás, o Conselho da Europa (2016) reconheceu que o professor de História não só é um especialista em História e Pedagogia, como também é responsável por harmonizar as relações humanas. Esta é uma tarefa complexa atribuída não só à disciplina, como ao docente. O professor deve ser capaz de respeitar as diferenças; investir no seu auto-desenvolvimento; ter abertura à incorporação de novos métodos de ensino; criatividade; disposição e capacidade de criar uma atmosfera de confiança e responsabilidade em sala de aula (Conselho da Europa, 2016), dando, assim, o exemplo aos seus alunos.

Porém, é inegável que existe um fosso entre a Escola e a sociedade, entre o que se aprende na sala de aula e a vivência fora dela. Daí defender que, para lá de se aprender, devemos focar-nos no que apreendemos – o que levamos connosco naquela que é a jornada inevitável da nossa vida e do que nos recordamos, após muitos anos fora da Escola.

Há que ter em conta a diferença entre os verbos *aprender* e *apreender*.

O dicionário online da Porto Editora explica que *aprender* envolve “1. adquirir conhecimento ou domínio (de assunto, matéria, etc.) através do estudo ou da prática; instruir-se”; já *apreender* implica “(...) 3. assimilar; compreender (ideia, informação).” Em suma, enquanto o primeiro se explica pela aquisição de conhecimento sobre determinado conteúdo, o segundo envolve a compreensão desse mesmo conteúdo. E quando se apreende, recorda-se.

Considero que a apreensão deve ser o objetivo a perseguir, pois será essa capacidade que permitirá adquirir as competências preconizadas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

Nesta GR, será inevitável entrarmos em contacto com diferentes culturas, etnias, valores, ideologias, que coexistem num mesmo espaço. Isso exige de nós atitudes de respeito, tolerância e compreensão para que esta diversidade não se torne um motor de conflitos, pondo em causa o ecossistema (Ferreira, 2009). Daí o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* acrescentar que o estudante deve ser um cidadão “que valorize o respeito pela dignidade humana, [...] pela solidariedade para com os outros [...]; Livre, autónomo, responsável e consciente de si próprio e do mundo que o rodeia” (*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 2017, p. 19).

Por isso, todos os esforços implicados nesta jornada não podem ser encarados como um trabalho independente, mas sim um trabalho em equipa, onde todos colaboramos para as jornadas uns dos outros, tanto no presente, como no futuro.

Ao longo desta reportagem, também irá perceber que, enquanto guia, acredito que devemos fomentar uma educação humanista. Os conteúdos, com o tempo, são varridos da nossa memória, mas os pilares da nossa identidade, isto é, os nossos valores, ficam e orientam a nossa decisão e ação. Assim, apelar à humanidade é o meu objetivo, e a História é uma mais-valia neste sentido, mas no Capítulo 2, referente à Importância Histórica da Jornada, esta ideia será abordada de forma mais aprofundada.

Podemos sempre aprender algo com o passado, com o intuito de construir um mundo melhor. Não considero esta ideia uma utopia, mas devemos estar conscientes de que não seremos 100% bem-sucedidos. Mas, pensando nas palavras de Zak Ebrahim¹, que foi alvo de destaque numa das aulas que lecionei: *“não quer dizer que a ache possível [paz mundial], pois enquanto seres humanos não somos capazes de criar um sistema tão perfeito que nunca mais haja conflitos, mas o objetivo deve estar sempre lá”* (Zak Ebrahim, Jornal de Notícias, 2019). A imperfeição e o insucesso não devem servir de argumentos para desistir. Neste caso, enquanto docente, procuro partilhar a função social da História com os alunos e este ano de estágio foi o início. O meu objetivo é contribuir para que os alunos compreendam não só a importância da História, mas também porque é que ela deve fazer parte do currículo pessoal de cada um.

Assim, nesta jornada, queria que os meus alunos apreendessem que devemos estar conscientes de nós e do *outro*, da nossa respetiva herança, assim como nutrir empatia. Isso implica desenvolver a Consciência e a Empatia Histórica.

¹ Zak Ebrahim nasceu em Pittsburgh, Pensilvânia, a 24 de março de 1983. Filho de um dos terroristas que protagonizaram o ataque ao World Trade Center, em 1993, Ebrahim passou o resto da sua infância a mudar-se de cidade em cidade, escondendo a sua identidade daqueles que conheciam o seu pai. Agora, dedica a sua vida a manifestar-se contra o terrorismo e a espalhar a sua mensagem de paz e não-violência. Para além de ativista, é docente e cofundador do Projeto Zak Ebrahim, assim como é autor do livro *The Terrorist's Son: A Story of Choice*.

Devido à funcionalidade e importância inerente a estes dois pilares, o que é reconhecido pelo próprio Ministério da Educação ao fazê-los constar, direta e indiretamente, na lista de competências a desenvolver nos alunos, é necessário trabalhá-los em sala de aula.

Existe uma profunda relação entre os conceitos. Clarisse Ferreira refere que

Empatizar historicamente é compreender e explicar as ações dos homens do passado, de modo a torná-las inteligíveis às mentes contemporâneas. Tal implica um amplo conhecimento do respetivo contexto histórico e a interpretação de evidências históricas diversificadas e contempladoras de diferentes perspetivas, estando também vinculado o uso da imaginação histórica (Ferreira, 2004, p. 26).

Silva (2018) explica que, através desta citação, percebemos que “a empatia histórica prevê um grande exercício de análise, interpretação e reflexão sobre o passado, com vista a compreendê-lo, podendo desta forma, empatizar com algum acontecimento ou sujeito histórico” (p. 12). Não se trata apenas de um exercício de imaginação sobre o passado, com vista a conhecer o contexto e os objetivos e motivações dos agentes históricos, envolvendo também estar consciente desse passado.

Mas desenvolver a consciência e a empatia histórica implica convocar um outro procedimento: ver o passado de forma multiperspetivada. Figurativamente, é importante que o *explorador* esteja consciente de que, apesar de rumar para Norte, existem outras coordenadas, igualmente importantes, como o Sul. E não é errado rumar para esta coordenada, se esse for o nosso fim. Ao mesmo tempo, estaremos a usar outras competências, tais como o pensamento crítico e o pensamento criativo, o desenvolvimento pessoal e a nossa autonomia (de forma a estarmos constantemente atualizados e capazes de não nos deixar levar pelas ideias de indivíduos questionáveis).

E, falando em finalidade, tornou-se importante trazer a cultura democrática para este relatório, não estivesse este conceito intimamente relacionado com uma educação humanista; assim como com o fomento de relações interpessoais saudáveis, focando, ainda, o nosso (e do outro) bem-estar, saúde e ambiente.

Esta *Grande Rota* designa-se de Rosa dos Ventos, que representa as quatro direções fundamentais (pontos cardeais) para a orientação geográfica: de norte a este, de este a sul, de sul a oeste e de oeste a norte, e seus intermediários (colaterais), nordeste, sudeste, noroeste e sudoeste.

Tendo sido criada no século XIV para ilustrar mapas cartográficos, a Rosa dos Ventos sempre foi uma das ferramentas mais importantes na navegação marítima pois, no passado, a sua orientação permitia saber qual era a direção dos ventos, sobretudo quando se navegava em barcos à vela, o que significava que era a forma de se deslocar no mar.

Assim, a Rosa dos Ventos constituiu uma grande ajuda para a navegação, permitindo ampliar a exploração marítima, sob difíceis condições meteorológicas. Ainda hoje é usada em todos os sistemas de navegação.

É importante também destacar a sua simbologia, representando a sorte nas novas tomadas de direção da vida, a coragem de mudar e o espírito de mudança. Está, também, associada à tomada de decisões ponderadas e de escolhas conscientes e boas. Mais ainda, simboliza a unidade dos elementos do universo: a terra, a água, o ar e o fogo, e, respetivamente, as suas características: o seco, o húmido, o frio e o quente.

Com base na origem, funcionalidade e simbolismo da Rosa dos Ventos, esta GR tomou essa designação. Composta por oito trilhos, todos interligados, pretende orientar os *exploradores* para o caminho a percorrer, valorizando-se a coragem para mudar, sobretudo quando isso implica tomar boas decisões que conduzem a uma vida melhor e à harmonia neste universo.

Tal como numa jornada, precisamos de ir bem equipados, a fim de estarmos preparados para os desafios da viagem e, até, possíveis imprevistos. Esta preparação começa antes de a viagem ter início. Convém estarmos conscientes da nossa condição física, estudarmos a rota, o tipo de percurso, prepararmos a nossa bagagem com antecedência. É também importante, em função do tipo de percurso, que pode ser muito ou pouco técnico, irmos equipados com *gadgets*² e, tendo em conta o nosso conhecimento, perceber se nos falta algo e colmatar essa mesma falha. Entre os *gadgets* importantes

² *Gadgets* – traduzido do inglês, *gadget* significa «engenhoca». Tem uma função utilitária. Associado a produtos tecnológicos de ponta, com uma função específica e, geralmente, de preço elevado. No âmbito informático, este termo é usado para se referir a pequenos utilitários, desenvolvidos para facilitar o acesso a funcionalidades disponibilizadas por determinadas aplicações mais abrangentes.

destacam-se, por exemplo, as fontes históricas, sejam elas primárias ou secundárias, mas mais adiante falarei com pormenor acerca disto.

Durante esta jornada – a Iniciação à Prática Profissional –, que constituiu o início daquela que é a minha jornada profissional, trabalhei com *exploradores* que frequentavam o 12.º ano de escolaridade. Pretendia que compreendessem a importância que a disciplina de História tem para os próprios e que reconhecessem a necessidade de competências históricas para a compreensão do passado. A natureza deste estudo é de cariz exploratório e interpretativo. De forma a dar-lhe seguimento, realizou-se um conjunto de atividades, que promoviam nos *exploradores* um exercício de reflexão. Através dessas reflexões, pretende-se responder às seguintes questões orientadoras:

- Qual é a importância da História para os alunos?
- Os alunos percebem a existência da História no currículo de estudos?

Com base nestas perguntas, estruturou-se o presente relatório de estágio, o qual procura fornecer uma visão da investigação realizada ao longo do ano letivo de 2020/2021. Portanto, este trabalho está estruturado da seguinte forma:

- o primeiro capítulo será dedicado à fundamentação teórica, onde irei expor a importância da disciplina de História para o ensino dos jovens, não só ao nível curricular e profissional, como também ao nível pessoal e humano. Segue-se a definição dos oito conceitos estruturantes desta investigação, que demonstram não só a importância da disciplina de História, como também vão servir de categorias de análise das diversas atividades colocadas ao longo da jornada.
- o segundo capítulo será dedicado ao enquadramento empírico. Aqui dar-se-á a conhecer a região, o local e a amostra desta investigação. Será abordada a importância e o impacto do docente, não só com base na teoria, mas também fundamentando na minha prática docente. Explicar-se-á a metodologia aplicada à recolha dos dados, assim como as diversas atividades realizadas e os respetivos objetivos.
- o terceiro será dedicado à reflexão face aos resultados obtidos, em função dos oito conceitos estruturantes estabelecidos.

- por fim, no último capítulo, iremos fazer algumas considerações finais.

1. *Grande Rota pelos trilhos históricos*

Esta GR divide-se em dois caminhos, cujos trilhos se cruzam e interligam. Trata-se de percursos circulares, pelos quais nunca chegamos à meta da mesma forma que iniciamos. Por isso, os mais inexperientes podem estar convictos de que muito dificilmente se vão perder. Assim, vamos percorrer a rota dos pontos cardeais e a rota dos pontos colaterais.

Como **pontos cardeais** temos:

- Desenvolvimento pessoal e autonomia;
- Bem-estar, saúde e ambiente;
- Relacionamento interpessoal;
- Pensamento crítico e pensamento criativo.

E como **pontos colaterais** temos:

- Empatia histórica;
- Consciência histórica;
- Multiperspetiva;
- Cultura democrática.

Não existe uma hierarquia de importância entre os vários pontos da Rosa dos Ventos, nem entre os pontos cardeais e colaterais. Todos têm igual importância. A escolha dos trilhos a percorrer foi determinada pelo objetivo da GR: Pelos Trilhos da História, perceber o que se aprende e o que se leva (para a vida). Ao preparar-se esta jornada, analisou-se o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* e, através da sua leitura, percebeu-se a importância de realizar a Rota da Rosa dos Ventos. Num mundo em constante transformação, ter uma bússola de orientação será vital ao sucesso da viagem. Estabeleceram-se como pontos cardeais o desenvolvimento pessoal e autonomia, determinante ao bem-estar, saúde e relação com o ambiente, dependente e auxiliar do

relacionamento interpessoal, assim como um pensamento crítico e criativo. Sendo esta uma Rota Histórica, determinou-se que os **pontos colaterais** teriam de ser a Empatia e a Consciência histórica, a par do desenvolvimento da Multiperspetiva, a fim de alcançar uma Cultura Democrática.

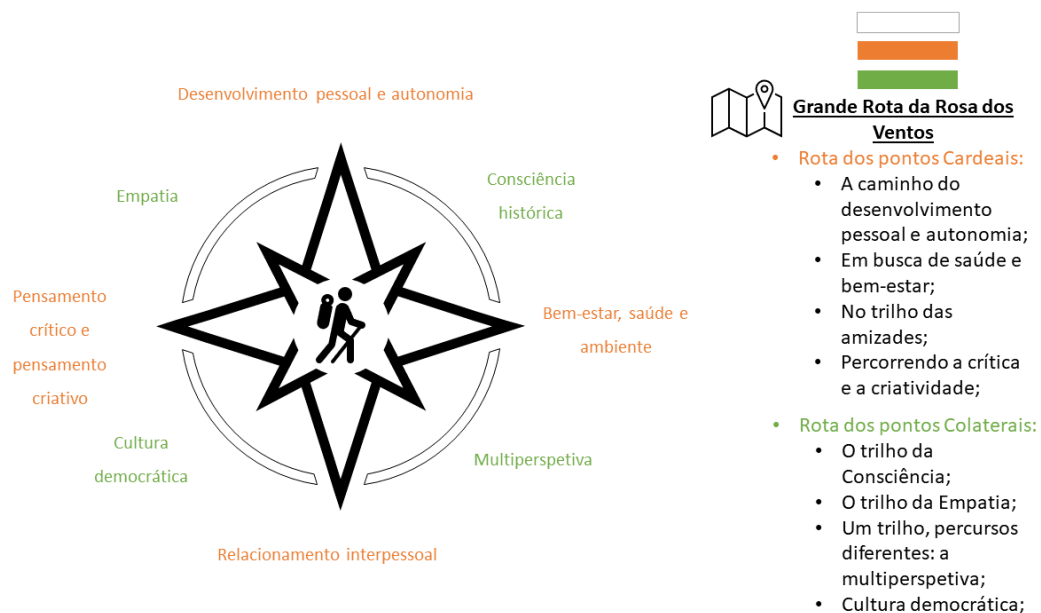


Figura 1: Grande Rota da Rosa dos Ventos (elaboração própria)

Mas antes de conhecermos com pormenor estas rotas, há que ter em consideração a historicidade destes percursos.

1.1. A importância histórica da jornada

Tenho um carinho muito especial pela História, mas para além do gosto pelos conteúdos, defendo que, de facto, esta disciplina fornece um conjunto de valores e competências de base, que incrementam o crescimento e desenvolvimento pessoal do indivíduo, preparando-nos para os difíceis trajetos que enfrentaremos ao longo da nossa jornada, numa sociedade cada vez mais global, complexa e multicultural.

Tal como refere Silva (2018), “o ensino da História tem vindo a caminhar para uma maior preocupação, para que o aluno compreenda e se envolva com a História, e não tanto que a saiba debitar. Utilizar unicamente a abordagem expositiva/explicativa da matéria já não tem lugar nas aulas. Por conseguinte, o professor de História deve ter em conta as necessidades, características e estilos de aprendizagem dos alunos, adaptando as suas aulas a elas” (p. 37). Não é um trabalho independente, mas um trabalho em equipa, onde todos colaboramos para as jornadas uns dos outros, tanto no presente, como no futuro.

Nesta GR, e como já foi referido, será inevitável entrarmos em contacto com diferentes culturas, raças, valores, ideologias, que coexistem num mesmo espaço. Isso exige de nós atitudes de respeito, tolerância e compreensão para que esta diversidade não se torne num motor de conflitos, pondo em causa este ecossistema (Ferreira, 2009). Por isso é que, enquanto disciplina, a História tem uma função muito particular, desempenhando um importante papel na formação do jovem. Moreira (2001) defende que a História contribui, numa vertente informativa, “com uma perspetiva global da evolução da humanidade, mostrando a pluralidade dos modos de vida, valores e sensibilidades em distintas épocas e lugares, a fim de os alunos compreenderem melhor o mundo atual” e, por outro lado, numa vertente formativa, contribui para o desenvolvimento de capacidades de análise e de síntese, de hábitos de pesquisa, de debate e, ainda, para um espírito crítico e criativo.

Tal como Alves (2009) refere, percorrer esta GR terá um forte contributo na nossa identidade:

É a História que nos fornece as origens, as genealogias, as ligações, as persistências. É ela que nos legitima as boas causas e denuncia as más experiências. É ela que permite um conhecimento mais realista e racional do presente pela compreensão das raízes do passado. [...] A irreverência consciente passa pela compreensão da nossa identidade e esta passa pelo papel da História na nossa formação. É o conhecimento do passado que garante o sucesso do exercício da cidadania (p. 21).

Oferece um conjunto de valores, tal como a tolerância e solidariedade, que quando aplicado, nos permite compreender o passado para, assim, perceber melhor o presente, favorecendo a nossa integração nesta sociedade multi/intercultural e global em

que vivemos. Mas não só desenvolve conhecimento, como também contribui para desenvolver a nossa própria opinião, sobre os mais variados assuntos.

Não fomenta apenas a nossa orientação. Como já referido, dá-nos competências. Alves (2001) também defende que

saber comunicar, ser capaz de trabalhar com os outros e gerir e resolver conflitos são hoje as características necessárias a uma efetiva integração social. Também aqui os exemplos que o passado da humanidade nos fornece alargam o nosso campo de experiência [...], aumentando a frieza e a racionalidade das decisões (p. 30).

Daí Silva (2018) referir que “a História ajuda a preparar o jovem para a mudança e, por isso, ela deve acompanhar a realidade do mundo atual adotando estratégias novas e diversificadas” (p. 34).

Esta viagem é conhecida por muitos. Porém, por falta de experiência partimos, por vezes, com um conjunto de pressupostos, herdados de outros, que nem sempre correspondem à realidade. Assim, Isabel Barca (2001) alerta que, enquanto guias, devemos estar conscientes que nós, como os nossos *exploradores*, temos um conjunto de ideias relacionadas com a História mal fundamentadas e, até, deturpadas, resultantes dos discursos e atitudes provenientes do nosso meio familiar, da comunidade local e dos media, que, apesar de constituírem fontes importantes para o conhecimento histórico dos jovens, a escola não deve ignorar. Como destaca Barca (2007), vamos ser “confrontados com diversas visões do mundo, por vezes em conflito entre si – tanto do passado como do presente – e que muitas vezes colidem também com os nossos conhecimentos, interpretações e emoções” (p. 5). Por isso, o guia deve ter isso em conta, de forma a desconstruir preconceitos. E o que aprendi nesta jornada, que decorreu durante o ano letivo de 2020-2021, é que tal herança não deve ser ignorada, não só pelo motivo já apontado, mas também porque constitui um elemento de aproximação e de concentração dos participantes.

A História também fomenta valores e competências. Subjaz à formação da nossa identidade, através do conhecimento, compreensão e espírito crítico, educando em nós a interpretação das mensagens que são transmitidas pela sociedade, contribuindo para a formação de cidadãos, capazes de viver em democracia e em harmonia com o ecossis-

tema (Ferreira, 2017). A disciplina de História também incita a um pensamento fundamentado, evitando leituras ingênuas da realidade, pois desenvolve competências de avaliação e de seleção da informação.

As aulas não se devem limitar ao desenvolvimento do pensamento histórico, mas também a uma preparação para o presente, pois através da aprendizagem da interpretação de fontes e a comparação de pontos de vista diferentes, os alunos acabam por adquirir essa capacidade e trazê-la para a atualidade (Ferreira, 2017, p. 46).

Tendo isto em conta, esta jornada envolveu debate e comunicação constante pois, tal como refere Isabel Barca (2007), tais metodologias são essenciais para envolver os exploradores no ato de pensar historicamente.

Alves (2016) refere que a História concede “uma visão mais humanista do tempo (através da empatia) e do nosso tempo (através da capacidade de pensar historicamente) garantindo assim uma interpretação consciente e comprometida com a contemporaneidade (vertente temporal) e com o espaço/contexto onde nos inserimos (vertente espacial)” (p. 17). O *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* partilha esta ideia. Refere que “um perfil de base humanista significa a consideração de uma sociedade centrada na pessoa e na dignidade humana como valores fundamentais” (*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 2017, p. 6).

O Conselho da Europa (2016) também se aproxima desta ideia, destacando que o estudo da História estimula os alunos a:

- Tomar consciência das vivências do passado, como meio para compreender os processos sociais e políticos do mundo atual;
- Desenvolver competências, como por exemplo, o desenvolvimento do espírito crítico, a compreensão de diferentes perspetivas e a abertura à diversidade e tolerância;
- Aprofundar o seu papel de cidadãos, de uma localidade, país, continente e mundo;

- Interiorizar a importância da paz, ao conhecerem a diversidade de culturas, que interagem entre si, num mundo cada vez mais globalizado (citado por Silva, 2018, p. 35).

Alves (2016) explica o efeito da aprendizagem da História da seguinte forma:

atenta ao outro, próximo ou distante, e que se esforça por o entender, permitirá depois mudanças de escalas espaciais e temporais [...] garantindo uma visão mais humanista do mundo. Povoado por gente como nós que noutros espaços e noutros tempos viveram, decidiram, deixaram marcas que nós temos de nos esforçar por compreender, tornando-se essa compreensão mais fácil quando abordamos esse passado com um pensamento histórico, consciente e geneticamente capaz de ser diferente, único, mas ao mesmo tempo mais universal, porque mais humano (p. 15).

Ao adotar uma visão mais humanista do mundo, será mais fácil que o explorador assuma, conseqüentemente, valores e competências humanas. Para além disso, é inevitável destacar que a História tem a capacidade de diminuir alguns dos maiores males do mundo – os defeitos da personalidade humana. Tal decorre do desenvolvimento da compreensão, da tolerância, do espírito crítico e da ação, acabando com aquela que é a tendência para julgar o outro (e a nós próprios), ignorando-o e rebaixando-o. Graças a este contributo, Alves (2009) defende que a História tem uma função social. Este mesmo investigador destaca a opinião de José Mattoso, que disse que:

[...] o que interessa não é gostar da História, mas estar convencido que **sem ela não se pode compreender o mundo em que vivemos [...]**. É a História que nos habitua a **descobrir a relatividade das coisas, das ideias, das crenças e das doutrinas**, e a detetar por que razão, sob aparências diferentes, se voltam a repetir situações análogas, se reproduz a busca de soluções parecidas ou se verificam evoluções paralelas. [...]. (Mattoso, 1999, citado por Alves, 2009, pp. 20-21). **(negrito nosso)**

José Mattoso refere algo que todos nós, enquanto guias e *exploradores*, devemos ter em conta - que, independentemente do que acreditamos, defendemos e fazemos, não podemos esperar que o outro siga o nosso exemplo. Já referi a minha visão quanto à disciplina e expus alguns dos fatores que fundamentam a minha opinião. Porém, enquanto professora de História, não posso esperar que todos os meus alunos partilhem a minha

opinião e gosto. No entanto, tal como destaca Mattoso, é da minha responsabilidade mostrar-lhes porque devem estar conscientes da importância da História.

Recentemente, em conversa com a professora Cláudia Ribeiro, que orientou este relatório de estágio, a própria fez a seguinte observação: “o contributo da História está a par do da Medicina: não acaba com a morte, mas através da compreensão do que leva à mesma, é possível construir estratégias com vista ao prolongamento da vida. No caso da História, não acaba com os males do mundo, não se atinge a perfeição social, não se evita o erro, mas dá ferramentas para diminuir tais aspetos e percorrer novos caminhos ou os mesmos, de formas diferentes”.

E tendo em conta a importância da História, estamos aptos a avançar na exploração pelas rotas dos pontos cardeais e colaterais.

1.2. Na rota dos pontos cardeais

Estes pontos cardeais basearam-se nos pressupostos definidos pelo *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

Este documento defende que o ensino deve ter uma base humanista, de forma a que o aluno construa a sua identidade em função dos valores e competências associados a essa mesma base, assim como também intervenha na vida e na história dos indivíduos e das sociedades, através da tomada de decisões livres e fundamentadas, acerca de questões de ordem ambiental, social e ética, adquirindo também a capacidade de participação cívica, ativa, consciente e responsável (*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 2017, p. 10).

Tal documento está estruturado em Princípios, Visão, Valores e Áreas de Competência. Os princípios que dizem respeito à nossa viagem são:

- Base Humanista, que pretende construir “uma sociedade mais justa, centrada na pessoa, na dignidade humana e na ação sobre o mundo enquanto bem comum a preservar” (p. 13);
- Adaptabilidade e ousadia, essencial ao século XXI, que exige capacidade de adaptação a novos contextos e a novas estruturas, mobilizando as

competências, mas que também exige capacidade para atualizar conhecimento e desempenhar novas funções.

Estes implicam competências, as quais dão nome aos trilhos dos pontos cardeais:

- **Pensamento crítico**, que envolve observar, identificar, analisar e dar sentido à informação, às experiências e às ideias, assim como argumentar a partir de diferentes premissas e variáveis; e o **pensamento criativo**, que envolve gerar e aplicar novas ideias em contextos específicos, abordando as situações a partir de diferentes perspetivas, identificando soluções alternativas e estabelecendo novos cenários.
- **Relacionamento interpessoal**, que diz respeito à interação com os outros, a qual ocorre em diferentes contextos sociais e emocionais, e permite reconhecer, expressar e gerir emoções, construir relações, estabelecer objetivos e dar resposta a necessidades pessoais e sociais.
- **Desenvolvimento pessoal e autonomia**, que se refere aos processos através dos quais os alunos desenvolvem confiança em si próprios, motivação para aprender, autorregulação, espírito de iniciativa e tomada de decisões fundamentadas, aprendendo a integrar pensamento, emoção e comportamento, para uma autonomia crescente.
- **Bem-estar, saúde e ambiente**, que procura promover, criar e transformar a qualidade de vida do indivíduo e da sociedade.

Pretende-se integrar o jovem na sociedade contemporânea, dando-lhe qualificações individuais e preparando-o para ser um cidadão democrático. Para tal, o aluno deve:

- estar munido de múltiplas literacias que lhe permitam analisar e questionar criticamente a realidade, avaliar e selecionar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia a dia;
- ser livre, autónomo, responsável e consciente de si próprio e do mundo que o rodeia;
- ser capaz de lidar com a mudança e com a incerteza num mundo em rápida transformação;

- estar consciente da importância e o desafio oferecidos conjuntamente pelas Artes, pelas Humanidades e pela Ciência e a Tecnologia para a sustentabilidade social, cultural, económica e ambiental de Portugal e do mundo;
- ser capaz de pensar crítica e autonomamente, criativo, com competência de trabalho colaborativo e com capacidade de comunicação;
- estar apto a continuar a aprendizagem ao longo da vida, como fator decisivo do seu desenvolvimento pessoal e da sua intervenção social;
- estar preparado para conhecer e respeitar os princípios fundamentais da sociedade democrática e os direitos, garantias e liberdades em que esta assenta;
- ser capaz de valorizar o respeito pela dignidade humana, pelo exercício da cidadania plena, pela solidariedade para com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático;
- estar capacitado para rejeitar todas as formas de discriminação e de exclusão social (*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 2018, p. 16).

Esta educação humanista defende, ainda, os seguintes valores:

- Responsabilidade e integridade;
- Excelência e exigência;
- Curiosidade, reflexão e inovação;
- Cidadania e participação;
- Liberdade.

O *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* implica acreditar que a adoção destes princípios, valores e áreas de competências irá alterar o panorama pedagógico e didático, preparando o aluno para um novo mundo, mais globalizado.

Vamos, assim, conhecer, com pormenor cada trilha desta rota dos pontos cardeais.

1.2.1. A caminho do desenvolvimento pessoal e autonomia

Desenvolvimento = “1. ato ou efeito de (se) desenvolver; 2. passagem de um estado a outro, de tal modo que o seguinte é sempre mais perfeito do que o anterior; progresso, evolução; 3. (...) crescimento.”³

Individuação = “processo que conduz o indivíduo à construção da sua identidade. É a procura de particularidades e da singularidade. (...) Segundo Jung, todos os indivíduos possuem uma tendência para a individuação ou autodesenvolvimento. (...) significa tornar-se um ser único, homogéneo.”⁴

A grande maioria de nós deseja ser o nosso melhor, rumar ao sucesso, pessoal e profissional, num processo sem fim. Trata-se de um percurso contínuo e, até morrer-mos, vivemos diversas vidas, com o intuito de construirmos a nossa identidade, isto é, de sabermos quem somos. Mas todos os dias somos alguém diferente do indivíduo de ontem e do que há de vir. Estamos em constante desenvolvimento porque aprendemos algo novo, que nos muda ou que nos faz crescer. E este desenvolvimento ocorre, em paralelo, num mundo em permanente mudança. Todavia, por vezes, essa mudança pode “tirar-nos o chão”. Por isso, os jovens têm de ser preparados para o desconhecido e para a imprevisível adaptação.

Enquanto, até há algumas décadas, os indivíduos sabiam o que os esperava no futuro, herdando da família, muitas vezes, uma espécie de “manual de sobrevivência”, isto é, um programa para a vida (profissão, negócio, religião, etc.), mais presentemente os jovens vivem um horizonte de futuro de contornos pouco claros. Paulo Santos (2017) explica, com base nas propostas do sociólogo Zygmunt Bauman (2001), que

“as sociedades atuais caracterizam-se pela individualização, uma das principais características que estrutura os processos de transformação social. Se a criação do indivíduo pode ser considerada uma marca incontornável da modernidade, a individualização constitui uma dimensão extrema

³ Porto Editora – desenvolvimento na Infopédia[em linha]. Porto: Porto Editora. [consultado a 2021-07-08 20:42:28]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/desenvolvimento>

⁴ Porto Editora – individuação na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consultado 2021-07-08 20:43:07]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$individuacao](https://www.infopedia.pt/$individuacao)

desta tendência (...). Os indivíduos ganharam maior liberdade de escolha (...). De facto, eles confrontam-se com um leque de escolhas a partir das quais têm que organizar o seu percurso de vida que não tem paralelo na história humana e a partir de idades cada vez mais precoces” (p. 92).

As transformações são quase desconhecidas, dada a velocidade em que ocorrem e se processam (Lima, 2017) e o “manual de sobrevivência” que os jovens herdaram, muitas vezes orientador do processo de individuação, já não lhes é útil para o seu futuro. Em contrapartida, ao contrário dos seus pais, e apesar de não ser algo exclusivo das novas gerações, estas herdaram uma maior liberdade e variedade de escolhas, desde muito cedo. Mais do que nascer, o jovem tem como grande preocupação determinar o que ser e o que fazer. E é o próprio que tem de decidir, dada a sua liberdade. Porém, não se trata de uma tarefa fácil, na medida em que as escolhas são múltiplas. Para além disso, ao contrário do passado, o jovem atual será, à partida, livre de condicionantes impostas pela tradição ou comunidade de origem; possuindo recursos próprios ou terá meios para os obter, a fim de gerir a sua vida, de acordo com planos de curto prazo, decisões a tomar, objetivos a alcançar, podendo sempre avaliar o seu cumprimento e reiniciar.

Porém, se o jovem não desenvolver, desde cedo, um conjunto de competências, que lhe permita escolher com consciência e responsabilidade, então tal multiplicidade pode colocar o indivíduo em crise por não saber por onde começar e, consequentemente, prejudicar o processo de individuação.

Daí a Escola ser tão importante. Ao ensinar competências/ferramentas basilares estará a ajudar o jovem a tomar escolhas conscientes e fundamentadas para o futuro. E como a Escola está presente numa fase determinante na vida do indivíduo, e por um longo período de tempo, então esta terá um papel fundamental no desenvolvimento e autonomia do jovem.

Beck e Beck-Gernsheim (2003) explicam que

Para [tirar partido] [d]as modernas vantagens sociais **cada um tem que realizar algo, fazer um esforço ativo**. Tem que ganhar, **saber como afirmar-se** na competição por recursos limitados — **e não apenas uma vez, mas dia após dia** (Beck e Beck-Gernsheim, 2003, citados por Santos, 2017, p. 93). **(negrito nosso)**

O sucesso deste percurso reside no esforço e dedicação contínuos, assim como no fomento, desenvolvimento e mobilização das características pessoais do indivíduo, como o empreendedorismo, a tenacidade, a flexibilidade, a adaptabilidade, a resistência, de forma a lidar com os obstáculos e desafios do dia a dia, tal como a frustração e situações instáveis, como caminhos impedidos e que obrigam a alterações de percurso, perigos e incertezas biográficas. Tal como explica Santos (2017), estas características outrora “predefinidas no quadro de relações familiares, das comunidades e de regras sociais ou de classe, têm de ser agora compreendidos, interpretados e processados pelos próprios indivíduos” (p. 93), num momento em que a atualidade se pauta pela fragmentação, descontinuidade e imprevisibilidade.

Dada esta circunstância, Giddens (1996) defende que a formação da identidade é, nas circunstâncias atuais, um exercício reflexivo mais ou menos permanente.

Por isso, realizar esta rota terá um forte contributo no futuro pessoal e profissional do *explorador*. Dado os desafios associados, e as respetivas competências alimentadas, espera-se que o indivíduo fique preparado para uma trajetória profissional marcada pela instabilidade. Os *exploradores* estão cada vez mais conscientes da imprevisibilidade profissional, das alternâncias entre períodos de emprego e de desemprego. Para além disso, os *exploradores* dificilmente irão ter um emprego para a vida. Em oposição, possivelmente terão diversos empregos e, até, profissões, obtidos, muito provavelmente, à custa de um esforço individual, no decurso da sua vida ativa (Santos, 2017).

Mas, para além do desenvolvimento, também é exigida autonomia. A autonomia resulta da capacidade de o indivíduo interiorizar valores, sobretudo morais, e condutas sociais. Contudo, há que ter em conta que a autonomia não implica independência face ao outro, pelo contrário. Desenvolver autonomia envolve a integração da reciprocidade entre os indivíduos, da noção de inter-relação e de interdependência.

Na gestão de carreira, a autonomia é muito importante. Tractenberg, Streumer e Zolingen referem que interfere na “capacidade de gerir a sua carreira, de escolher os objetivos de vida, de aprendizagem e de experiências de trabalho de forma a manter a sustentabilidade de carreira” e, por tais motivos, “tornou-se uma das competências estratégicas mais cruciais que deve ser dominada” (Tractenberg, Streumer e Zolingen, 2002, citados por Santos, 2017, p. 93).

Assim, é vital ajudar o jovem neste processo de desenvolvimento de autonomia que, por sua vez, o conduzirá à individuação, isto é, à construção da sua identidade e, respetivamente, do seu *self*.

A História tem um papel muito importante na construção do *self*. Paulo Santos (2017) explica que este conceito assenta numa dimensão narrativa, na qual a forma e o processo usado pelo próprio conferem um sentido de individualidade e, respetivamente, de identidade. Como qualquer narrativa, o *self* pode construir-se e reconstruir-se através das histórias que conta. Mas essas histórias têm sempre um começo, uma origem. Se o indivíduo estiver consciente das suas origens será muito mais fácil começar, determinar o enredo que pretende e perspetivar um fim.

Claro que há cuidados a ter. E é por isso que percorremos uma *Grande Rota*, cheia de trilhos interligados – não só estes se complementam, como procuram chegar ao mesmo ponto: a aprendizagem e a aquisição de competências para a vida. E o ensino da História muito tem a oferecer na preparação desta jornada.

1.2.2. Em busca de saúde e bem-estar, num ambiente que é comum

Este trilho conecta-se com o anterior. Schmuck, Kasser e Ryan (2000) referem que o bem-estar se relaciona com o autoconhecimento do indivíduo. Alguém consciente de si e do meio sentir-se-á menos perdido, mais motivado e bem-sucedido na procura e concretização de objetivos. Em termos psicológicos e emocionais, é uma mais-valia e esse impacto exerce, consequentemente, influência sobre o nosso bem-estar físico. Assim, a partir deste ponto, podemos observar a interligação com o trilho da Consciência Histórica.

E se estamos bem connosco próprios, tanto ao nível psicológico, emocional e físico, maior será a tendência para termos uma relação saudável com o ambiente que nos rodeia, aspeto que nos permite visualizar o trilho das amizades.

Por isso é que o bem-estar tem adquirido uma importância crescente na sociedade em geral e o seu papel, tanto na integração do indivíduo na sociedade, como na adaptação dos estudantes, tem vindo a ser cada vez mais valorizado. “Entre os fatores

que contribuem para a (in)adaptação e para o (in)sucesso escolar encontram-se não apenas dimensões académicas, mas também um leque mais vasto de comportamentos, pensamentos e afetos, entre os quais se destaca o bem-estar” (Lemos, Coelho e Soares, 2011, p. 19-23). Assim, no contexto escolar, o bem-estar tem sido considerado como condição facilitadora do sucesso académico, como indicador da adaptação escolar mais geral dos estudantes e como finalidade educativa, importante em si mesma.

Iolanda Galinha e Pais Ribeiro (2005) explicam que o Bem-Estar é uma dimensão positiva da Saúde. Porém, é um conceito complexo, que integra uma dimensão cognitiva e uma dimensão afetiva, abrangendo conceitos e domínios como a Qualidade de Vida, o Afeto Positivo e o Afeto Negativo. O conceito de Bem-Estar terá cerca de 45 anos, derivado de estudos que procuravam analisar variáveis como a satisfação e a felicidade. Inicialmente, esteve relacionado com a posse de bens-materiais, devido à influência económica, uma vez que “os economistas identificavam o Bem-Estar com o rendimento” (p. 205). Porém, neste relatório, será valorizado o conceito de Bem-Estar Subjetivo, em detrimento do material. Esse inclui uma variedade de construtos subjetivos, tais como a felicidade, o prazer, a vitalidade, a energia, a satisfação com a vida, com o trabalho, com as relações interpessoais, a liberdade política, entre outros. Esta ideia foi defendida por Veenhoven (2000) e, com base neste, Iolanda Galinha e Pais Ribeiro enfatizam que existe uma relação entre os conceitos de qualidade de vida, bem-estar, felicidade, utilizados até como sinónimos (p. 208).

O bem-estar tem sido cada vez mais valorizado nas culturas democráticas, pois “espera[-se] que as pessoas vivam as suas vidas de modo a que elas próprias se sintam preenchidas, segundo os seus próprios critérios”. Cada vez mais, variantes como a Satisfação com a Vida e a Felicidade têm sido classificadas como extremamente importantes, até do que os rendimentos (Diener & Biswas-Diener, 2000, citados por Galinha e Ribeiro, 2005, p. 212)

Estes aspetos também são valorizados pelo *Perfil dos Alunos*, até porque exercem influência no empenho e na realização académica dos estudantes, assim como na adaptação geral dos próprios. Além disso, têm um forte impacto na autoestima, que funciona como fator de proteção face a eventos negativos, prejudiciais ao bem-estar, e que podem ter como consequências doenças de foro psicológico (Lemos, Coelho e Soares, 2011).

Por esse motivo, o *Perfil dos Alunos* defende que o ensino deve promover, criar e transformar a qualidade de vida do indivíduo e da sociedade, enfatizando o incremento do bem-estar, da saúde e da relação do aluno com o meio. Para tal, a Escola deve ajudar os *exploradores* a desenvolverem e utilizarem ferramentas que lhes permitam perceber e questionar o mundo e, consequentemente, fazer melhores escolhas. Tais ferramentas são variadas, mas o *explorador*, para a realização desta trajetória, irá receber uma formação que valoriza os comportamentos que, para lá do bem-estar, envolve também a saúde e o meio, e que são fruto dos hábitos quotidianos. Na prática, o *explorador* irá adotar comportamentos que manifestam consciência e responsabilidade ambiental e social, trabalhando colaborativamente para o bem comum e para o seu próprio bem-estar.

Desta forma, ao desenvolver consciência do motivo, objetivo e meta a alcançar, irá compreender os equilíbrios e as fragilidades do mundo natural. Assim, o próprio poderá agir em função dessa herança, podendo escolher continuar ou fazer uma rutura com a mesma, mas tem a noção da responsabilidade inerente, a fim de cultivar o Bem-Estar Subjetivo e cuidar do ambiente que o rodeia.

Portanto, ao realizar este trilha, pretende-se ter em conta como se encontra o *explorador* e o seu bem-estar, tendo aqui o guia no terreno um papel importante. O objetivo é que, ao fomentar o bem-estar do *explorador*, esse desenvolva a responsabilidade e consciência dos seus atos e decisões, e os respetivos impactos na sua saúde, no seu bem-estar e no ambiente, de forma a integrar-se na sociedade.

1.2.3. No trilha das amizades

Já visualizámos este trilha a partir do desenvolvimento pessoal e da autonomia, do nosso bem-estar, e vamos vê-lo em outras etapas que se seguem. De facto, é difícil dissociá-lo dos vários aspetos da nossa vida porque nascemos e vivemos em comunidade, sendo as interações sociais inevitáveis e onnipresentes. Por isso, há que ter presente que esta não é uma jornada solitária.

Apesar de se intitular “trilha das amizades”, é também conhecido como relacionamento/relações interpessoais. Desde que nascemos, até ao dia em que morremos, as relações que temos com outros estarão sempre presentes, independentemente do grau de

proximidade. E têm um papel vital no sucesso pessoal, acadêmico e profissional do indivíduo. O relacionamento interpessoal é tão importante ao ponto de Howard Gardner, quando formulou a sua teoria das Inteligências Múltiplas, na sua obra Estruturas da Mente, em 1983, considerar esta capacidade como uma das várias inteligências múltiplas.

Como o termo indica, relação interpessoal implica um relacionamento que se estabelece entre duas ou mais pessoas. Procura-se que tal relacionamento seja positivo, sendo pautado pela colaboração, cooperação e interajuda, tanto no meio familiar, escolar e comunitário. O sucesso das nossas relações com os outros depende também da nossa capacidade de empatia (um dos nossos pontos colaterais) e do sentido crítico (o nosso próximo trilha), de forma que, sendo o explorador um ser social, se faça acompanhar, na jornada, pelas pessoas certas.

Na adolescência, o estabelecimento e desenvolvimento de relações com outros torna-se cada vez mais importante na construção da identidade e da autonomia do indivíduo. É nesta fase que o jovem vive, de forma intensa, as mudanças internas, que decorrem do processo de crescimento. Destacam-se, por exemplo, as alterações corporais e os novos rumos académicos, resultantes da progressão dos estudos (Soares & Campos, 1985, p.152).

Isabel Soares e Bártolo Campos (1985) referem que é na adolescência que mais se sente a mudança que ocorre nas relações entre os jovens e a sua família. As ligações e o afeto que conectam o adolescente às figuras parentais modifica, com mais ou menos intensidade. E é nesta fase que o jovem mais se aproxima dos seus pares. Mas o jovem deve ser crítico nessa proximidade, tal como referido anteriormente pois, o sucesso da viagem depende dos contactos que estabelecemos (Soares & Campos, 1985, p. 152).

Um terceiro fator que faz da adolescência uma fase determinante na capacidade de relacionamento interpessoal é por esta estar associada ao processo de experimentação e de transição, que implica explorar, escolher e arriscar. É um desafio e pode trazer alguma ansiedade ao jovem pois, tanto pode ser gratificante, como doloroso (em função das consequências que reproduz para o indivíduo), possuindo um forte impacto no seu crescimento pessoal (Soares & Campos, 1985, p. 152). Porém, o jovem não está sozinho. Para além dos seus pares, tem o apoio da família e da Escola.

Para além de conferir apoio, a Escola é, também, o local mais oportuno para o jovem *explorador* se preparar para enfrentar novas experiências e acontecimentos, e experimentar papéis de aprendizagem de novos comportamentos. Aqui entrará em contacto com diversos *exploradores*, que estão a viver, ou já viveram, experiências semelhantes (Soares & Campos, 1985, p. 152).

Mas a capacidade de relacionamento interpessoal também pode determinar o sucesso profissional do *explorador*. Robert Selman (1983), investigador que se dedicou a elaborar um método que ajudasse os adolescentes a desenvolver estratégias mais eficazes de relacionamento interpessoal, salientou que na idade adulta, ao nível profissional, quanto maior for a capacidade intersocial do indivíduo, melhor será a sua realização ao nível da gestão de empresas, diplomacia e administração. Inclusive, será mais bem-sucedido nas negociações interpessoais e em influenciar outros. Paralelamente, Coleman (1986) destacou que, para lá de saber relacionar-se com outros, o indivíduo irá “compreender claramente os sentimentos da outra pessoa, não permitindo que os seus constituíssem um obstáculo” (Coleman, 1986, citado por Sprinthall & Collins, 2011, p. 168). Assim, a forma como as pessoas compreendem e processam os seus próprios sentimentos, e os das outras pessoas, promove, tal como referido, o sucesso pessoal, académico e profissional do indivíduo.

Assim, percebe-se porque é vital que o *explorador* desenvolva as suas competências ao nível da interação com outros. O próprio deve, assim, ser capaz de assumir determinado comportamento, adequado a contextos de cooperação, partilha, colaboração e competição; trabalhar em equipa e saber comunicar presencialmente e em rede; interagir com tolerância, empatia e responsabilidade; assim como argumentar, negociar e aceitar diferentes pontos de vista, desenvolvendo novas formas de estar, olhar e participar na sociedade.

1.2.4. Percorrendo o espírito crítico e a criatividade

A criatividade não é algo inato. Desenvolve-se com o treino (Runco, 2014). Torrance conduziu vários estudos (1968, 1974, 1981), nos quais ligou a criatividade ao contexto educativo e constatou que a criatividade não é inteligência, mas uma dimensão

com identidade própria e fundamental ao cotidiano. Logo, não temos de ser *gênios* para sermos criativos.

Mariana Alves (2013) explica que o conceito de criatividade provém do latim *creātus* e *creare*, que significa fazer ou produzir ou, literalmente, crescer. Por isso, a criatividade está associada às ideias de “dar existência, tirar do nada, gerar, formar, dar princípio, produzir, inventar, imaginar, originar, causar” (Ferreira, 1986, citado por Alves, 2013, p. 17).

No entanto, este conceito é muito complexo e existe uma grande diversidade de definições. Assim, interessa ter em conta que, quando falamos em criatividade, falamos da produção de ideias originais e eficazes, diferentes, inovadoras, que façam sentido ou resolvam eficazmente algum desafio, pelo menos num dado momento e contexto socio-histórico (Alves, 2013). A criatividade é um processo, é trabalho e dedicação, é saber pensar *fora da caixa* com aquilo que se tem. Em suma, a criatividade parte da aquisição de conhecimento e da reflexão, que dará frutos com investimento nosso.

Para além de a criatividade se trabalhar, todos podemos ser criativos, produzir, inventar e ter novas ideias e objetos, como afirmam Vygotsky (1991) e Runco (2004, 2007). Porém, autores como Stein (1987), Treffinger (1987) ou Craft (2007) referem a necessidade de fazer uma distinção entre dois tipos de criatividade: a quotidiana (Little c) e a alta criatividade (Big C). Mariana Alves explica a diferença:

“criatividade quotidiana é a utilizada nos mais variados contextos, correspondente a qualquer indivíduo que assim expressa o seu potencial criativo, embora não seja socialmente reconhecido por isso. É assumida uma distribuição normal da criatividade se pensarmos na continuidade desta atividade quotidiana face à que rompe paradigmas correspondentes à alta criatividade. Esta última parece depender mais das áreas de realização e das regras que as caracterizam, bem como dos juízes que apreciam e julgam a sua novidade e valor dos produtos” (p. 19).

Portanto, devido à presença e necessidade que o pensamento crítico e a criatividade têm, ou podem ter, na nossa vida, apesar de serem enfatizados em último, não são menos importantes. Começamos pelo desenvolvimento pessoal e autonomia, mas sem ajudar o *explorador* a saber pensar de forma crítica e “fora da caixa”, este poderá escolher acreditar, tomar decisões e, até, não se adaptar à mudança porque não conseguiu

distinguir e utilizar a informação mais oportuna e a seu favor no momento da tomada de decisões. Para além disso, sem desenvolver a sua criatividade, terá maior dificuldade em se adaptar a um meio em constante mutação. Por isso, o pensamento crítico e criativo é vital. Cas Holman, designer de brinquedos, disse algo que vai ao encontro desta necessidade:

Quero que as crianças usem a **imaginação em vez de seguirem instruções** (Holman, Abstract: The Art of Design, 2017).

Nesta expressão, a relação entre o pensamento crítico e a criatividade está implícita: há instruções a seguir, mas a imaginação e a criatividade não devem ser descuradas. Por exemplo, o ser humano não voa e essa é a instrução que vem no nosso ADN, mas isso não o impediu de criar tecnologia que o ajudasse a ter uma experiência próxima dessa capacidade: desde balões de ar quente, parapentes, aviões, paraquedas, *sky-dive*, entre outros, o ser humano lá se vai aproximando do céu.

Por isso, uma educação que contemple intencionalmente o desenvolvimento da criatividade é essencial. E é na Escola que os jovens passam mais tempo, daí o *Perfil dos Alunos* promover tal competência.

Sendo a frequência nas Escolas contínua, e tendo em conta estudos realizados por Torrance (1976), que referem que a adolescência é um período no qual se verifica um declínio nas competências criativas, nomeadamente por haver grande ênfase “nas expectativas do outro, fortes alterações pubertárias e cognitivas, acontecendo depois, ao longo desta faixa etária, um aumento de tais competências, ao qual a maior capacidade de abstração ou a construção de identidade não são alheios” (Guinard e Lubart, 2006, citados por Azevedo, Morais e Martins, 2017, p. 76), então a importância desta instituição inflaciona.

Neste caso, é importante que a Escola ajude os jovens a seguir a tendência inversa, através do fomento da criatividade. Há que apresentar instruções (ex. leis morais, físicas e sociais), mas ajudar o jovem a pensar que nada lhe é impossível. E a História tem tantos exemplos inspiradores nesse sentido!

Portanto, este percurso do espírito crítico e da criatividade é pautado pela abrangência e profundidade de elementos, que devem ser compreendidos, observados e analisados pelo *explorador*, através da lógica, e usados a fim de tomar uma atitude fundamentada.

O *explorador* é, então, convidado a usar os diferentes conhecimentos adquiridos, examinando-os com as lentes da crítica e da evidência, a fim de prever e avaliar a rota que se segue e desenvolver novas ideias e soluções, de forma imaginativa e inovadora, num mundo caracterizado pela mudança, rapidez e imprevisibilidade, exigindo a resolução célere de problemas.

É muito importante que o *explorador* invista em ferramentas de qualidade, porque a dificuldade do percurso vai testar a sua adequação. Por isso, avançamos para a Rota dos pontos Colaterais. Esta rota não só vai ajudar o *explorador* a encontrar, desenvolver e aplicar ferramentas com sucesso, fazendo História pessoal e, quem sabe, na vida de *outros*.

Mas também há que ter em conta que não fazemos nada sozinhos. Precisamos de trabalhar em equipa porque todo o progresso é baseado nessa capacidade. Pensando na tecnologia, nomeadamente num telemóvel, estamos perante um produto do trabalho cooperativo, porque a projeção e todos os componentes, visíveis e invisíveis, materiais e imateriais, foram pensados e criados por múltiplas pessoas. Ninguém faz um telemóvel sozinho, inclusive o invólucro. Estamos interligados e dependentes. E daqui, visualizamos a interligação com o Trilho das Amizades.

1.3. Na Rota dos pontos colaterais

Como já foi considerado na Introdução à Rota dos pontos cardeais, não existe uma hierarquia de importância entre os vários pontos da Rosa dos Ventos. Todos têm igual importância.

Os trilhos que percorremos de seguida pautam-se pela sua proximidade à História. Já se falou da importância desta área curricular. Através da sua aprendizagem, podemos ajudar os jovens a desenvolver múltiplas competências para a vida. Mais uma vez

recorda-se que a escolha dos pontos que se seguem foi determinada pelo objetivo de perceber o que se aprende e o que se apreende (para a vida).

De seguida, vamos andar pela **Rota dos pontos colaterais**, percorrendo o trilho da Consciência Histórica, seguido da Multiperspetiva e da Empatia Histórica, a fim de alcançar uma Cultura Democrática.

1.3.1. O trilho da Consciência

Há que ter algumas considerações gerais em conta. Vemos a nossa vida retrospectivamente. É com base no passado que traçamos a nossa trajetória no presente e a projetamos para o futuro. Por isso, o nosso passado condiciona o nosso futuro.

A nossa “arquitetura neurológica” (cujos alicerces são a cognição, a emoção e o desenvolvimento social) está formatada/definida pelo passado e essa é a importância da História: desenvolver consciência histórica pode influenciar a nossa trajetória futura.

Essa capacidade pode ser de grande ajuda na rutura de ciclos negativos ou, quando conscientes das vantagens de determinadas ideias e/ou ações, na sua respetiva manutenção. E é por esse motivo que lidamos com oito grandes conceitos. O nosso objetivo é sempre sermos a nossa melhor versão. Queremos progredir. Por isso, desenvolver a consciência do passado ajudar-nos-á a perceber se há ciclos a interromper, a fim de melhorarmos o nosso bem-estar, e da coletividade (pensando nas relações que temos no momento, e no futuro, assim como no alcance de um meio mais democrático), assim como no incentivo ao nosso desenvolvimento e autonomia. E tal implica sempre um pensamento crítico, multiperspetivado, a par de um pensamento criativo e empático.

Como referido anteriormente, a nossa identidade foi criada pelo passado histórico, tanto ao nível genético, como ao nível da nossa personalidade e comportamento. Tal contribui para o nosso bem-estar na medida em que sabemos quem somos.

Outro aspeto a ter em conta é que o passado é uma criação nossa. Observamos a História pelas nossas próprias lentes, e estar consciente disso é fundamental, pois estamos perante a nossa interpretação. Estudar história não é conhecer a realidade, mas a verosimilhança. Por isso, e como será adiante explicado, é muito importante usarmos o

pensamento crítico, a fim de identificarmos as evidências sobre o passado. Este cuidado será benéfico para a compreensão do passado.

Ana Moreira (2018) explica que o conceito de consciência histórica nasceu na primeira metade do século XX, no âmbito da teoria e da epistemologia da história e de outras ciências sociais, mas só alcançou o campo da investigação sobre educação histórica na década de 1970 (p. 63).

Tendo por base estudos realizados por Rüsen (2005), e na definição dada por Peter Seixas (Seixas, 2004), esta investigadora explica que a consciência histórica “diz respeito à capacidade de se estabelecerem relações significativas entre passado, presente e futuro, no contexto da vida prática dos indivíduos, sem que se menosprezem os valores e a dimensão ética inerente aos acontecimentos, que decorrem num particular ambiente social e cultural” (Moreira, 2018, p. 63). Lee (2003) contribui ainda para essa definição ao explicar que esta capacidade implica toda a informação que foi adquirida, sendo usada como ferramenta mental e de orientação no quotidiano. Em suma, podemos compará-la a uma espécie de bússola interior. Através dela podemos entender determinado contexto e situação, que está para além de nós e do nosso tempo, permitindo-nos refletir sobre as variáveis que exercem influência nos acontecimentos.

Helena Pinto (2019) também explica que esta capacidade é uma construção simbólica, isto é, “comporta um processo de apropriação simbólica do real” (p. 7). Está, por isso, associada ao processo de individuação (considerado no primeiro trilha do desenvolvimento pessoal e autonomia), por nos ajudar a construir uma identidade histórica. Mas, para além de desenvolvermos identidade, a consciência histórica também desenvolve (e implica para o seu desenvolvimento) a orientação temporal na vida.

Helena Pinto (2019), com base na investigação de Rüsen (2001), acrescenta que esta capacidade

inclui as operações mentais – emocionais e cognitivas, conscientes e inconscientes – através das quais o tempo, experienciado em forma de memória, é usado como meio de orientação na vida prática [...]. a consciência histórica não reduz o tempo com significado apenas ao passado [...]. A História, como conteúdo da consciência histórica, é uma relação entre presente e futuro, surgindo com e no

passado recordado. A consciência histórica é também estimulada e influenciada pelas experiências do presente, pelo que a sua função de atribuir significado está, em larga medida, dependente do contexto onde é produzida. Parte do presente para o passado e regressa ao presente com experiências para revelar o futuro como referência de ação (p. 7).

Ao encarmos a consciência histórica como uma ponte entre o passado, o presente e o futuro, vemos os acontecimentos como algo que não é estanque e tal aspeto, segundo Rüsen (2001), influencia o indivíduo a tomar decisões e a agir em função de uma consciência do que pretende para o futuro.

José Machado Pais (1999) vai ao encontro dessa funcionalidade por explicar a importância de desenvolver a consciência histórica da seguinte forma:

[...] Sem consciência histórica sobre o nosso passado (e antepassados...) **não perceberíamos quem somos**. Esta dimensão identitária - quem somos? - emerge no terreno de memórias históricas partilhadas. Por isso, **o sentimento de identidade – entendida no sentido de imagem de si, para si e para os outros** – aparece associado à **consciência histórica, forma de nos sentirmos em outros que nos são próximos**, outros que antecipam a nossa existência que, por sua vez, antecipará a de outros. Ao assegurar um sentimento de continuidade no tempo e na memória (e na memória do tempo) a consciência histórica contribui, deste modo, para a **afirmação da identidade – individual e coletiva** [...] (p. 1) **[negrito nosso]**.

Tomei a liberdade de colocar a negrito parte da explicação dada por João Machado Pais pois, através do seu contributo, podemos perceber como, partindo da tomada de *consciência*, podemos alimentar a *empatia*, mas também como essa mesma consciência contribui para o nosso autodesenvolvimento e autonomia, pois desenvolvemos auto-consciência e respetiva *identidade*, favorecendo a nossa integração na comunidade.

Dáí Heller (1993) e Rüsen (2001, 2010a) considerarem a consciência histórica como uma das condições essenciais ao pensamento, sendo transversal a todos os aspetos da vida humana (tempo, espaço e cultura).

Tal como uma bússola, a consciência histórica tem uma função prática. Se considerarmos como direções a nossa herança histórica, então, utilizando as suas indicações,

não só estamos a percorrer a nossa identidade, como também nos fornece uma conceção do curso do tempo, orientando o nosso dia a dia (Rüsen, 2005, citado por Moreira, 2018, p. 82).

Luís Alberto Alves (2009) acrescenta que desenvolvermos consciência histórica traz ainda outros contributos:

(...) o conhecimento do passado é um substituto da experiência; é um alargamento da experiência vivida; é uma introdução ao possível, ao provável e ao humano. Este sentido deve ajudar a saber ouvir os outros, a agradecer a partilha da experiência, a compreender que há outros valores, a evitar um sentido unívoco da vida, a garantir uma maior disponibilidade que evite o permanente atrito entre gerações. (...) a História permite também reviver o passado encontrando pontos de referência que diminuam a angústia e a incerteza do presente. (...). (p. 21)

Em suma, rentabilizamos esforços e tempo. Não só adquirimos conhecimento sem ter de passar pela experiência, como nos abre horizontes por nos ajudar a pensar nas possibilidades que temos diante de nós. Para além disso, fomenta positivamente as nossas relações intersociais ao desenvolvermos a compreensão e a escuta ativa; também contribui para o desenvolvimento de sentimentos de gratidão e de interajuda, mas acima de tudo contribui para a diminuição da incerteza quanto ao futuro e este ponto é muito importante, dada a constante transformação do quotidiano que experienciamos. Daí Luís Alves afirmar que o conhecimento do passado garante o sucesso do exercício da cidadania (Alves, 2009).

Tendo esclarecido a importância desta capacidade, há que desenvolvê-la e, para tal, Isabel Barca (2007) refere que é necessário

dominar determinadas competências historiográficas, construir uma narrativa consistente da condição humana (e não apenas do seu país) e reflectir (e agir? intervir?) em consonância com o esquema mental que cada um vai dinamicamente formando (p. 117).

O desenvolvimento da consciência histórica está intimamente relacionado com o desenvolvimento do pensamento histórico. Esta capacidade consiste em “construir conhecimentos do passado, próprios a serem utilizados, para se pensar e compreender a realidade social, tomando consciência da utilidade intrínseca de tal representação para o

uso prático e pessoal numa sociedade concreta” (Moreira, 2018, p. 59). Sublinho, mais uma vez, a interligação dos vários percursos que estamos a realizar pois, deste trilho vislumbramos o pensamento crítico e criativo, a empatia, a multiperspetiva e a cultura democrática, na medida que, tal como Ana Isabel Moreira (2018) explica, para pôr em prática o pensamento histórico, é necessário indagar e argumentar, de forma a alcançar uma “mais ampla compreensão, diacrónica e multiperspetivada, do mundo”. Consequentemente, tais competências permitiram ao explorador lidar com a “complexidade e incerteza inerentes ao passado e, depois, explicar os fenómenos históricos ou mesmo para uma essencial participação ativa, refletida e crítica nas sociedades democráticas, atuais, onde circulam inúmeras interpretações e conceções elaboradas” (p. 59).

E se é inevitável que o explorador entre em contacto com múltiplas, complexas e, por vezes, incertas interpretações sobre o passado, que implicam o presente, faz todo o sentido partir para o próximo trilho.

1.3.2. Um trilho, percursos diferentes: a multiperspetiva

Este trilho promete uma viagem única a cada explorador que o percorrer. É extremamente pessoal, envolvendo cuidados que devem ser tomados em consideração, de forma a tirar o maior proveito da viagem.

Como explicado no ponto anterior, a consciência histórica está intimamente relacionada com o nosso processo de individuação e implica o pensamento crítico. É comum, em algum ou em vários momentos da nossa vida, colocarmo-nos as seguintes questões: Quem queremos ser? Porquê? Qual é o nosso propósito? Para quê?

É a nossa consciência histórica a ser recrutada. Mas neste mundo em plena transformação, a informação de que dispomos, assim como a liberdade e a quantidade de opções, é quase que incontável. Por isso, é importante desenvolvermos a multiperspetiva.

Desde já, tal como refere Boff, na obra *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (1998), destaco a necessidade de estarmos conscientes para o seguinte: “cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo o ponto de vista é a vista de um ponto” (p. 9). Vamos sempre ser influenciados

pela nossa experiência, que determina a nossa visão. Porém, o desenvolvimento da multiperspetiva implica sermos capazes de ver para lá de nós e da informação que nos chega. Através do pensamento crítico e da consciência histórica, com base em evidências, temos a oportunidade de criar diferentes perspetivas sobre determinado acontecimento e/ou indivíduo. Aliás, o Conselho da Europa apresenta a multiperspetiva como uma das formas de fazer frente, nomeadamente, a um ensino da História tendencioso, pois

History is not a single set of facts; it is not one truth. History is a multifaceted mirror of the past; there **is never one true version of complex historical process** (Council of Europe, p. 1).

Mais uma vez vemos aqui a importância da História. Mas, se aplicarmos esse mesmo cuidado às nossas narrativas, sobre nós, os outros, o meio e os acontecimentos, tal competência revela-se vital.

Por isso, no final deste percurso, Frietzche promete que o explorador irá desenvolver a capacidade, ou estratégia de compreensão (“strategy of understanding”), necessária para levarmos em consideração a perspetiva, ou perspetivas, dos outros, para além da nossa, compreendendo o contexto passado, através de diferentes perspetivas” (Frietzche, citado por Stradling, 2003, p. 13) de forma a construir uma narrativa histórica aprofundada e consistente. A multiperspetiva ajudar-nos-á, assim, a fazer escolhas e a dirigir as nossas ações de forma mais consciente.

Mas a multiperspetiva não é apenas uma competência, como uma ferramenta, nomeadamente para o ensino da História, como refere Ann Low-Beer, no documento “The Council of Europe and School History” (1997). E a sua utilização, que conduzirá à consciência da pluralidade de perspetivas, permite fomentar um pensamento empático.

Porém, Chapman (2011) adverte que a multiperspetiva é ambígua, pois de nada vale se o conhecimento histórico não for sólido e pleno. Ana Carneiro (2020) explica que, de acordo com esse pressuposto, “pretende-se compreender o passado da mesma maneira que os indivíduos do passado o compreendiam. (...) ao incluir a questão da “multiperspetiva” numa sala de aula, permite-se instigar nos estudantes a significância que os eventos históricos tiveram e o impacto destes nas pessoas do seu tempo” (p. 39).

Hackmann (2017, 2019) ainda acrescenta que a multiperspetiva tem o potencial de mostrar que eventos históricos resultam das ações humanas, com base nas decisões tomadas por pessoas e nas informações tidas naquele momento. O *explorador* pode, com base nisso, entender que a qualidade da decisão depende da qualidade da informação, e esta última depende do pensamento crítico. Para além disso, irá perceber também que as decisões são baseadas em convicções e, possivelmente, em desejos ou medos. Logo, estar consciente desses aspetos ajudará à compreensão dos eventos. Assim, será mais fácil reconhecer, refletir e superar preconceitos, tal como formular uma nova perspetiva do presente.

Percorrer este trilho tem como objetivo ajudar os *exploradores* a aprender, a analisar e a interpretar diferentes perspetivas contrastantes, de forma a construírem um quadro completo de cada conteúdo do passado estudado (Stradling, 2003).

Tendo percorrido o trilho da consciência e da multiperspetiva, o *explorador* aproxima-se da próxima etapa: a empatia.

1.3.3. O trilho da Empatia

Souza (2009) explica que empatia deriva do termo “Einfühlung” (origem alemã), que significa “sentir como”. Apesar de este conceito ter sido criado pelo filósofo alemão Rudolf Lotze, ainda no século XIX, inspirou-se no termo grego “empathia”, que significa “entrar no sentimento”. É interessante ter, ainda, em conta a aplicação deste conceito no âmbito da estética, sendo utilizado para “designar a capacidade de perceber a experiência subjetiva de outra pessoa” (p. 23). Em História, Ferreira (2004) explica que

é muito mais que uma conquista: é **saber** o que alguém (ou algum grupo) **acreditou, valorizou, sentiu e procurou atingir**. É estar em posição de **entender (não necessariamente partilhar)** essas **crenças**, e estar em posição de considerar o **impacto dessas emoções (não necessariamente senti-las)**. Neste sentido, a empatia está intimamente relacionada com a compreensão (p. 7, citado por Silva, 2019, p. 19). **(negrito nosso)**

Desenvolver empatia histórica exige de nós dedicação porque não é uma competência inata, não é “uma faculdade especial” ou “um dom”, nem um processo. Parte da

nossa vontade, o que implica treino, esforço e disciplina. É uma conquista porque, através de um trabalho contínuo, alcançamos o pretendido, mas pode ser um desafio porque implica desenvolver a capacidade de compreender uma série de ideias (consciência histórica), o que inclui investimento (autodesenvolvimento). Porém, tais ideias podem gerar em nós conflitos, sobretudo quando discordamos delas (Ferreira, 2004). Isso acontece porque a empatia implica um exercício de descentramento dos valores e ideias do presente, a fim de compreender as realidades históricas, não se tratando de simpatia. Apesar de serem semelhantes, aplicam-se a contextos e conteúdos diferentes. Simpatia é o que sentimos e transmitimos, perante outros, e implica um sentimento de afinidade. Já a empatia não pressupõe aceitar e concordar com as ações dos sujeitos históricos, mas compreendê-las no tempo e no espaço em que decorreram. A empatia pretende dar sentido aos acontecimentos passados, de acordo com o pensamento da época, sem remover a capacidade de pensar criticamente sobre o agente histórico (Silva, 2018).

Através da componente comportamental, o *explorador* pode ser movido a tomar uma atitude e/ou ação, a favor, ou não, dessa compreensão. Na prática, o indivíduo irá analisar, interpretar e refletir acerca do passado, nomeadamente sobre um sujeito e/ou acontecimento, o que conduzirá à compreensão do mesmo. Mas isso, tal como refere Ferreira (2004), “implica um amplo conhecimento do respetivo contexto histórico e a interpretação de evidências históricas diversificadas e contempladoras de diferentes perspetivas, estando também vinculado o uso da imaginação histórica” (p. 26), aspeto mais adiante abordado.

Citando Lee e Shemilt, Maria Helena Veríssimo (2012) explica que a empatia não é uma forma misteriosa de “entrarmos nas cabeças” das pessoas no passado. É onde chegamos quando conseguimos, com base na evidência, **reconstruir as crenças e os valores das pessoas de forma a tornar inteligíveis as ações e as práticas sociais**. [...] Empatia não é partilhar os sentimentos das pessoas. Mas **podemos saber que sentimentos tinham as pessoas e o que pensavam**. A empatia não é uma “habilidade” (skill, no original) que possa ser praticada. É uma maneira de “**explicar**” formas de vida no passado, que eram diferentes das nossas, e uma “**disposição**” para reconhecer a possibilidade e a importância de as tornar inteligíveis (p. 42). **(negrito nosso)**

A empatia recruta a consciência histórica e a multiperspetiva, mas não só. A qualidade do seu desenvolvimento está dependente de outras capacidades, as quais trataremos pelo termo de *gadgets*. Estes são a capacidade de escolha e de análise de evidências históricas, a imaginação histórica, aliada à imitação.

No que concerne às evidências históricas, há cuidados a ter. Ferreira (2004), citando Lee (1984) e Boot et al (1986), afirma que “é errado fazer suposições acerca do passado baseando-nos nas nossas noções do século XX. As perspetivas das pessoas no passado são frequentemente perspetivas diferentes das nossas, não podendo ser interpretadas à luz das perspetivas atuais” (p. 19). Em suma, a *compreensão* do outro, baseada no *conhecimento* adquirido, não pode ser analisada utilizando as lentes do presente, mas através das evidências históricas, que são fornecidas pelas fontes históricas, bem selecionadas e fundamentadas, a fim de conhecer, com a maior veracidade possível, “o contexto do passado e os objetivos e motivações do agente histórico” (Silva, 2018, p. 12).

O papel do *explorador* assemelha-se ao de um historiador que, para “poder pensar empaticamente, [...] precisa de ter o maior número possível de informação viável sobre determinada época histórica e seus modos de pensar” (Ferreira, 2004, p. 17). Por esse motivo, Foster (2001) afirmou que o aperfeiçoamento desta metodologia era benéfico:

Sem dúvida alguma, os alunos que adquirem compreensões contextuais relevantes **estão em melhor posição para compreender os motivos pelos quais as pessoas no passado agiram daquela forma**. Além disso, estes alunos serão **capazes de melhor compreender como alguém no passado poderia interpretar documentos, relatos, ou informação relevante à sua época**. (Foster, 2001, citado por Ferreira, 2004, p. 17) **(negrito nosso)**

Assim, a necessidade e funcionalidade da evidência para a reconstrução correta do passado é essencial. Yeager e Foster (2001), citados por Ferreira (2004), garantem que “[...] sem evidência, não é possível compreender e interpretar corretamente o passado” (p. 17). Não recorrer a este *gadget* pode pôr em causa a viagem porque, apesar de se adquirir um conhecimento completo do assunto histórico em estudo, o *explorador* não será capaz de interpretá-lo e compreendê-lo corretamente – não irá *apreender* o conhecimento. Para além disso, esse cuidado conduzirá a uma maior tolerância, sensibilidade e respeito, o que nos levará ao último trilha – cultura democrática.

Paralelamente, a capacidade de análise desenvolve e se desenvolve com a capacidade empática. Essa relação decorre porque, segundo Ferreira (2009),

[...] a contemplação de exercícios de empatia histórica na sala de aula permite promover nos alunos competências transversais e específicas da História como a **capacidade de interpretação e expressão escrita e/ou oral, o cruzamento de fontes** históricas primárias e/ou secundárias **tendo em conta o seu contexto de produção e narrativas, o levantamento de hipóteses explicativas**, nunca podendo ou devendo esquecer o contexto histórico sobre o qual a tarefa empática versa (p. 129).

Quanto à capacidade de imaginação e imitação, a primeira é um elemento essencial para a compreensão da História. Nesta reportagem, esta competência já foi surgindo em alguns trilhos devido à sua importante funcionalidade. Mas destaco, mais uma vez, que deve estar vinculada ao uso da evidência, sem dar espaço à criatividade, porque não se trata de criar uma ficção.

(A) imaginação, no domínio histórico, atenta à sua natureza, obedece incontestavelmente a moldes restritivos, contexto por força do qual os alunos devem recorrer à imaginação, é certo, mas inelutavelmente ancorados em conhecimentos e evidências (Teixeira, 2017, p. 9).

A imaginação prevê que o aluno tenha a habilidade de reconstruir mentalmente as atitudes e os valores do passado, que são diferentes dos seus. De acordo com Ferreira (2004), a imaginação histórica supõe sermos capazes de ir para além “da substantividade que a evidência fornece, e questionarmos sobre o significado que determinados eventos ou atitudes podem ter para determinada pessoa, ou grupo de pessoas, e que implicações trouxeram [...]” (p. 24). Como resultado, irá contribuir para uma maior compreensão dos valores e crenças de um determinado período, sem esquecer a necessidade de distinguir sempre o ponto de vista dos agentes históricos do passado e os nossos.

Resumindo, a imaginação histórica envolve essencialmente ler a evidência disponível para além do claramente exposto na mesma. A evidência deve ser interpretada de modo a distinguir os valores, crenças e objetivos de um determinado período histórico, assim como os pontos de vista dos agentes históricos desse mesmo período. Por isso, o uso da imaginação histórica, sempre com base na

evidência disponível, permite, na opinião de Lee (1984), a consciencialização da “realidade do passado”. (Ferreira, 2004, p. 25)

Essas competências permitem simular os possíveis sentimentos envolvidos num determinado acontecimento/indivíduo (imitação). Isso é possível através da observação, que faz com que quem observa se veja no objeto, produzindo uma certa imitação. Tal imitação não é uma ficção, pois baseia-se e fundamenta-se num amplo conhecimento do passado, suportado por uma análise profunda a diferentes evidências históricas. Por esse motivo, temos que recrutar, mais uma vez, o pensamento crítico. Mas, no final o *explorador* alcançará a empatia.

Agora, há que ter em conta o treino a fazer, a fim de desenvolver a empatia. Davison (2012) defende que o treino (processo) de empatia histórica envolve duas componentes: a cognitiva e a afetiva.

A fim de treinar o componente cognitivo, Pereira (2014) explica que implica pensar como as evidências do passado se encaixam. Já o treino afetivo implica imaginar o que o agente histórico sentiu em determinada situação.

Esta conceção foi aprofundada por Rodrigues e Silva (2012), que acrescentaram uma terceira componente: a comportamental. Esta componente é visível quando colocamos as anteriores em prática. Tal acontece, como refere Rodrigues e Silva, quando o *explorador* para “observar, prestar atenção, ouvir; demonstrar interesse e preocupação pelo outro; reconhecer/ inferir sentimentos do interlocutor; compreender a situação (assumir perspetiva); demonstrar respeito pelas diferenças; expressar compreensão pelo sentimento ou experiência do outro; oferecer ajuda; partilhar” (p. 62).

Em educação, investir nesta competência, enquanto ferramenta didática, também é uma mais-valia para o crescimento dos alunos. Ainda por mais quando “a empatia é colocada no papel de melhorar as relações de afetividade e a compreensão do outro e, desta forma, melhorar o ensino” (Pereira, 2014, p. 51). Logo, tem um papel fundamental no desenvolvimento das relações interpessoais. E este aspeto é mais uma evidência da interligação dos trilhos que percorremos.

O resultado não será uma reconstrução do passado, mas permitirá perceber o porquê de determinado contexto histórico. Rematamos a importância desta capacidade por lembrar que vivemos uma

época em que assistimos a uma maior diversidade cultural, a diversas crises humanitárias e a um mundo cada vez mais global, é importante desenvolver, nos alunos, a criação de competências, que lhes permitam viver em cooperação. É essencial compreender o passado, evitando (...) preconceitos e estereótipos (Silva, 2018, p. 12).

O Conselho da Europa também reconhece tal importância e, por isso, criou um projeto, denominado *Developing a culture of co-operation when teaching and learning History*, o qual defende que o aluno deve desenvolver um espírito de cooperação e comunicação, a fim de lidar melhor com a incerteza e complexidade do presente.

Para tal, o Conselho da Europa (2016) considera necessário:

- Sensibilizar para o ensino e aprendizagem da História na sua complexidade, no contexto da diversidade cultural e da globalização, com base na multiperspetiva, visando ultrapassar estereótipos e preconceitos e reforçar os processos de reconciliação [...];

- Ajudar os jovens a desenvolver, através do ensino e aprendizagem da História, as competências e atitudes que possibilitam viver em cooperação, incluindo a abertura de espírito, a empatia, a inteligência emocional, o respeito mútuo, a escuta ativa e a expressão pessoal (p. 11).

Tais objetivos procuram eliminar aspetos como estereótipos e preconceitos; medo da diferença; falta de curiosidade para a aprendizagem ao longo da vida; falta de mente aberta e flexibilidade no pensamento. Isso é possível porque o aluno, ao desenvolver o seu conhecimento acerca de determinado contexto histórico e compreender todas as variáveis envolvidas, desenvolverá a empatia, que lhe permitirá pensar como o *outro* pensaria, naquele contexto. Mas este exercício só é válido quando esse mesmo aluno é capaz de pôr de lado os valores e ideias atuais e, com rigor histórico, substituí-los pelos que vigoravam na altura, respeitando a diversidade.

Assim, a empatia histórica não é só uma vantagem no ensino da História, mas, tal como defende Pereira (2014), também é indispensável pois, “é necessário entender as ações dos agentes do passado inseridos na sociedade em que estes agentes viviam,

pois sem isso, podem vir a tornarem-se ininteligíveis ao aluno” (p. 11). Inclusive, muitos conteúdos só poderão ser bem compreendidos através da empatia histórica. Peter Lee, citado por Ferreira (2009 b), explica que

Os alunos precisam de compreender por que motivo as pessoas atuaram no passado de uma determinada forma e o que pensavam sobre a forma como o fizeram. A consequência direta de os alunos não compreenderem **o passado** é que este **se torna numa espécie de casa de gente desconhecida a fazer coisas ininteligíveis**. (p. 116)

Não apreender tais competências faz com que o passado seja distante dos *exploradores* e, conseqüentemente, estes irão desprezá-lo porque não lhes diz nada. Mas, pior que a indiferença, é o possível julgamento. Podem considerar os comportamentos e pensamentos dos agentes históricos como algo defeituosos. O Conselho da Europa ilustra da seguinte forma: “Porque é que eles não fizeram melhores escolhas? Porque é que eles suportaram condições tão horríveis e desconfortáveis?” (Conselho da Europa, 2016, p. 75).

Assim, conhecer e compreender de forma mais plena o passado permitirá que o aluno olhe para esse com outra perspetiva. Através da empatia histórica, o aluno irá refletir sobre o passado, desenvolvendo consciência acerca da complexidade de certas situações vividas pelos agentes históricos. Essa consciência permitirá ao aluno desenvolver sentimentos como responsabilidade e desejo de ação.

Daí o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (2017) afirmar que é fundamental que se trabalhe com o jovem a capacidade de “conhecer e respeitar os princípios fundamentais da sociedade democrática e os direitos, garantias e liberdades em que esta assenta;” e “rejeitar todas as formas de discriminação e de exclusão social” (p. 10).

Então, é vital que o *explorador* mantenha o contacto com os elementos do trilho, isto é, a série de fontes e dados informativos referentes à época a ser estudada. Na mochila também terá de se fazer constar a capacidade de lidar com múltiplas perspetivas, derivadas da análise de fontes históricas variadas, sejam elas primárias e/ou secundárias (Ferreira, 2004).

Empatizar conduzirá ainda a um outro objetivo previsto no *Perfil dos Alunos*, que defende a necessidade de o estudante, à saída da escolaridade obrigatória, dever ser capaz de pensar de forma crítica, autónoma e criativa. Para além disso, deverá também estar capacitado para trabalhar em colaboração, tendo também uma boa capacidade de comunicação (*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 2017, p. 10).

Fica evidente a importância da empatia no ensino da História.

Apesar do desafio inerente e constante, o trilho da empatia é um percurso incrível, e deve ser percorrido. No final, o *explorador* será capaz de se colocar no lugar do outro e reconstruir o passado, empatizando com um dado acontecimento. Para além disso, terá adquirido capacidade para se respeitar e aos outros, estando mais próximo de agir eticamente. Ainda, terá uma maior tendência para estar consciente da complexidade da formação e tomada de decisões e perspetivas. A estas competências junta-se o desenvolvimento da perspicácia e ponderação, estando também consciente da influência de diferentes variáveis. Em suma, existe uma maior probabilidade de o *explorador* pensar e agir com respeito e justiça, sem fazer generalizações, nem distorcer a realidade.

Outra vantagem dada pela realização deste trilho é que, ao compreender melhor o passado e porquê de o presente ser como é, o *explorador* irá adquirir uma maior confiança no futuro. Essa confiança irá ajudar os jovens a tomar decisões mais conscientes no presente, assim como a serem ousados e adaptarem a diferentes circunstâncias, com o objetivo de se conseguirem moldar a novos contextos e à incerteza da atualidade, tal como sublinha o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (p. 13).

1.3.4. Navegando entre culturas, em democracia

Neste trilho, pretende-se demonstrar o contributo da História para uma cultura democrática, responsável e aberta ao diálogo, no sentido de uma real cidadania (Moreira, Duarte, Alves, Barca, 2020).

Enquanto professora de História, pretendo que os alunos aprendam para lá de memorizar e, acima de tudo, recordem não apenas os conteúdos e explicações, mas as competências próprias do pensamento histórico (Seixas e Morton, 2013). Após termos percorrido os setes trilhos da GR da Rosa dos Ventos, percebe-se que, numa sociedade

que valoriza a Democracia, pretende-se que o *explorador* adquira consciência cidadã, desenvolvendo em conjunto a consciência e a empatia histórica, fundamentando-se na evidência disponível, ciente da sua capacidade de interpretar criticamente a sociedade onde se integram (Barca, 2015; Alves, 2016; Chapman, 2016), o que irá contribuir para o seu desenvolvimento e autonomia, bem-estar, para uma boa relação com o ambiente e com os outros.

Uma nota a ter em conta é que o objetivo de fomentar uma cultura democrática não é doutrinar, nem formar cidadãos dóceis. Aliás, Moreira, Duarte, Alves e Barca (2020) destacam isso mesmo. Referem que, “não raras vezes, a cidadania em contexto escolar tende a ficar veiculada a dinâmicas que privilegiam a ideia de um cidadão dócil” (p. 234). Porém, não é isso que se pretende, mas sim um envolvimento político contínuo, a fim de alcançar o bem-comum. Também, e com base na ideia desenvolvida por Akar (2014), a educação para a cidadania não se limita ao conhecimento sobre cidadania, mas procura fomentar a ação. Isto é, trata-se de um processo que auxilia os «students to develop decision-making and social action skills needed to identify problems within society, clarify their values and take action to enhance democracy and social justice within their communities, nation, and the world» (Banks, 2015, citado por Moreira, Duarte, Alves, Barca, 2020, p. 235).

E, apesar de neste relatório, se ter dado ênfase às necessidades impostas pelo mundo global e em constante desenvolvimento, que implica preparar os jovens para serem cidadãos do futuro, a realidade é que eles já o são. Por isso, desde cedo, é importante envolver os estudantes na comunidade escolar, fomentar o seu reconhecimento face aos seus direitos, na escola e no mundo, assim como ensiná-los e prepará-los a fundamentar os seus pontos de vista, a conviver com outros e a tomar decisões.

Mais uma vez, o Conselho da Europa foi responsável pela produção do documento intitulado “Ensino de Qualidade na Disciplina de História no Século XXI – Princípios e Linhas Orientadoras”. Aqui podemos ver a importância reconhecida ao ensino da História nos desafios políticos, culturais e sociais vividos atualmente na Europa (Conselho da Europa, 2018). Como explica Ana Catarina Carneiro (2020), os Princípios e Linhas Orientadoras aí destacados dirigem-se aos políticos e oficiais responsáveis pela organização do currículo das escolas dos Estados Membros, assim como aos professores que trabalham o currículo com os jovens estudantes.

Neste documento, defende-se que qualquer disciplina pode ser capaz de desenvolver valores e competências para uma cultura democrática. Porém, a História contribui para a compreensão do presente, de forma crítica, através de uma interpretação de elementos do passado, com base no contexto histórico estudado. Em suma, a formação de um “conhecimento histórico-crítico e a noção de sistemas políticos, sociais, culturais e económicos convergem numa cultura democrática indispensável para uma cidadania ativa” (Conselho da Europa, 2018, p. 6).

Não estivessem os trilhos desta rota interligados, neste percurso cruzamo-nos com o desenvolvimento pessoal e autonomia, assim como com o pensamento crítico e pensamento criativo. O Conselho da Europa defende a importância de ajudar os alunos a desenvolver autonomia e capacidade de tomar decisões, conseguido através da capacidade de análise e crítica do estudo de fontes. Espera-se que, através desse fomento, o *explorador* seja capaz de pensar e agir eticamente, com base na compreensão e na avaliação da informação histórica. Assim, há que destacar as constantes pontes existentes para os trilhos da consciência e empatia histórica, assim como para a multiperspetiva.

Em contrapartida, o guia é responsável pelo fornecimento de fontes diversificadas, mas também de perspetivas múltiplas, assim como tem de demonstrar que é possível reavaliar situações, não aceitar factos, ideias e circunstâncias intolerantes, ultranacionalistas, xenófobas ou racistas (Conselho da Europa, 2018).

O *explorador*, ao percorrer este trilho, deve esperar desenvolver uma Cultura Democrática. Tal inclui “pensar valores e desenvolver atitudes, competências e conhecimentos, assim como uma compreensão crítica”, de forma a tornar-se “participante ativo de uma cultura democrática, adquirindo uma série de comportamentos que promovam o diálogo e a cooperação, e solucionando conflitos através de meios pacíficos e de uma participação ativa na esfera pública. Trata-se de um percurso demorado, “uma vez que os indivíduos experienciam continuamente contextos novos e diferentes, analisando-os e planeando-os; não é uma progressão linear rumo a uma competência cada vez maior no diálogo intercultural ou nos processos democráticos” (Conselho da Europa, 2018, p. 6).

2. Preparativos para a viagem

O leitor pode nunca ter realizado um *trekking*⁵, mas decerto que já viajou. Todos nós fazemos preparativos para a viagem a realizar, quer seja de curta ou de longa duração. Fazemos uma pesquisa acerca da região e locais a visitar, restaurantes e possíveis estadias. Temos em consideração a época do ano e respetiva meteorologia. Esta investigação tem como finalidade aproveitar ao máximo a experiência que se avizinha, não descurando aspetos importantes da região e da viagem em si, e irmos preparados para o que nos espera, de forma a não sermos apanhados desprevenidos. Ora, esta lógica também se aplica à nossa *Grande Rota da Rosa dos Ventos*. Daqui em diante explicarei quais foram os preparativos realizados.

2.1. Coordenadas GPS da região

O local onde se realiza esta expedição situa-se no Município da Maia, a cerca de cinco quilómetros do centro da cidade. Este município situa-se no núcleo central da Área Metropolitana do Porto. É uma localidade bem desenvolvida, estando densamente urbanizada. Possui o maior parque industrial do país, com destaque para a área das infraestruturas tecnológicas tal como TECMAIA-PARQUE de Ciência e Tecnologia da Maia, e ainda tem condições para a instalação e incubação de empresas.

Atendendo à sua localização e ao elevado nível das suas acessibilidades, de que se destaca o Aeroporto Francisco Sá Carneiro, o concelho da Maia é considerado uma plataforma para todo o Norte de Portugal, bem como um dos mais importantes destinos de negócios do país.

Para além disso, em termos históricos, é rico em testemunhos patrimoniais de relevo. A Maia assume-se como cidade vanguardista, marcada por obras de grandes nomes da moderna arquitetura portuguesa, em especial da famosa Escola do Porto, tais como Álvaro Siza, Souto Moura, Álvaro Rocha, João Leal ou Alfredo Ascensão, arquitetos com reconhecimento mundial.

⁵ Trekking: modalidade de caminhada na natureza por trilhos e montanhas.

A sua população tem vindo a crescer e, apesar de acompanhar o ritmo de envelhecimento nacional, continua a ter uma forte percentagem de jovens. Por esse motivo, o município da Maia tem vindo a apostar nesta mesma população, criando condições para melhorar as áreas de educação e desporto, nomeadamente. Tem, por exemplo, o Plano Municipal de Juventude, que consiste numa estratégia que visa impulsionar a área da juventude, definindo linhas orientadoras e estabelecendo prioridades para responder aos direitos, interesses e desafios dos jovens da Maia. Procura implementar medidas concretas para a Educação, a Saúde, o Emprego, a Habitação, o Lazer e a Cultura, entre outras, sendo essas propostas codesenvolvidas pelos jovens que vivem, estudam e trabalham na Maia, com idades compreendidas entre os 15 e os 30 anos.

2.2. Ponto de encontro – o local

O lugar onde decorreu esta expedição era-me muito familiar. Escolhi o sítio onde passei oito anos da minha jornada de vida e, acrescentando o ano letivo de 2020/21, esse número passou a nove. Foi um regresso a casa, pautado por muita nostalgia e memórias. Mas, pela primeira vez, eu não era uma *exploradora* daquela instituição. Era uma guia estagiária. Porém, também eu explorava um trajeto nunca antes realizado por mim.

Como muitos que enfrentam o desconhecido, lidei com o nervosismo. Estamos a falar de um percurso que nunca realizara, tendo apenas orientações de quem passou por experiências semelhantes. Nunca duvidei do que queria e nunca pensei em recuar. Estava muito bem equipada, tive formadores incríveis e, para além disso, tinha junto a mim uma orientadora experiente, assim como uma colega de longa data, e isso deu-me segurança.

Falando um pouco do local onde decorreu a IPP, durante a jornada que percorreu uma distância de 266 dias (e mais alguns), este localiza-se no Município da Maia, a cerca de cinco quilómetros do centro da cidade da Maia. Tendo em conta a descrição desta região, acima detalhada, este local não podia ser mais distinto. Inaugurado em 1993, este local era explorado por elementos sobretudo oriundos da periferia do municí-

pio, mais especificamente das freguesias de Folgosa, Milheirós, Nogueira e Silva Escura e São Pedro de Fins. Estas localidades têm um perfil rural e pouco desenvolvido ao nível dos serviços.

Apesar da sua proximidade ao centro da Cidade da Maia, este local apresenta alguns problemas. Primeiro, carece de transportes ou, os que existem, têm horários pouco frequentes e as suas paragens ficam a alguns minutos de distância, a pé, do estabelecimento. Por esse motivo, a Escola estabeleceu um contrato com a empresa de transportes do Município da Maia de forma a ter um conjunto de carreiras que permitam que os alunos das freguesias mais distantes, e sem meios de transporte pessoais, consigam aceder ao estabelecimento. Porém, esta não foi uma solução completamente favorável, pois as carreiras são escassas, com percursos pouco flexíveis e com horários bastante restritos.

Um outro dado interessante quanto à sua localização é o facto desta Escola situar-se num pântano e perto de um rio, o que leva ao surgimento de diversos problemas de humidade das infraestruturas e inundações. No inverno, quando chegava à sala de aula, tinha de secar a mesa que iria ocupar, e proteger o computador, devido à humidade que repousava no mobiliário. Os alunos traziam, muitas vezes, mantas e procuravam calor junto de um pequeno aquecedor. Lecionar e assistir aulas, nestas condições, era um desafio. Nos últimos anos, a Escola tem-se esforçado para resolver tal problema. Todavia, o local precisa de uma intervenção mais profunda, que não está ao seu alcance. A comunidade compreende e não abandona esta expedição, mesmo conhecendo os desafios associados.

Ainda acerca da localização, há que ter em conta a sua caracterização. Como referido, situa-se perto de um rio e, ao seu redor, encontramos bouças (terrenos incultos) e campos de cultivo. Apenas existem alguns complexos industriais e habitacionais perto. Por isso, os alunos estão, sobretudo, rodeados pela natureza, e relativamente distantes do frenesim associado às cidades.

O ambiente escolar deste local é bastante calmo, com poucos casos de indisciplina. As relações entre a comunidade escolar também são bastante próximas, não só entre docentes e funcionários, como também entre estes e os alunos, e respetivos encarregados de educação. Estas relações pautam-se pela familiaridade e carinho nutrido pelos envolvidos. E, enquanto *exploradora* e, mais recentemente, guia deste local, posso confirmar duplamente tais aspetos.

Um outro dado a ter em conta, e que favorece esse ambiente, é o facto de o universo de *exploradores* deste local ser relativamente pequeno, sobretudo ao nível do ensino secundário. Criado em 2009, este local disputa a “clientela” com um outro local, localizado no coração da Cidade da Maia. Mas também, com base na minha experiência de aluna em ambos os locais, posso afirmar que as aparências iludem e, apesar deste beneficiar da proximidade à urbanização e respetivos serviços, não compensa a impessoalidade e massificação a ele associados.

No Projeto Educativo 2018-2021, este local de ensino refere que “[...] numa sociedade em que a urgência dos resultados conduz a situações em que se desvalorizam as competências e capacidades individuais”, considera que é um dever do próprio “rentabilizar as potencialidades individuais e tentar retirar o melhor que cada um dos seus alunos possui”, através da qualidade e equidade do ensino, o mais eficaz e eficiente possível, baseado em princípios como a igualdade da participação e da transparência. Nesse mesmo projeto, valoriza a dimensão afetiva e o respeito pelas características individuais como meio de atingir tal objetivo (*Projeto Educativo 2018-2021*, p. 9).

Este local tem como hino o lema “Crescer, Saber e Ser”, sendo este o mote que norteia todo o seu projeto (*Projeto Educativo 2018-2021*, p. 28).

Apesar da sua localização periférica, esta escola luta pelo *crescimento, conhecimento e saber estar* através da promoção de diversas atividades, de caráter inter e transdisciplinar, que têm como objetivo desenvolver a formação integral dos alunos e potenciar as suas capacidades para melhor os preparar para os desafios do mundo atual.

Entre os Projetos/Clubes promovidos, destacam-se:

- Amnistia Internacional;
- *Apps for Good*;
- Projeto Autonomia e Flexibilidade Curricular;
- Banco Solidário;
- Desporto Escolar;
- Eco-Escolas;
- Educação para a Saúde e PRESS;
- Erasmus+;
- INEDIT Maia;
- Orçamento Participativo de escola 2021;

- Parlamento dos Jovens (apesar de não se ter realizado no ano letivo 2020/2021).

2.3. Os *exploradores* participantes

Ainda antes de arrancar nesta expedição, reuni-me com o Conselho de Turma respeitante aos *exploradores* que estavam inscritos na viagem. Estes faziam parte de duas turmas de 12.º ano do respetivo local. Totalizavam 24 *exploradores*. Podemos concluir que este universo, para uma instituição pública, é relativamente pequeno.

As turmas tinham perfis distintos e isso fez-se sentir no primeiro Conselho de Turma em que estive presente. A ideia que foi transmitida, acerca de uma das turmas, não correspondia, na sua totalidade, à realidade, tendo sido passado um perfil bastante pessimista. E já contando com essa possibilidade, expus a situação ao orientador deste relatório, o Professor Paulo Santos, que me sugeriu aplicar um questionário aos *exploradores*, de forma a traçar algumas ideias acerca do perfil dos mesmos.

Esse questionário colocava quatro questões:

1. De forma genérica, como te descreverias a ti próprio?
2. Quais são os teus hobbies?
3. Como te vês daqui a cinco anos?
4. O que pensas sobre a disciplina de História tendo em conta a tua experiência passada de aluno?

As respostas poderiam ser anónimas, tendo em conta que os alunos mal me conheciam e poderiam não estar à vontade para revelarem aspetos pessoais.

A turma A foi muito mais descritiva nas respostas que forneceu, em oposição à turma B. Tal característica iria permanecer nas várias atividades propostas, assim como em outras tarefas atribuídas no decorrer do ano letivo.

Através das descrições pessoais feitas pelos próprios, pude perceber que eram alunos acessíveis. Foi interessante perceber que a turma A, inclusive na escrita, manifestou-se mais extrovertida, quando comparada com a turma B, cuja maioria dos elementos foi muito fechada nas respostas que deu. Porém, demonstraram, simultaneamente, algumas das suas vulnerabilidades.

Ao nível do género, dos 24 alunos, 9 alunos são do género masculino, e 15 alunos são do género feminino, sendo que um desses elementos, apesar de querer ser tratada por este género, classifica-se como não-binário.

Quanto à progressão dos estudos, a maioria tem intenções de prosseguir, sendo que grande parte desses elementos pertence à turma A. Porém, poucos têm/manifestam uma ideia concreta do rumo profissional que querem seguir.

Quanto às expectativas profissionais, à semelhança do ponto anterior, têm expectativas de terem um emprego. Porém, tal aspeto, sobretudo quando se refere à turma B, não está necessariamente relacionado com um percurso universitário. Ao destacarem a empregabilidade, referem com alguma frequência a autonomia, casa e veículo próprio ou, pelo menos, desvinculados dos pais. Outro ponto em comum com o anterior, é que tal expectativa é difusa. Isto é, vêem-se a trabalhar e a ter a sua autonomia, mas não referem em que circunstâncias. Porém, dada a brevidade do tempo de realização da tarefa e a simplicidade da mesma, não ter esses dados é normal.

Alguns elementos também se imaginam a emigrar (H12B-4) ou complementam o seu currículo com especialização em desporto (H12A-12).

Quanto à disciplina de História, segundo Peter Lee (2001), os alunos, mesmo antes de entrarem numa sala de aula, trazem consigo pré-conceitos sobre a História. Nenhum manifestou não gostar de História. As respostas recolhidas vão desde uma certa apatia em relação à disciplina, até ao gosto e preferência. Por isso, já tínhamos do nosso lado o gosto pessoal dos alunos pela disciplina. Porém, muitos descrevem-na como sendo uma disciplina que dá trabalho devido aos conteúdos extensos e que exige esforço de memorização. Outros vão mais longe e referem que o seu gosto pela disciplina está dependente do trabalho do docente.

Um pequeno desvio só enriquece: A importância e o impacto da atuação do guia durante a jornada

Quando fazemos trajetos, cujo solo, por exemplo, é arenoso, situações como a acumulação de areia no calçado são normais. Porém, isso obriga o *explorador* a parar

com mais regularidade, a fim de retirar a areia. Parar é importante porque, se acumularmos demasiado areia no calçado, vamos aumentar o desconforto e até magoar os pés, pondo em risco a viagem. Podemos comparar a areia às dificuldades acumuladas quanto aos conteúdos temáticos. Se o professor não procurar fazer um feedback regular, a fim de detetar e solucionar dúvidas, pode pôr em causa a aprendizagem dos alunos. Ou, então, se o professor tiver noção que a turma que tem diante de si não se interessa pela disciplina, pode tomar medidas para contrariar tal tendência. Assim, fazer um levantamento de ideias prévias pode fazer da viagem uma experiência ainda mais agradável.

Outra vantagem desse levantamento de informações é por este permitir ao Guia ter noção de quando parar, e encontrar um equilíbrio entre aqueles que têm um maior, ou menor, nível de tolerância face ao terreno e/ou obstáculos que tem diante de si. Estas paragens devem ser feitas com paciência e discernimento, tendo sempre em conta os indivíduos, e respetivas causas para as pausas que esses fazem.

Desta forma, após ter realizado o levantamento de ideias prévias acerca dos *exploradores*, havia que me preparar para a viagem. A aplicação desse questionário revelou-se de grande ajuda. Sabia que os alunos simpatizavam com a disciplina. Porém, vários alunos destacaram como condição para o gosto e, até, fator de sucesso escolar à disciplina, os seguintes pontos:

- O gosto varia em função da forma como a disciplina é lecionada. “Se as professoras (de agora) forem dinâmicas e práticas, a carga de matéria desta disciplina acaba por ser mais prática de suportar” (H12A-13); O aluno H12B-7 considera uma disciplina interessante, apesar de a experiência de cada ano letivo depender do professor que leciona;
- Categorizam a dificuldade da disciplina de História como sendo “bastante difícil”, sobretudo se o docente não conseguir manter o interesse e a atenção (H12B-1);

Através destes comentários, os próprios alunos destacam que, para lá dos conteúdos, a ação do docente é determinante. Assim, comecei a pensar como seria a minha atuação na sala de aula.

O trabalho do docente não se reduz à regência. Existe todo um trabalho de bastidores, a fim de preparar os conteúdos a ser lecionados. Enquanto guia desta expedição, tive sempre em conta que o debate, a interrogação e a troca de opiniões teriam de estar

sempre presentes, fundamentados por um conjunto de evidências históricas, elementares aos trilhos a serem percorridos.

Ensinar História nos dias de hoje é uma tarefa desafiadora. O Conselho da Europa (2016) sublinha a necessidade de o “desenvolvimento de métodos e abordagens eficientes que possam responder aos desafios de diversas sociedades”, pois tais esforços “darão a oportunidade de ensinar e aprender História em toda a sua complexidade, proporcionando à nova geração a capacidade de compreender mais profundamente o mundo atual [...]” (p. 15).

Sabia que o dinamismo teria de estar presente nas minhas aulas. Desde a primeira aula que lecionei, procurava usar motivações e recursos que fossem ao encontro dos seus gostos, assim como fontes desconhecidas (evitando o manual adotado), curiosidades acerca dos conteúdos, suportes PPT visualmente agradáveis e tinha cuidado com a minha própria intervenção, procurando estar enérgica e interessada pelo que transmitia, a fim de passar essa mesma energia à turma e, assim, criar empatia com ela, e ela com o conteúdo lecionado.

Tal como o presente relatório, recorri à estratégia dos conceitos. Como, decerto, percebeu com a introdução ao (presente) capítulo 2, o conceito deste relatório invoca a experiência de *trekking*. Esta estratégia (conceção) não foi imediata e apenas duas atividades submetidas a este relatório foram realizadas neste âmbito. Só passei a usá-la a partir do 2.º período de aulas e resultou da minha primeira experiência com o regime de ensino à distância. Tal ocorreu em seguimento da reflexão que fiz acerca da adaptação que tinha de fazer, de forma a lidar com esta nova experiência. Lembro-me que pensei que, enquanto aluna do regime de ensino à distância, tinha mais dificuldade em manter a atenção e captar o fio condutor. Porém, experiências prévias com apresentações e suportes diferentes (criativos) e visualmente interessantes, contrariavam tal tendência. Claro que somos todos diferentes, mas guiei-me por aquela que é considerada a regra de ouro: faz aos outros o mesmo que gostavas que fizessem a ti.

Assim sendo, comecei a pensar como poderia aplicar tal estratégia. Apliquei, pela primeira vez, a um conjunto de aulas submetidas ao Tema “Portugal e o Mundo da Segunda Guerra Mundial ao início da década de 80 – opções internas e contexto internacional” e Subtema “As transformações sociais e culturais do terceiro quartel do século XX”, cujo conteúdo lecionado focou-se nos movimentos artísticos do terceiro quartel do

século XX; na Arquitetura e nas Letras. Estava perante um conteúdo pertencente ao campo da arte e da cultura e foi assim que cheguei ao conceito de uma exposição museológica. Ao introduzir as minhas regências, fiz questão de me apresentar, não como professora, mas como curadora daquela “exposição”. O suporte utilizado – um PowerPoint – seguiu a mesma lógica. Procurei que este fosse animado e visualmente interessante, a fim de ser mais bem-sucedida na retenção da atenção.

Mas a dinamização das aulas não se ficou pelo conceito. Quando damos início a uma nova tarefa e/ou fase da nossa vida, utilizamos a expressão “entrar com o pé direito”, com o intuito de obter bons resultados ou causar uma boa impressão. Já havia recebido a orientação, por parte dos meus formadores, ainda no primeiro ano de mestrado que, sempre que possível, deveria iniciar as minhas expedições com uma motivação. É muito mais fácil influenciar as pessoas a aceitar os desafios que se avizinham quando esses prometem ser animados. Assim, nesta aula em questão comecei por apresentar um recurso áudio. Tal era uma música de Ray Charles, *Hit the road Jack* (01:59 min), lançada em 1962. Recomendei os meus *exploradores* a prepararem-se para o áudio, sem revelar (inicialmente) qual era e, se quisessem (já que estavam em casa), a levantarem-se, fechar os olhos, se achassem necessário, e deixarem-se levar pela música. O meu objetivo era que os alunos descontraíssem e, em simultâneo, compreendessem, de forma sentida, a energia associada à cultura norte-americana. Mas, através do refrão deste recurso, também procurei realizar o *feedback* dos conteúdos lecionados anteriormente, acerca do período entre guerras. Alves (2016) defende o seguinte:

Na didática da disciplina é importante selecionar recursos e estratégias que visem o desenvolvimento de, sobretudo, três competências: capacidade de interrogar as realidades sociais numa perspetiva histórica; interpretar essas realidades segundo o método histórico; e construir a sua consciência como cidadão com a ajuda da História. Nesse espaço disciplinar aprendemos factos, conceitos, generalizações, modelos e teorias (p. 23).

Este recurso, aparentemente desconectado do tema e contexto, revelou ter sentido e quebrou a monotonia. Através do refrão «*Hit the road, Jack | And don't you come back | No more, no more, no more, no more*», desafiei os *exploradores* a substituir o Jack por outras realidades políticas, económicas e sociais, já estudadas este ano (ex. Grandes Guerras, depressão económica, sofrimento, destruição, totalitarismo, etc.), explicando

brevemente o porquê da escolha, recordando e desenvolvendo, assim os conteúdos já lecionados.

Silva (2018) refere que “não importa só debitar a matéria e esperar que os alunos a “despejem” nos testes, importa antes que eles sejam desafiados a compreender, debater e interrogar a própria História, para assim obter um conhecimento histórico mais profundo” (p. 38). Enquanto docente, tenho a responsabilidade de ministrar determinados conteúdos obrigatórios, mas estes não precisam de ser transmitidos com apatia. E ter alunos a dançar e a sorrir e, simultaneamente, respondendo àquele que era o exercício de recapitulação de conteúdos já lecionados, permitiu-me fazer *check* à responsabilidade assumida. E este foi apenas um exemplo de um momento em que pus em prática tais conselhos.

Associada a estas estratégias, nesta mesma aula, também se realizaram exercícios de debate e reflexão constantes, acerca do contexto histórico vivido pelos artistas, assim como os métodos, técnicas e obras produzidas pelos próprios, a fim de alimentar a compreensão e empatia nos *exploradores*.

Ao nível das competências, tinha consciência da responsabilidade que o guia tem, a fim de facilitar a aquisição das competências pelos alunos. Assim, para além do acesso à informação, através de variados suportes de informação (vídeos, músicas, documentos escritos, documentos iconográficos), também é necessário que os mesmos sejam previamente expostos às várias perspetivas, relativamente ao período temporal estudado. Daí Ferreira (2004) afirmar que:

A seleção do material instrutivo (evidência histórica) determina a um ponto significativo as compreensões históricas que um aluno adquire. De preferência, a variedade de fontes selecionadas deverá contemplar diferentes pontos de vista ou perspetivas de um mesmo acontecimento ou razões para a ação humana. (p. 18)

Assim, enquanto guia, procurei selecionar os materiais a apresentar aos *exploradores*, tendo sempre em conta o rigor científico dos mesmos. Silva (2018) destaca que se deve ir para lá dos manuais do aluno e recorrer às mais variadas fontes, de preferência primárias. Não seguir tal recomendação poderá contribuir, como enfatiza Davis Jr. e Foster (2001), para dificultar a capacidade de compreender e comparar várias perspetivas. E assim o fiz, aspeto esse exposto nos vários planos de aula construídos.

Aliás, recorrer a essa estratégia permite desenvolver as várias competências destacadas neste relatório. Como, por exemplo, a consciência e empatia histórica pois, a sua compreensão e explicação irão ficar incompletas e, muitas vezes, superficiais e incorretas se não forem suportadas por recursos variados; assim como o pensamento crítico.

Ainda nos cuidados que o guia deve ter, ao orientar os seus *exploradores*, é estar consciente das influências de diversos fatores culturais, que fornecem ideias e conhecimentos prévios sobre determinadas temáticas aos *exploradores*. Perante o diagnóstico destes, o guia poderá perceber a condição dos *exploradores* para a realização do trilho e os cuidados que poderá ter, nomeadamente numa possível desconstrução desses conhecimentos tácitos. Este cuidado revelou-se fundamental num complexo de aulas submetidas ao tema “A Globalização: O passado no presente”, cujo conteúdo foi “Os Movimentos migratórios e as suas consequências: o Racismo e a Xenofobia; A (in)segurança mundial e as questões ambientais”. Como tinha três alunas estrangeiras (duas alunas venezuelanas e uma brasileira), com a sua respetiva autorização, abordou-se a sua experiência aqui em Portugal, dado o facto de serem imigradas. E tal inclusão permitiu abordar, de forma próxima, o racismo, xenofobia, multi e interculturalismo, e integração dos indivíduos nas comunidades de chegada. Para além disso, outros alunos compartilharam outras experiências tidas, no âmbito destas temáticas, o que enriqueceu os debates tidos ao longo de seis regências de 50 minutos.

O resultado da aplicação dos cuidados acima enfatizados ficou evidente quando, ainda no final do primeiro período, apliquei a atividade 2, com o mote “O que mais gostei nas aulas de História...”. Não previa o impacto que esta atividade iria ter em mim, enquanto docente. Comprovou-me, em primeira mão, a importância de uma verdadeira dedicação, tanto naquele que é o nosso trabalho de casa, na preparação dos materiais, como o nosso desempenho na sala de aula. Pensar que os alunos não reparam no nosso esforço é simplesmente incorreto, porque não só reparam, como os motiva. A relação que desenvolvemos com eles também foi alvo de constante destaque, sendo este aspeto importante na aquisição e compreensão dos conteúdos. E por trás disso encontra-se o contributo da empatia.

Esta foi a primeira atividade que reúne a opinião de todos os alunos, de ambas as turmas. A diferença entre turmas é perceptível nas respostas que dão. Enquanto a turma A fornece respostas mais extensas e pormenorizadas; a turma B faz o oposto.

Assim, desta atividade, recolhi os seguintes dados:

- Interação que as professoras tiveram com a turma tornaram as aulas mais interessantes e ativas, e menos monótonas; derivado da constante interação, o aluno H12A-13 refere que “a sua atenção e interesse pela disciplina cresceu, o que é bastante positivo”. (H12A-16; H12B-2; H12B-8)
- Destacam a construção das aulas e dos suportes utilizados. Por exemplo, o aluno H12B-12 refere que se sentiu mais motivado devido à forma “como as professoras estagiárias explicavam a matéria”, salientando as atividades e os PowerPoint que elaboraram. Já o aluno H12B-13 refere as apresentações PowerPoint, “principalmente a parte das imagens/vídeos e os temas interessantes abordados”.
- A Interação das professoras, assim como os trabalhos propostos, serviu de influência positiva para o autodesenvolvimento dos alunos por “os fazerem pensar nos conteúdos”, “as aulas fazem-me querer saber mais sobre a matéria” (H12A-12); “trazendo diversos aspetos e ajudando a que podemos ser melhores” (H12A-20)
- Percebem o esforço das docentes na lecionação de conteúdos, considerados pelos alunos, “mais parados e alguns temas não são tão interessantes”, e elogiam as professoras por terem feito um “ótimo trabalho” (H12A-12). Acerca disso, o aluno H12A-13 caracteriza as aulas como sendo mais interativas e cativantes, e por isso, superam as suas expectativas, onde o seu gosto e interesse pela disciplina cresceu bastante. (H12A-15; H12A-16).
- Destacam “apelo às características individuais”, através de propostas de trabalhos diferentes (H12A-21; H12B-4)
- Referem que é um “privilegio de presenciar três tipos de ensino que, apesar de serem, relativamente, semelhantes, não deixam de ser diferentes”, pois afeta a qualidade do estudo e aprendizagem (H12A-13; H12A-15).
- Presença de três professoras na aula reforça o apoio e a continuidade do mesmo.
- Destaque para a relação interpessoal, baseada na confiança, entre docentes e alunos, que os permitiu estar à vontade, inclusive, para errar (H12A-14; H12B-8).

- O sucesso escolar foi reconhecido como sendo consequência do “trabalho árduo de ambas as partes (...) que se reflete nos bons resultados atingidos” (H12A-14; H12B-7).
- Conseguiram identificar a multiperspetiva através dos métodos de ensino aplicados pelas diferentes docentes (H12A-17; H12A-18).
- Manifestaram maior autonomia, como consequência da metodologia de lecionação aplicada (H12A-18).
- Valorização de recursos usados que não constam do manual (H12A-19).

A totalidade dos feedbacks recebidos, após esta atividade, constam no anexo 1.2. deste relatório.

Estes comentários foram escritos de forma geral, até porque, apesar das diferenças entre mim, a minha colega de estágio e a nossa orientadora, a qualidade era igual. Porém, alguns comentários tocaram-me, porque foram dirigidos a mim. Contribuíram para alimentar a minha confiança e vontade de querer fazer ainda mais e melhor. Passo a citar: “a maneira dinâmica em que a professora Catarina explicou a matéria, o que faz com que a nossa aprendizagem seja mais apelativa e divertida mesmo com temas complicados de perceber” (H12A-23); “desde a maneira como a professora fala, até à constituição dos PowerPoint” (H12B-1); “à vontade da professora, os PowerPoint, a maneira como a professora ensina” (H12B-1).

No final do ano letivo, aplicou-se a última atividade de reflexão, cujos resultados podem ser lidos no anexo 1.6.. Vários dos aspetos recolhidos no final do primeiro período foram referidos na reflexão final, sendo o balanço das reflexões bastante positivo e, confesso, motivo de orgulho, tanto para mim, como para a minha colega nesta jornada e Guia orientadora.

- Vários alunos consideram este ano letivo (2020-2021) como tendo sido um dos seus melhores anos, destacando os conteúdos (H12A-12; H12A-21; H12A-13; H12A-20; H12A-23; H12B-9; H12B-2; H12B-1; H12B-6; H12B-10). O aluno H12A-18 descreve as aulas de História deste ano como tendo sido “extraordinárias!”. E, apesar deste ano ter sido atípico, quando comparado com os anteriores, os alunos referem ter gostado bastante das aulas de História (H12A-16; H12A-17) e H12A-16 manifesta

tristeza por ser o seu último ano a ter história. Já H12B-2 refere que as aulas de História deste ano letivo foram “mais importantes”.

- A aprendizagem foi caracterizada como tendo sido mais calma e descontraída, a par de conteúdos interessantes, o que resultou num melhor aprendizado e retenção dos conteúdos, transmitidos com inovação e esteticamente apelativos; assim como mais fácil de aplicar ao dia-a-dia. E o sucesso é visível na participação e nos resultados obtidos (H12A-12; H12A-13; H12A-14; H12A-15; H12A-16; H12A-18; H12A-17; H12A-19; H12A-20; H12B-2; H12B-11; H12B-1; H12B-6; H12B-10; H12B-7). Quanto a este sucesso, aluno H12B-1 refere o seguinte: “este foi o melhor ano de todos, visto que finalmente foi possível aprender a matéria sem decorar”.
- Leva, “para a vida, e para o meu futuro” conselhos de professoras que se encontram numa faixa etária próxima e, ainda, no ensino superior, representando, por isso, um exemplo do que pretende alcançar. Concluir por agradecer a experiência proporcionada. (H12A-14; H12A-18; H12A-19)
- Considera que as aulas foram boas, dinâmicas, bem estruturadas, práticas, interessantes (H12A-12; H12A-13; H12A-14; H12A-15; H12A-16; H12A-18; H12A-17; H12A-19; H12A-20; H12A-21; H12B-9; H12B-3; H12B-4).
- Destaca a diversidade de metodologias de ensino (H12A-13; H12A-15; H12A-17; H12A-20; H12B-3). Reconhecimento da personalidade de cada professora, durante as regências (H12A-15).
- Satisfação face à relação estabelecida com a turma e com as professoras (H12A-19; H12A-21; H12B-8; H12B-4; H12B-7). Aluno reflete o seguinte: “nesta fase final, para além do conteúdo que se aprende, é fundamental as pessoas com quem nos cruzamos, e também a relação que estabelecemos com as mesmas.” Leva, “para a vida, e para o meu futuro” conselhos de professoras que se encontram numa faixa etária próxima e, ainda, no ensino superior, representando, por isso, um exemplo do que pretende alcançar. Concluir por agradecer a experiência proporcionada. (H12A-19). Aluno H12B-8 reflete: “crescemos muito enquanto alunos, mas também como pessoas. Parte disso deve-se às professoras que nos acompanharam e que foram incondicionais connosco”.

2.4. Como preparar a mochila (instrumentos para a recolha de dados)

Numa viagem de *trekking*, é importante ter em conta dois aspetos: o que levamos, a fim de evitar peso desnecessário, e como organizamos os itens que levamos conosco. Existem numerosos artigos que são importantes no dia-a-dia. Porém, para a viagem, temos de selecionar aqueles que são essenciais. Tendo feito a seleção, há que passar para a organização, o que influencia drasticamente o conforto e a sensação de fadiga ao final do dia. Por isso, quanto mais refinada for a seleção, mais sucesso teremos na organização, distribuição e compactação do peso, sendo o transporte da mochila pelos longos e, por vezes, difíceis trajetos que iremos enfrentar melhor. Selecionar e arrumar o conteúdo é algo muito pessoal, logo, o sistema adotado pode variar em função do que melhor resulta para si e para a situação que vai enfrentar.

Após ter selecionado a metodologia, o próximo passo nesta preparação foi a aplicação de um inquérito, a ambas as turmas, com vista a traçar algumas ideias acerca dos seus perfis, etapa já abordada no ponto anterior.

A esta ferramenta, seguiram-se vários instrumentos de reflexão, que pressupunham avaliar o ponto de situação dos alunos face a oito categorias: Bem-estar, saúde e ambiente; Desenvolvimento pessoal e autonomia; Pensamento crítico e pensamento criativo; Relacionamento interpessoal; Consciência histórica; Multiperspetiva; Empatia histórica; Cultura democrática.

Nestas reflexões, também foi proposto o anonimato, com exceção de uma atividade, que se realizou no dia 11.02.2021, e que ocorreu na sequência de uma conversa informal com os alunos. O objetivo do anonimato era transmitir aos alunos à-vontade na realização das suas reflexões. Porém, nenhum dos alunos optou por essa opção.

A primeira atividade foi realizada a 09.11.2020, após a leção do tema “O agudizar das tensões políticas e sociais a partir dos anos 30”, subtema “As opções totalitárias”, com o sumário: “O estalinismo: a burocratização do partido e a repressão; a coletivização dos campos e a planificação da economia. A importância da propaganda”. Com esta atividade, pretendia que os *exploradores* refletissem sobre os conteúdos lecionados, tendo o seguinte mote “O que aprendi nesta aula fez-me sentir...”.

Ao longo da lecionação deste conteúdo, procurei, em conjunto com os alunos, refletir nos cuidados que devemos ter quando lidamos com propaganda política e, para isso, procedemos à leitura de diferentes cartazes de propaganda e analisámos o seu simbolismo. Foi enfatizada a existência de uma intenção por detrás dessa ferramenta e, tratando-se de um regime político totalitário, não só tinha nas suas mãos um território vasto e multicultural, como havia herdado um passado de luta política e tinha como objetivo persuadir a população a não se revoltar contra si. Através do alcance do apoio do povo, pelo fomento da figura paternalista de Estaline, que queria o melhor para os cidadãos, tal como um pai para os seus filhos, seria muito mais fácil que a mesma população aceitasse a justificação para as ações radicais e (sob a perspetiva atual, influenciada por uma cultura democrática) cruéis, desempenhadas pelo Estado. Acerca deste último aspeto, o plano de aula previa enfatizar o Holodomor, também conhecido pela Grande Fome. Este conteúdo não surge no manual e, mesmo hoje, merece alguns cuidados na sua análise.

Este acontecimento trata-se de uma espécie genocídio, que provocou a morte de milhões de ucranianos nos anos de 1932 e 1933. O próprio termo “Holodomor” foi usado pelo nacionalismo ucraniano com o intuito de estabelecer um paralelismo com o termo “Holocausto”. Porém, mal introduzi este conteúdo, salientei os cuidados a ter na sua análise. Apesar de ser impossível desacreditar tal acontecimento, até porque ainda hoje sobrevivem pessoas que resistiram ao Holodomor, existe, porém, pouca informação concreta sobre o mesmo. Por exemplo, é impossível ter certezas da dimensão do crime, por não termos informações que nos permitam quantificar as vítimas diretas do Holodomor. Um outro aspeto a ter em conta são os sentimentos dos sobreviventes, que influenciam as opiniões. Se há investigações que pretendem comprovar que a fome dos ucranianos foi intencional, tendo havido uma decisão política com a finalidade explícita de os eliminar, historiadores como Arch Getty, defendem que a fome da década de 1930 resultou da rigidez estalinista e não de um plano genocida. Acrescentei ainda que a falta de informação concreta, aliada a sentimentos patrióticos é, muitas vezes, usada para aumentar ou diminuir a gravidade do sucedido, em função da perspetiva que se pretende defender.

Assim, com base neste conteúdo, pretendia-se perceber qual era o ponto de situação e desenvolver, sobretudo, as noções de multiperspetiva, de consciência histórica e empatia histórica, pensamento crítico e cultura democrática.

A 17.12.2020 realizou-se uma nova atividade, que consistiu num exercício de reflexão onde, através do mote *O que mais gostei nas aulas de História...*, os alunos foram convidados a escrever um pequeno texto. Esta reflexão procurava perceber, sobretudo, o bem-estar dos alunos face à disciplina de História, e como refletiam sobre o seu desenvolvimento, para lá dos conteúdos.

O bem-estar é importante para uma melhor compreensão dos conteúdos lecionados, sucesso académico e, consequentemente, satisfação pessoal pelo sucesso obtido. E associado a este, procurava-se perceber qual era o sentido crítico dos próprios.

No dia 11.02.2020, realizou-se outra atividade. Esta teve um molde diferente. Tratou-se de uma conversa entre alunos e professora. Expliquei que aquela era uma conversa informal, sem qualquer componente avaliativa. Para além disso, não estava relacionada com qualquer conteúdo temático até aí abordado. Teve como mote “Durante a semana/interrupção letiva, em algum momento se lembraram da disciplina de História? Qual foi o motivo?”. Esta conversa teve uma duração de 10-15 minutos.

Pretendia-se perceber se os alunos aproveitaram a pausa para, através da História, investir no seu autodesenvolvimento, e se tinham consciência da presença da História fora da sala de aula. Porém, a forma como esta atividade se desenrolou não revelou ser a melhor, na medida em que muitos alunos não expressaram a sua opinião, apesar dos incentivos.

A 11.03.2020, no final de duas regências de 70 minutos síncronos + 30 minutos assíncronas, sobre “Os movimentos artísticos do terceiro quartel do século XX”, propôs-se um exercício, como trabalho de casa (não deu para realizar no decorrer da aula), que procurava que os alunos dessem a sua opinião com base na seguinte afirmação “Estas aulas fizeram-me sentir/pensar...”.

No ponto *Um pequeno desvio só enriquece: A importância e o impacto da atuação do guia durante a jornada*, expliquei que a lecionação deste conteúdo decorreu sob o conceito de uma exposição museológica. Procurei deixar claro que as várias correntes

artísticas foram influenciadas por fatores psicológicos, emocionais e culturais, que afetavam o artista, ou o meio. Por isso, procurou-se levar os alunos a “colocar-se” do lugar dos artistas, e do seu respetivo contexto, através do desenvolvimento da consciência histórica e da empatia, a fim de compreender a personalidade dos indivíduos e o seu meio, sempre com base nas evidências históricas disponíveis.

A 24.05.2020 realizou-se uma nova atividade, que consistiu, mais uma vez, num exercício de reflexão, onde os alunos foram convidados a escrever um pequeno texto acerca das personalidades históricas estudadas que mais lhe chamaram a atenção, no âmbito das aulas sobre “A Globalização: o passado no presente”. Este foi o segundo complexo de aulas que realizei, onde também foi aplicado um conceito (relembro que esta estratégia e estas aulas foram explicadas no ponto *Um pequeno desvio só enriquece: A importância e o impacto da atuação do guia durante a jornada*). As aulas giraram em torno do tema “Alterações Geoestratégicas, Tensões Políticas e Transformações Socioculturais no Mundo Atual” e subtema “A viragem para uma outra era”, cujo conteúdo lecionado focou-se nos movimentos migratórios e nas suas consequências: o Racismo e a Xenofobia; na (in)segurança mundial e nas questões ambientais. Este complexo de aulas ocupou três blocos letivos de 100 minutos, em regime presencial.

Os alunos foram convidados a marcar presença num Congresso, com o tema *A Globalização: O passado no presente*, composto por duas partes:

- Parte 1. Os Movimentos migratórios e as suas consequências: o Racismo e a Xenofobia.
- Parte 2. A (in)segurança mundial e as questões ambientais.

Este complexo começou, tal como o anterior, com uma música, que serviu de motivação. Os alunos foram convidados a ouvir uma música de Ella Fitzgerald e Louis Armstrong, *Dream a little dream of me* (03:01 min), lançada em 1956. Pretendia-se que os alunos, mais uma vez, descontraissem e, em simultâneo, compreendessem, de forma sentida, o meu intuito quanto às aulas – tinha o sonho de os conteúdos serem *apreendidos* por eles.

Assim, apresentei-lhes o seguinte programa para as três aulas que se seguiam:

Programa – Parte 1 01 O mundo é do tamanho que quisermos - Somos animais, mas não temos que marcar território. - A vida é muito mais que isto - Participação especial n.º 1. 02 Nós não somos todos iguais... e está tudo bem! - Quando a ideia contrária ganhou força. - Quando o sonho comandou a(s) vida(s) - Participação especial n.º 2 e 3. - Todos temos direito a uma segunda oportunidade - Participação especial n.º 4. - Um longo (?) caminho pela frente. - A falar é que a gente se entende. 03 Ser Cidadão do Mundo	
Programa – Parte 2 04 Nem todos vivemos num “cantinho à beira mar plantado”. - E o terror vira quotidiano. - A religião não é o problema. - (Re)construir uma vida. - Participação especial n.º 5. 05 Grão a grão enche a galinha o papo. - O mundo está a aquecer. - O agregado familiar do planeta ultrapassa os seus rendimentos. - Participação especial n.º 6. - Preferes ser a Cigarra ou a Formiga?	

Figura 2: Program da aula "A Globalização: O passado no presente"

No final, tendo sido bem-sucedida na aplicação do plano de aula, realizei a penúltima atividade deste relatório de estágio, onde lhes pedi para refletirem nas personalidades estudadas e contar qual, ou quais, teve maior significado e o motivo.

Por fim, no final do ano letivo, a 16.06.2021, voltou-se a aplicar uma nova atividade, muito semelhante à aplicada no final do primeiro período, onde foi proposto aos

alunos darem a sua opinião acerca do que mais gostaram das aulas, nesta disciplina. Pediu-se que, na sua reflexão, abordassem aspetos como os conteúdos; e se havia algo que levassem com eles, daqui em diante (ideias, valores, competências – trabalhadas nesta disciplina). O comportamento dos alunos face à proposta foi interessante, na medida em que alguns consideraram a atividade repetitiva, não percebendo que a finalidade da atividade era avaliar a possibilidade de uma evolução. Apesar disso, todos os elementos colaboraram (inclusive, identificaram-se) e o feedback foi bastante interessante.

Tendo em conta as ferramentas a colocar na mochila, passarei a explicar o sistema adotado para a organização dos componentes.

Nesta investigação, procurou-se analisar qualitativamente os dados recolhidos, fazendo uma análise de conteúdo. Trata-se de uma metodologia qualitativa vulgar na abordagem e tratamento dos fenómenos educativos. Manuela Esteves (2006) explica que a análise de conteúdo trata-se de “um conjunto de técnicas possíveis para o tratamento de informação previamente recolhida. Os dados a sujeitar a uma análise de conteúdo podem ser de origem diversa e de natureza diversas” (p. 107). Para além disso, a investigadora também explica que a análise de conteúdo apresenta-se como uma técnica de tratamento e de filtragem de dados, que permite uma economia de trabalho, enquanto Stemler observa este método como uma técnica de sistematização e de compactação de informações textuais, através da sua codificação e da sua categorização (Esteves, 2006). Berelson e Lazarsfeld (2001) consideram a análise de conteúdo um meio investigativo objetivo, rigoroso, sistemático e quantificador de conteúdo, permitindo interpretar e inferir a singularidade de cada unidade de texto. Já Jorge Lima (2013) acrescenta que a análise de conteúdo é uma forma de se atingir uma interpretação do sentido e do significado dos padrões e das tendências visíveis nos dados (Santos, 2021, p. 131). Por fim, essa interpretação prossegue com a realização de inferências pelo investigador, as quais podem ser questionadas por outros, ou corroboradas e, até, contrariadas por outros procedimentos de recolha e tratamento de dados.

Porém, desde o início desta investigação que se aplicaram algumas estratégias distintas das propostas por Manuela Esteves. Apesar da diferença, tais estratégias são igualmente válidas. Ao se proceder à categorização, optou-se pelo estabelecimento de

um procedimento fechado. Isto é, nesta investigação, já havia criado previamente uma categorização, apropriada ao objeto em estudo, com o intuito de classificar os dados.

Assim, após a realização das reflexões, e com a categorização pré-determinada, procedeu-se à leitura e à identificação das unidades de registo. Estes dados tratam-se de uma seleção de fragmentos textuais relevantes, que servem de evidência às categorias propostas. Tendo finalizado a exploração do material e determinado as unidades de registo, o próximo passo passaria por elaborar indicadores e, por fim, realizar inferências coerentes e estruturadas.

Tabela 1: Excerto da tabela inserida no anexo 1.1. – Atividade 1

Categoria	Indicador	Unidade de registo / Unidade de contexto
Bem-estar, saúde e ambiente	Consciência do próprio e do meio Dimensão afetiva positiva	“fez-me sentir uma sortuda por não passarmos por estes tempos agora, e tudo ser muito mais fácil e acessível. Fico grata por ter nascido numa época tão boa e não ter tido sequer problemas com fome ou algo do género. (...) O que aprendi nesta aula fez-me pensar e refletir no quão somos felizes hoje em dia e com poucas ou até nenhuma limitações.” (H12A-12) “posso me considerar uma pessoa privilegiada uma vez que nunca tive que viver nessas situações e sempre tive uma vida estável e, quando comparada a este estilo de vida que se viveu, bastante superior”. (H12A-13) “sou sortuda por ter nascido numa família e numa época tão boa. (...) fez-me sentir desumilde! O facto de, hoje em dia, as pessoas reclamarem com tanta facilidade de tudo o que têm e de se vangloriarem das mesmas perante pessoas com uma posse monetária inferior ou entre si mesmas”. (H12A-14) “somos muito sortudos por na atualidade não termos de passar pelo que as pessoas passaram com Estaline e outros ditadores”. (H12A-17) “sentir afortunada (...). senti-me sensibilizada ao conhecer as condições em que a população russa teve de passar (...) É indigna a forma em que Estaline ignorou o que estas pessoas estavam a passar e não fez nada para evitar isto”. (H12A-23)

A identidade de cada aluno foi ocultada. A codificação baseou-se na referência à disciplina, no número do ano de escolaridade, turma e número do aluno. Assim, o código consiste na primeira letra da disciplina História, o número do ano de escolaridade e turma, seguido de hífen, e número do respetivo aluno, por exemplo, H12X–1: H significa disciplina História; 12 refere-se ao 12.º ano de escolaridade, X turma; 1 (número do aluno).

De forma a avaliar o ponto de situação dos *exploradores* quanto à noção e desenvolvimento dos pontos cardeais e colaterais, optou-se por se colocar questões em diferentes momentos da aula e do ano letivo, com o intuito de refletirem, a fim de compreender qual era a opinião dos alunos e se houve alguma alteração.

A análise de dados foi realizada com base nas reflexões dos alunos sobre diferentes assuntos.

3. Reportagem da *Grande Rota*

À semelhança de uma reportagem, que implica recolher, analisar e preparar a informação sobre um dado tema, de forma a poder ser transmitida, também este capítulo terá esse propósito. Isto é, pretende-se demonstrar os resultados alcançados na investigação realizada, e efetuar uma análise aos dados, presentes nas reflexões (instrumentos).

Tendo como objetivo responder às questões orientadoras “Qual é a importância da História para os alunos?” e “Os alunos percebem a existência da História no currículo de estudos?”, ao construir os indicadores das categorias pré-determinadas (os nossos pontos cardeais e colaterais), passo a relembrar, resumidamente, o que cada uma dessas implica:

Ao considerarmos o ponto **bem-estar, saúde e ambiente**, teve-se em conta que este procura promover, criar e transformar a qualidade de vida do indivíduo e da sociedade. Integra uma dimensão cognitiva e uma dimensão afetiva, incluindo uma variedade de construtos subjetivos, tais como a felicidade, o prazer, a vitalidade, a energia, a satisfação com a vida, com o trabalho, com as relações interpessoais, a liberdade política, entre outros. Especificamente, bem-estar relaciona-se com o **autoconhecimento** do indivíduo, isto é, com a **consciência que o indivíduo tem de si e do meio**. Está associado

às relações interpessoais, na medida em que depende delas e as fomenta. Quanto maior a sensação de bem-estar for, mais contribui para o sucesso acadêmico e profissional da pessoa, o que tem implicações sobre a saúde (nomeadamente mental) e na relação com o ambiente.

Desenvolvimento pessoal e autonomia dizem respeito aos processos através dos quais os alunos desenvolvem confiança em si próprios, motivação para aprender, autorregulação, espírito de iniciativa e tomada de decisões fundamentadas, aprendendo a integrar pensamento, emoção e comportamento, para uma autonomia crescente. Tal está diretamente relacionado com o crescimento pessoal do indivíduo, com a sua evolução e adaptação às circunstâncias. Paralelamente, exige competências como o empreendedorismo, a tenacidade, a flexibilidade, a adaptabilidade, a resistência, de forma a lidar com os obstáculos e desafios do dia a dia, tal como a frustração e situações instáveis como caminhos impedidos e que obrigam a alterações de percurso, perigos e incertezas biográficas. Este processo contribui para a formação e solidificação da individualidade/identidade do próprio. Este trabalho está dependente do sucesso, esforço investido e dedicação contínua tida pelo indivíduo.

No que concerne à autonomia, esta resulta da capacidade de o indivíduo interiorizar valores, sobretudo morais, e condutas sociais. Por isso é que o desenvolvimento pessoal surge em simultâneo. O desenvolvimento da autonomia exige uma maturidade pessoal. Mas há que ter em conta que a autonomia não implica independência face ao *outro*, pelo contrário. Desenvolver autonomia envolve a integração da reciprocidade entre os indivíduos, da noção de inter-relação e de interdependência.

Já o **Pensamento crítico** envolve observar, identificar, analisar e dar sentido à informação, às experiências e às ideias, assim como argumentar a partir de diferentes premissas e variáveis. E o **pensamento criativo** envolve gerar e aplicar novas ideias em contextos específicos, abordando as situações a partir de diferentes perspetivas, identificando soluções alternativas e estabelecendo novos cenários.

O **Relacionamento interpessoal** diz respeito à interação com os outros, a qual ocorre em diferentes contextos sociais e emocionais, e permite reconhecer, expressar e gerir emoções, construir relações, estabelecer objetivos e dar resposta a necessidades pessoais e sociais. Desenvolve competências ao nível da interação com outros. Tais implicam que o próprio seja capaz de assumir determinado comportamento, adequado a

contextos de cooperação, partilha, colaboração e competição; trabalhar em equipa e saber comunicar presencialmente e em rede; interagir com tolerância, empatia e responsabilidade; assim como argumentar, negociar e aceitar diferentes pontos de vista, desenvolvendo novas formas de estar, olhar e participar na sociedade.

A **Consciência Histórica** trata-se da capacidade de estabelecer relações significativas entre passado, presente e futuro, no contexto da vida prática dos indivíduos, sem que se menosprezem os valores e a dimensão ética inerente aos acontecimentos, que decorrem num particular ambiente social e cultural. Quando desenvolvida, pode influenciar a nossa trajetória futura pois, a noção de que os acontecimentos não são algo meramente estanques influencia o indivíduo a tomar decisões e agir em função de uma consciência do que pretende. É extremamente rica pois, podemos considerá-la como um alargamento da experiência vivida; é uma introdução ao possível, ao provável e ao humano. Fomenta positivamente as relações intersociais porque desenvolvemos a compreensão e a escuta ativa; também contribui para o desenvolvimento de sentimentos de gratidão e interajuda, mas acima de tudo contribui para a diminuição da incerteza quanto ao futuro, dada a constante transformação do quotidiano que experienciamos. Daí Luís Alves afirmar que o conhecimento do passado garante o sucesso do exercício da cidadania (Alves, 2009).

A **Multiperspetiva** implica aprender, analisar e interpretar diferentes perspetivas contrastantes, de forma a construir um quadro completo de cada conteúdo do passado estudado. Desenvolve a capacidade de compreensão, necessária para levarmos em consideração a perspetiva, ou perspetivas, dos outros, para além da nossa, compreendendo o contexto passado, através de diferentes perspetivas. Esta noção permite construir uma narrativa histórica aprofundada e consistente, na medida em que contribui para a compreensão de que os eventos históricos resultam das ações humanas, com base nas decisões tomadas por pessoas, e nas informações tidas naquele momento. Para além disso, esta capacidade permite que o indivíduo perceba que a qualidade da decisão depende da qualidade da informação, e a qualidade depende do pensamento crítico. Logo, estar consciente de que as decisões são baseadas em convicções e, possivelmente, em desejos ou medos, ajudará à compreensão dos eventos, ao reconhecimento, reflexão e superação de preconceitos, assim como na formulação uma nova perspetiva do presente. Ainda, contribui para a tomada de escolhas mais conscientes e na direção das ações.

A **Empatia** trata-se de um exercício de descentramento dos valores e ideias do presente, a fim de compreender as realidades históricas. Implica analisar, interpretar e refletir acerca do passado, nomeadamente sobre um sujeito e/ou acontecimento, o que conduzirá à compreensão do mesmo. Com base num amplo conhecimento do contexto histórico, e na interpretação de evidências históricas diversificadas e contempladoras de diferentes perspetivas, tirando ainda partido da imaginação e imitação histórica, o indivíduo terá maior sucesso em se colocar no lugar do outro e reconstruir o passado, empatizando com um dado acontecimento.

Por fim, a **Cultura democrática** envolve pensar valores e desenvolver atitudes, competências e conhecimentos, de forma crítica. O objetivo é fomentar um envolvimento político contínuo, a fim de alcançar o bem-comum – cidadania ativa. Para tal, procura ajudar o indivíduo a desenvolver a capacidade de pensar e agir eticamente, com base na compreensão e avaliação da informação histórica, e a tornar-se num participante ativo de uma cultura democrática, adquirindo uma série de comportamentos que promovem o diálogo e a cooperação, solucionando conflitos através de meios pacíficos e de uma participação ativa na esfera pública.

3.1. Os *souvenirs* da viagem

Podemos trazer das viagens que realizamos lembranças materiais, mas a maioria dos *souvenirs* não é palpável, o que não determina o seu valor pois, muitas vezes, até são impossíveis de comprar. Trazemos experiências, emoções, estados de espírito, novas amizades, entre outros. Esta jornada não é diferente, e é isso que se pretendia avaliar – o que é que os alunos apreenderam, o que levam para a vida.

Este relatório tinha como questões de partida:

- Qual é a importância da História para os alunos?
- Os alunos percebem a existência da História no currículo de estudos?

Pretendia que compreendessem a importância que a disciplina de História tem para os próprios e que reconhecessem a necessidade das competências desenvolvidas por esta disciplina.

Relembro que, seguindo de perto o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, defendia-se uma educação humanista, capaz de integrar os jovens na sociedade contemporânea, dando-lhe não só qualificações profissionais, mas também individuais, preparando-os para se tornarem cidadãos democráticos. Isso implica a capacidade de análise e questionamento crítico, avaliando e selecionando a melhor informação, que lhes permitirá formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia a dia; dar-lhes ferramentas para ter liberdade, autonomia, responsabilidade e consciência de si próprios e do mundo que os rodeia; capacidade de lidar com a mudança e com a incerteza num mundo em rápida transformação; serem criativos, com competência de trabalho colaborativo e com capacidade de comunicação, estando aptos a continuar a aprender ao longo da vida, rumo ao seu crescimento pessoal e da sua intervenção social; e, por fim, estando conscientes dos princípios fundamentais da sociedade democrática, dos direitos, garantias e liberdades em que esta assenta, sendo capazes de respeitar e contribuir para uma sociedade melhor, o que inclui o respeito pela dignidade humana, pelo exercício da cidadania plena, pela solidariedade com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático, rejeitando todas as formas de discriminação e de exclusão social, apesar da constante mudança e imprevisibilidade que o futuro reserva (*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 2018, p. 16).

Portanto, ao desenvolver as atividades, tendo pré-determinado as categorias (bem-estar, saúde e ambiente; desenvolvimento pessoal e autonomia; pensamento crítico e pensamento criativo; relacionamento interpessoal; consciência histórica; multiperspetiva; empatia histórica; cultura democrática), pretendia-se também verificar a presença dos valores defendidos por esta educação humanista:

- Responsabilidade e integridade;
- Excelência e exigência;
- Curiosidade, reflexão e inovação;
- Cidadania e participação;
- Liberdade.

Vejamos como isto se converteu na prática.

A adesão às atividades não foi total e variou, em número, de atividade para atividade. Apenas o questionário inicial, a atividade 2 e a atividade 6 reuniram as opiniões

tidas por todos os alunos da amostra. Este dado, a par do facto de esta investigação ser de cariz qualitativo e exploratório, não me possibilita fazer generalizações. Todavia, os resultados obtidos foram muito interessantes.

Ao apresentar as diversas atividades, muitos alunos demonstraram não perceber como tais reflexões se enquadravam no trabalho da disciplina. A não realização de atividades, sobretudo na turma B, não advém de um ato de “revolta” quanto à atividade, mas uma atitude de desmotivação, que é geral quanto aos trabalhos de casa e outras atividades propostas e exigidas ao longo do ano letivo e, muitas vezes, até avaliadas quantitativamente.

Após a realização da primeira atividade com os alunos, cujos resultados estão disponíveis no Anexo 1.1., de forma a avaliar a categoria **bem-estar, saúde e ambiente**, foram reunidos os seguintes indicadores, interdependentes:

- Consciência do próprio e do meio;
- Dimensão afetiva positiva.

Dentro destes dois indicadores, após refletirem no conteúdo estudado, os alunos manifestaram sentimentos de gratidão face à herança que receberam, nomeadamente, família, meio, contexto histórico e social (H12A-12; H12A-13; H12A-14; H12A-22)

Na categoria **Desenvolvimento pessoal e Autonomia**, formaram-se os seguintes indicadores:

- Crescimento pessoal (revelando noção de que a atitude para com a realidade atual faz diferença = Proatividade);
- Responsabilidade;
- Maior conhecimento.

Sob estes indicadores, os alunos defenderam uma atitude menos crítica face às circunstâncias, a favor do desenvolvimento de uma sociedade mais consciente e melhor (H12A-12). H12A-14 acrescentou que, dado o conteúdo estudado, refletiu na necessidade de dar mais valor a aspetos como a comida, procurando evitar o desperdício. Já H12A-18 manifestou responsabilidade ao estar consciente da sua ação e impacto enquanto ser humano. E H12B-10 manifestou vontade de incrementar o seu conhecimento sobre o tema e período lecionado.

Na categoria **Pensamento crítico e pensamento criativo**, formaram-se os seguintes indicadores:

- Aplica ideias do presente face a um contexto específico do passado;
- Confere um sentido à informação observada, interagindo com empatia.

Vários alunos manifestaram um pensamento crítico sobre assuntos da atualidade, nomeadamente desperdício alimentar (H12A-14), atitude apática sobre o contexto histórico atual e respetivos privilégios herdados (H12A-14; H12A-17; H12B-10), assim como as ações cruéis e injustificadas do ser humano (H12A-18; H12A-17; H12A-22) e, em simultâneo, conferiram sentimentos de empatia face a essas reflexões, manifestando revolta, tristeza e indignação.

Quanto à categoria **Relacionamento Interpessoal**, não tive qualquer indicador.

Na categoria **Consciência histórica**, formaram-se os seguintes indicadores:

- Conhece e compreende a realidade histórica estudada;
- Relevância do tempo histórico.

Foram vários os alunos que justificaram as suas reflexões e opiniões com o conteúdo histórico abordado, demonstrando que foi essa consciência que lhes permitiu manifestar as restantes competências em análise (H12A-12; H12A-13; H12A-14; H12A-15; H12A-18; H12A-20). Por exemplo, a aluna H12A-15 revela exatamente isso por dizer que a tomada de consciência do conteúdo a levou a passar de uma atitude de indiferença para ficar “mais sensibilizada”.

A tomada de consciência também levou alunos a perceber a influência do passado sobre o presente por reconhecer que a sua realidade é resultado “destas reviravoltas que houveram no passado” (H12A-12) e que, “para sermos o que somos hoje como mundo, países e pessoas, tivemos que passar por tanto e abdicar de várias coisas” (H12A-14).

Na categoria **Multiperspetiva**, formaram-se os seguintes indicadores:

- Desenvolve compreensão, considerando a sua perspetiva sobre a atualidade face ao passado;
- Revela falta de perspetivas face à atualidade.

A manifestação desta competência ficou visível quando os alunos foram capazes de comparar a sua realidade ao contexto histórico abordado H12A-12; H12A-13. Porém, um comentário demonstrou não estar plenamente consciente dos problemas da atualidade ao refletir que, ao tomar consciência do período de governo de Estaline, este fez-la “pensar e refletir no quão somos felizes hoje em dia e com poucas ou até nenhuma limitações” (H12A-12). Se esta aluna podia estar a referir-se apenas à realidade política portuguesa, e não internacional, é possível. No entanto, mesmo assim, revela que a sua consciência histórica, face à atualidade, pode ser mais bem desenvolvida.

Na categoria **Empatia histórica**, formaram-se os seguintes indicadores:

- Empatia em relação ao passado;
- Recorre à imaginação e imitação, a fim de empatizar com o contexto histórico;

Os alunos demonstraram empatia face ao passado por associar sentimentos (H12A-12; H12A-14; H12A-15; H12A-17; H12A-22; H12B-10) e por recorrer à imaginação e imitação e realizar o exercício de se colocar no lugar do outro (H12A-13). Porém, um desses alunos comentou que sentiu indiferença, justificando que, por não ter vivido essa situação, não conseguiu se relacionar “com algumas das situações, como a má governação de Estaline, que levou à fome e, por consequência, gerou mortes em massa” (H12B-10). Este comentário não põe em causa a empatia, pois esta não tem, necessariamente, de estar associada a sentimentos.

Na categoria **Cultura Democrática**, formaram-se os seguintes indicadores:

- Manifestação de valores culturais;
- Valorização da democracia;
- Cidadania ativa.

A suportar estes indicadores, foram recolhidas reflexões nas quais os alunos refletem acerca das injustiças vividas pelos agentes históricos, assim como no sofrimento pelo qual passaram, e associam a atitudes atuais de apatia e desrespeito para com bens e pessoas, nomeadamente o desperdício alimentar (H12A-12; H12A-14; H12A-18; H12A-17; H12A-18). Valorizam o atual sistema político, na medida em que se experiencia “liberdade e igualdade social” (H12A-12; H12A-13; H12A-15; H12A-15; H12A-

22), assim como possibilidade de ter voz no meio político (H12B-10; H12A-12; H12A-13; H12A-17)

No que concerne à atividade 2, cujos resultados estão disponíveis no Anexo 1.2., os indicadores reunidos face à categoria **bem-estar, saúde e ambiente**, foram os seguintes:

- Dimensão afetiva positiva.
- Sucesso acadêmico.
- Incremento do gosto pela disciplina.
- Relações interpessoais positivas, fomentadas pelo sentimento de apoio, à vontade e confiança criado entre alunos e docentes.

Os alunos manifestaram bem-estar por afirmar sentirem-se mais motivados face aos conteúdos lecionados, assim como às regências, destacando ainda a melhoria das classificações obtidas. Ainda mostraram interesse em querer saber mais e melhor (H12A-12; H12A-13; H12A-17). Este incremento pelo gosto à disciplina foi acompanhado pelo ênfase dado à relação estabelecida com as docentes. Foi interessante ver que um aluno destacou a proximidade etária, que funcionou como exemplo a seguir (H12A-19). E, através das respostas dos exploradores, foi possível perceber de que o bem-estar não é apenas algo que nos diz respeito, mas que contagia quem nos rodeia. Não só os alunos tiveram em conta o à-vontade da professora (H12B-3) e a cumplicidade (H12B-18), baseada na confiança (H12A-14). Aliás, este sentimento levou o aluno H12A-14 a destacar “a maneira de trabalhar e a abertura que nos dão para interagir e, até mesmo errar”.

Na categoria **Desenvolvimento pessoal e Autonomia**, formaram-se os seguintes indicadores:

- Valorização e desenvolvimento de competências, rumo ao crescimento pessoal, relacionando-se com o processo de autonomia e evolução.
- Valorização do programa lecionado.

Os alunos valorizaram a possibilidade de poder pensar e responder de forma autónoma (H12B-12); a aquisição e incremento de conhecimento, independentemente do trabalho envolvido (H12A-14); o desafio imposto pela multiplicidade de metodologias

usadas no decorrer das aulas, mas que contribuíram para o crescimento dos próprios alunos (H12A-18; H12A-20; H12B-12; H12B-13); a organização e planificação dos conteúdos a lecionar como uma mais-valia na sua própria organização (H12A-20); assim como o apelo às características individuais (H12A-21). E, como o segundo indicador demonstra, também demonstraram interesse pelo programa de estudos.

Na categoria **Pensamento crítico e pensamento criativo**, constituiu-se o seguinte indicador:

- Analisa e dá sentido à experiência vivida.

E este sentido dado à experiência passou pela valorização das aulas, tanto ao nível das regências, das docentes e dos conteúdos.

Quanto à categoria **Relacionamento Interpessoal**:

- Relação e dinâmica entre docentes/alunos.
- Valorização do trabalho das docentes e o seu contributo numa melhor aquisição e compreensão dos conteúdos.

Os feedbacks dos alunos, que suportam estes indicadores, são positivos. Os alunos manifestam ter criado uma relação sólida com as docentes, influenciada pela atitude tida e trabalho feito em prol do bem-estar dos próprios (H12A-12; H12A-14; H12A-16; H12A-18; H12A-20; H12A-21; H12B-1; H12B-2; H12B-3; H12B-8; H12B-9; H12B-13)

Aa categoria **Multiperspetiva** teve como indicador:

- Demonstra capacidade de ver perspetivas distintas.

Os alunos foram capazes de reconhecer as diferentes personalidades e métodos de trabalho das docentes, tendo lidado bem com a diferença e, até, referindo que tal aspeto foi benéfico para a aprendizagem (H12A-13; H12A-15; H12A-17; H12A-18).

Quanto às categorias **Consciência histórica, Empatia histórica e Cultura Democrática**, não tiveram qualquer indicador.

No que concerne à atividade 3. cujos resultados estão disponíveis no Anexo 1.3., os indicadores reunidos face à categoria **bem-estar, saúde e ambiente**, foram os seguintes:

- A história contribuiu para o lazer (Consumo de conteúdos digitais).
- Relações interpessoais positivas (interajuda)

O consumo de conteúdos digitais (ex. produções cinematográfica), que têm por base assuntos históricos, são comuns. Porém, foi interessante ver que, nesta categoria, o aluno H12A-17 referiu que, através do conhecimento histórico adquirido neste ano letivo, teve a possibilidade de ajudar familiares que não têm tanto conhecimento. Explicou que ajudou a mãe a tomar uma decisão política, por lhe explicar conceitos como o comunismo.

Na categoria **Desenvolvimento pessoal e Autonomia**, formaram-se os seguintes indicadores:

- Incremento do conhecimento/crescimento pessoal.
- Autonomia e evolução.

Desta vez, os alunos refletiram nos contributos dados pela História no incremento do conhecimento geral (H12B-2); da informação (H12A-18) que, por sua vez, ajuda os indivíduos a “não cometer os erros do passado” por aprender a evitar situações, ou a melhorar o que já foi feito, por não praticar “os mesmos erros que já foram cometidos” (H12B-5; H12A-17); e de outras áreas, nomeadamente, da economia (H12A-15). Para além disso, referiram também que esta disciplina permite desenvolver a capacidade de argumentação (H12A-13) e de empatia (H12A-15), assim como ajuda a conhecer a nossa herança, na medida em que contribui “para conhecer o que veio antes de nós” (H12B-5).

Na categoria **Pensamento crítico e pensamento criativo**, constituiu-se o seguinte indicador:

- Desenvolvimento da argumentação a partir de diferentes premissas e variáveis.

Este indicador baseou-se nas variadas reflexões feitas pelos alunos, que consideraram a importância da História “para conhecer o que veio antes de nós e para não cometermos os mesmos erros que já foram cometidos” (H12B-5), perceber as situações

atuais, para falar de política com os familiares e amigos (H12A-12; H12A-15; H12A-17) e para os ajudar a comparar e a tomar decisões no presente. (H12A-13). E estão cientes de que tais aquisições beneficiam e contribuem para o desenvolvimento da capacidade de argumentação (H12A-13); de empatia (H12A-15); e de espírito crítico (H12A-21).

Quanto à categoria **Relacionamento Interpessoal**:

- Fomenta relações interpessoais.

Fornecer bases para, nomeadamente, falar de assuntos acerca de política, com os familiares e amigos (H12A-12). O aluno H12B-2 considerou que, quando está com amigos e aparece alguém novo, partilham informações, relacionando esse aspeto à aprendizagem de História. O conteúdo aprendido fomenta conversas à mesa, às refeições, enquanto está com a família (H12A-13; H12A-14). E, por fim, os alunos H12A-13 e H12A-21 enfatizaram o contributo dado por esta disciplina ao permitir perceber porque as pessoas são como são.

Na categoria **Consciência Histórica**, temos como indicadores:

- Relevância histórica
- Estabelece relações significativas entre passado, presente e futuro
- Identidade histórica

Reconhecem a presença da história no dia-a-dia (H12A-13), na cultura, na nossa identidade (H12B-8), o papel que tem no entendimento do contexto atual, na base de conhecimento que fornece e que permite falar de assuntos, como política, com os familiares e amigos (H12A-12; H12A-18; H12A-19), destacam ainda o auxílio que esta mesma disciplina confere na tomada de decisões (H12A-13). Para além disso, manifestam consciência da relevância histórica por afirmarem que tudo abrange a História pois, tudo tem que ter uma história para acontecer. O aluno H12B-1 explica: “eu estou aqui por alguma razão. Não apareci de repente. Tenho história para trás. Como, por exemplo, tudo o que temos tem uma história por trás, vem tudo do passado. Dependemos muito da História”. Já H12B-2 referiu que somos produto do passado histórico, na medida em que, “o que está a acontecer será o passado dos nossos netos, que vão estudar o que foi o covid por exemplo” e, para além disso, considera que, “cada um tem uma história diferente. Não é

algo que todos olhamos e é igual para todos. Cada um tem a sua história, ou as suas histórias”. Outro refere que “as aulas online são uma parte da História e vão ser dadas no futuro”. (H12B-13). Por isso, afirmaram que a História também é o presente (H12B-2; H12B-9; H12B-11). H12B-2 explica que “estamos a dá-la (História-disciplina), então estamos perto. É como se tivéssemos a viver aquela altura porque temos de saber o que aconteceu”. H12B-13 acrescenta que “a nossa evolução; tudo o que aconteceu até o momento, deveu-se à história. Tudo o que aconteceu no passado, as decisões tomadas, o facto de estarmos aqui a ter aulas, alguém, no passado, criou a escola e isso é uma parte da História”.

Na categoria **Multiperspetiva**:

- Demonstra capacidade de perceber perspetivas diferentes.

O qual foi suportado pelo comentário do aluno H12A-13, que refere que a História nos ajuda a comparar e a tomar decisões no presente.

Na categoria **Empatia histórica**:

- Consciência do que implica empatia.
- Descentramento dos valores e ideias do presente, a fim de compreender as realidades históricas.
- Recorre à imaginação como instrumento de compreensão.

Para além de o aluno H12A-18 explicar que a empatia implica colocar-se no lugar do outro, apesar de não, necessariamente, concordar, mas compreender o porquê, o aluno H12A-13 exemplificaria tal definição com a sua experiência pessoal. Expõe que usa a empatia histórica de forma a lidar com a opinião da avó, ainda influenciada pela ideologia do regime de Salazar. Este aluno (H12A-13) refere que “é difícil mudar as ideias de uma pessoa que viveu aquilo e que na altura estava a viver bem com aquilo. Não consegue ver aquilo de outra maneira. Ela vê os problemas, as crises de hoje e o desemprego e refere que no tempo de Salazar não era assim e que se tivéssemos um Salazar não era assim”. Dada a circunstância, não pode contrariá-la porque, de facto, a avó dela viveu bem durante o período em que vigorou o Estado Novo, mas não era a realidade vivida por todos. Expõe que a avó gostava de viver da mesma forma, à semelhança

do passado. Por causa dessa experiência e desejo da avó, refere que compreende, considerando muito difícil mudar a opinião da avó, formada há muitos anos (elemento este que leva a aluna a compreender ainda mais a avó).

Já o explorador H12A-21 relata uma experiência semelhante. Explicou que o Pai é da ala política de direita e ela não é “nem um pouco”. “Discutem muitas vezes” sobre política e ela tenta explicar o ponto de vista dela, tentando fazer ver qual é o problema do ponto de vista do pai. Refere que tenta fazer com que o pai mude o ponto de vista dele, em função do dela, e que não é por considerar que ele está errado. Mas considera que aceitar que as minorias também têm direitos está correto (o pai não concorda com isso). Apesar desse conflito, a aluna tem em conta que o pai viveu uma ditadura, e que as opiniões que esse tem são motivadas por tal experiência. Conta que ele recebeu instrução em casa, foi para a escola e para a faculdade, enquanto vigorava a Ditadura, que, segundo a própria, procurou doutrinar as pessoas em função dos seus objetivos (“principalmente lá no Brasil”).

O aluno H12B-2 manifesta saber colocar a empatia histórica em prática, na medida em que recorre ao processo de imaginação histórica, que “é como se tivéssemos a viver aquela altura porque temos de saber o que aconteceu”.

Por fim, na categoria **Cultura Democrática**:

- Relações assentes em valores morais e democráticos

O qual teve como fundamento o comentário tecido por H12A-19, que refere que a História contribui para fomentar a tolerância e o respeito.

Passando para a atividade 4, cujos resultados estão disponíveis no Anexo 1.4., os indicadores reunidos face à categoria **bem-estar, saúde e ambiente**, foram:

- Dimensão afetiva positiva.
- Sucesso académico.

Os alunos identificaram e manifestaram “sentimento de liberdade e de concretização” (H12A-13), calma e plenitude (H12A-14; H12A-20), relaxamento (H12A-17), e felicidade (H12A-20; H12A-21). Mas, ao nível dos sentimentos, H12B-12 explicou que se sentiu “revoltado porque não é o tipo de arte que estamos habituados a ver nos dias

de hoje”, enquanto H12B-1 manifestou apreço pelo conteúdo por ir ao encontro dos seus “interesses pessoais”, visto que é fã de arte e a sua história”.

O bem-estar fez-se notar no sucesso académico reconhecido, ao nível da compreensão dos conteúdos (H12A-17, H12A-18, H12A-20; H12A-21), o que alimentou o interesse pelos mesmos, assim como a respetiva atenção conferida, aspetos estes que H12A-20 destaca serem importantes ainda mais dada as “circunstâncias em que nos encontramos (...) é mais complicado do que nas aulas presenciais, por isso gostei muito da forma criativa da aula”.

Na categoria **Desenvolvimento pessoal e Autonomia**, formaram-se os seguintes indicadores:

- Rumo à individuação/identidade
- Crescimento pessoal
- Maior conhecimento
- Incremento do gosto pela disciplina/conteúdo temático

Foi bastante pertinente verificar a sensibilidade dos alunos face à própria identidade, e daqueles que os rodeiam e que estudam. Por exemplo, o *explorador* H12A-12 refere que, o que é bonito e agradável para ele pode não ser para os outros e tal aspeto influencia o significado que cada um atribui à arte. Já H12A-14 refere que “não é preciso expressar as nossas emoções de forma direta e simples, mas também de forma abstrata e complexa”, se assim o desejasse. H12A-19 valorizou a estruturação das aulas, sentido à vontade para “sermos nós próprios a sentir e tirar as nossas conclusões das obras”.

Um outro aspeto relevante foi ver como o crescimento pessoal dos alunos está diretamente relacionado com a categoria anterior, na medida em que manifestam orgulho por saber mais: “fizeram-me sentir mais culto” (H12B-6; H12B-10), “contente” (H12B-10), e “mais sensível” (H12A-15).

Outros demonstraram não ficar por aí, tendo manifestado interesse em “conhecer e visitar museus, especialmente, os que têm em exposição arte moderna” (H12A-15; H12A-18; H12A-19; H12A-21; H12B-5; H12B-10)

E ao gostarem do conteúdo, manifestam gostar de História (H12A-15; H12A-17; H12A-20; H12A-23; H12B-5; H12B-6)

Na categoria **Pensamento crítico e pensamento criativo**, constituíram-se os seguintes indicadores:

- Analisa e dá sentido à experiência.
- Analisa e dá sentido à informação.
- Identifica soluções alternativas e estabelece novos cenários.

Vários alunos manifestaram agrado com a experiência tida, tanto com as regências, como com o conteúdo (H12A-12; H12A-15; H12A-17; H12A-18; H12A-19; H12A-20; H12A-21; H12A-23; H12B-1). Refletindo na aprendizagem adquirida, destacaram a “importância que a arte tem na nossa vida. A arte é uma forma de expressão dos sentimentos, e traz-nos a liberdade de expormos ao mundo as nossas sensações e interpretações, que muitas vezes são diferentes da maioria” (H12A-12). Este mesmo aluno acrescenta que aprendeu “que a arte não tem necessariamente de ter algum sentido ou padrão, e que muitas vezes a arte surge de atos criativos, de ideias momentâneas e, às vezes, não tem qualquer significado escondido por detrás da obra. O importante é que a arte transmita uma mensagem, seja original e seja feita sem se pensar muito no que se vai criar. Todos os artistas e todas as obras de arte têm diferentes métodos de criação e isso é muito interessante. As obras podem tanto surgir, como já referi, do ato criativo, como do nosso subconsciente ou, então, de ideias que nos lembramos no momento”. E este comentário fez-me pensar como o aluno evoca princípios do estoicismo que, à partida, nada teriam a ver com o conteúdo.

Um outro explorador expõe que sentiu a sua imaginação “mais aberta à arte”, tendo refletido que “coisas comuns que observamos podem ser arte e que (...) trazem uma história, e um artista, por trás, que quer transmitir alguma mensagem ou expressar suas emoções e sentimentos”. (H12A-20)

Quanto à categoria **Relacionamento Interpessoal**:

- Desenvolvimento da competência de comunicação com outros.

Os alunos perceberam que a arte é uma forma de expressão de pensamentos e sentimentos, e que pode ser um veículo de comunicação com outros (H12A-12, H12A-13, H12A-14, H12B-11).

Na categoria **Consciência histórica**, constitui-se o indicador:

- Relevância histórica

- Estabelece relações significativas entre passado, presente e futuro

H12A-12 refletiu na “importância que a arte tem na nossa vida”, mas H12A-15 levou essa reflexão mais longe, associando a evolução decorrente da passagem do tempo. Refere que pensou “no quanto a arte mudou, desde a época do renascimento até agora”.

Na categoria **Multiperspetiva**:

- Tem em consideração opiniões e gostos diferentes, para além dos seus.

H12A-12 e H12A-13 explicam que o que é bonito e agradável para os próprios, pode não ser compartilhado por outros. Por isso, o significado da arte varia. Já H12A-15 refere que este conteúdo foi uma forma de treinar a multiperspetiva, afirmando que despertou o seu lado “mais sensível na medida em que tive de me tentar colocar no lugar do artista com o objetivo de perceber as suas emoções”.

Na categoria **Empatia histórica**:

- Descentramento dos valores e ideias do presente, a fim de compreender, e empatizar com a realidade histórica.
- Imaginação histórica.

Esta reflexão mostrou, mais uma vez, a capacidade de empatia dos alunos, face ao conteúdo estudado, que vai para lá da compreensão, procurando imaginar o que o outro sentiu. H12A-15 demonstra tal situação por explicar que a tornaram “mais sensível na medida em que tive de me tentar colocar no lugar do artista com o objetivo de perceber as suas emoções”.

Mas, em simultâneo, é interessante ver como o aluno H12A-14 retira uma espécie de significado para si. Expõe: “Na obra de Jackson Pollock, consegui sentir a complexidade do seu inconsciente, e a confusão em que se encontrava. No entanto, foi uma obra que me fez pensar que talvez ele não estivesse confuso, mas sim perdido no meio dos seus sentimentos. Por outro lado, a obra de Mark Rothko, ao contrário de alguns colegas meus, não me fez sentir luto, mágoa ou tristeza, mas sim silêncio, vazio. Olhar para a imensidão do preto fez-me sentir num quarto escuro sozinha e calma. Fez-me sentir a presença da própria companhia, e que não era preciso mais nada para além disso”.

Mas a capacidade de empatia precisa da imaginação e tal ligação é perceptível nos comentários de H12A-15 (“estimula a nossa imaginação e criatividade, a fim de conseguirmos interpretar o que o artista pretende transmitir”) e H12A-20 (“fez com que a minha imaginação estivesse mais aberta à arte, já que algumas das vezes coisas comuns que observamos podem ser arte e (...) trazem uma história e um artista por trás, que quer transmitir alguma mensagem ou expressar emoções e sentimentos”).

Por fim, sob a categoria **Cultura Democrática**:

- Preocupação com o outro

Ao tecer este comentário (“Fez-me pensar também que são raras as pessoas que valorizam essa mesma arte, ou seja, só dão valor ao produto final e não ao trabalho que os artistas têm antes de estar finalizada e pronta para ser vendida”), o aluno H12B-2 demonstra que, através do exercício de empatia, se preocupa com o outro e o que não é imediatamente visível porque vê o investimento e trabalho envolvido como algo holístico, não valorizando meramente o resultado final, mas tudo o que está envolvido até esse momento.

No que concerne à atividade 5, cujos resultados estão disponíveis no Anexo 1.5., os indicadores reunidos face à categoria **bem-estar, saúde e ambiente**, foram:

- Dimensão afetiva
- Consciência do próprio e do meio

Ao nível dos sentimentos, alunos manifestaram admiração (H12B-11; H12A-12; H12A-17; H12A-18; H12A-23; H12B-12), felicidade (H12A-12; H12A-14;), surpresa (H12A-14); orgulho (H12A-15).

Para além disso, ao tomarem consciência das ações destas personalidades, os exploradores refletiram sobre o meio que os rodeia, nomeadamente, o ambiente (H12A-18) e a sociedade (H12B-13).

Na categoria **desenvolvimento pessoal e autonomia**:

- Valorização e desenvolvimento de competências.
- Interiorização de valores, sobretudo morais, e condutas sociais, com vista à evolução.

- Responsabilidade.

Qualidades como a força de vontade, a determinação, persistência, coragem, superação, ativismo, valores humanistas (ex. princípios de justiça, igualdade e de liberdade), interajuda, identidade (H12A-12; H12A-13; H12A-14; H12A-15; H12A-17; H12A-18; H12A-23; H12B-2; H12B-9; H12B-11). Tais características foram associadas ao desenvolvimento positivo, tanto dos próprios, como do meio que o rodeia. O aluno H12A-12, com base na História de Zac Ebrahim, refere que “apesar de ser impossível chegarmos a ter a paz mundial, cada um de nós deve estar ciente de que o objetivo é esse e que devemos fazer o melhor que conseguirmos para termos cada vez menos conflitos e para que consigamos viver em concordância”. Já H12A-23 refere que “acima de tudo temos a capacidade de traçar o nosso futuro, e que não estamos limitados a receber as consequências dos atos que pautaram os nossos pais e antepassados.”

Mas estas qualidades e a diferença que podemos fazer exige responsabilidade e os alunos demonstraram estar cientes disso. Cada um tem de fazer a sua parte, independentemente do alcance que tenha (H12A-12; H12A-18; H12A-20; H12A-23).

Mas o explorador H12B-1 teceu um comentário interessante. Ao refletir na história de Harriet Beecher, refere que, apesar da legitimidade dos ideais defendidos pela própria, o facto de ter inspirado uma revolução, é uma “consequência avassaladora”. Justifica que “penso que foi necessário a implementação destas ideias na sociedade, mas também (...) por vezes é necessário escolher onde e como as implementar, sendo que estas conclusões podem levar a problemas ainda maiores do que os iniciais”.

Na categoria **Pensamento crítico e pensamento criativo:**

- Analisa e dá sentido à experiência.

Ao refletirem na história das personalidades, formam um sentido para os próprios. Por exemplo, o aluno H12B-1 considera necessária uma postura mais calculista; e H12B-6 defende a necessidade de sermos proativos, a fim de alcançarmos o que queremos.

Na categoria **Consciência histórica:**

- Relevância Histórica.
- Consciente de que o conhecimento histórico pode influenciar a nossa trajetória futura.

Neste ponto, os alunos revelaram saber a importância e o impacto da História no Presente, mas como a consciência do próprio pode influenciar as nossas decisões futuras (H12B-12; H12A-13; H12A-20; H12A-23).

Na categoria **Empatia histórica**:

- Descentramento dos valores e ideias do presente, a fim de compreender, e empatizar com a realidade histórica.

Refletem nas problemáticas estudadas, destacando consequências das conjunturas aprendidas e empatizam com os agentes históricos (H12A-13; H12A-14; H12A-15; H12B-4; H12B-13)

Na categoria **Cultura democrática**:

- Pensa e desenvolve atitudes, competências, conhecimentos e uma compreensão crítica assente em valores morais e democráticos. Ativismo
- Feminismo

Ficou evidente o apreço face aos valores humanistas, destacando-se os princípios de justiça, igualdade e de liberdade, a par do respeito e da ação, nomeadamente política, em função de um bem-comum pautado por esses mesmos princípios.

As categorias **Relacionamento interpessoal e Multiperspetiva** não tiveram qualquer indicador.

Por fim, a última atividade realizada. cujos resultados estão disponíveis no Anexo 1.6., face à categoria **bem-estar, saúde e ambiente**, reuniu indicadores:

- Dimensão afetiva positiva
- Sucesso académico
- Aulas/Transmissão positiva

As reflexões de vários exploradores revelaram grande afinidade com a disciplina e os conteúdos, assim como com as docentes e as suas formas de lecionar. Esta afinidade foi pautada por confiança e motivação. O que, por sua vez, influenciou os resultados obtidos, marcados pelo sucesso académico. (H12B-1; H12B-7; H12B-8; H12B-11;

H12A-17; H12A-19; H12A-20; H12A-23; H12B-6; H12B-10) Por exemplo, o *explorador* H12A-16 faz a seguinte observação: “a disciplina de História tem muitos conteúdos, mas as aulas foram sempre dadas de forma dinâmica, o que contribui para uma melhor aprendizagem e compreensão da matéria. (...) o trabalho das professoras foi notório para conseguirem chegar aos alunos e abordar os temas mais facilmente”; “Em relação ao conteúdo, (...) bem estruturado, e foi nos transmitido de uma forma positiva, o que se revelou nos testes de avaliação, também positivos” (H12A-19). E H12B-8 refletiu: “foi um ano de muito trabalho e de muita aprendizagem. Crescemos muito enquanto alunos, mas também como pessoas. Parte disso deve-se às professoras que nos acompanhavam e que foram incondicionais connosco”.

Alunos felizes e satisfeitos, são alunos que manifestam bem-estar, saúde e uma boa relação com o ambiente.

Na categoria **Desenvolvimento pessoal e autonomia:**

- Valorização e desenvolvimento de competências
- Autonomia e evolução

Os indicadores desta categoria respondem aquela que é a segunda questão orientadora deste relatório. Os alunos manifestam certeza que de a História lhe deu conhecimentos e capacidades, que iram levar para a vida (H12A-12; H12A-14; H12A-15; H12A-21; H12B-2; H12B-4; H12B-11; H12B-10). Referem, nomeadamente, o desenvolvimento de espírito de equipa, multiperspetiva, empatia, respeito, argumentação, capacidade de oratória e apresentação (H12A-13; H12A-14; H12A-17); o desenvolvimento da empatia, determinação e resiliência (H12A-15), autonomia H12A-14). E o *explorador* H12B-1 expõe que aprendeu a trabalhar em grupo, percebendo a importância do seu papel no sucesso do grupo. H12A-20 é claro ao afirmar que História lhe deu valores e aprendizagens, que contribuem para o seu “desenvolvimento pessoal”, já que a ajuda na sua vida e no seu futuro.

Mas também tivemos indicadores de incremento da autoconfiança e autoestima. Por exemplo, H12A-14 destaca os desafios vividos durante este ano letivo, mas que a ajudaram a desenvolver “capacidades anteriormente escondidas”, nomeadamente a oratória; H12A-17 refere que as aulas lhe mostraram que era capaz de fazer os trabalhos

melhor do que pensava ser capaz, que a ensinaram a não desistir, mesmo estando cansada, e a ter uma melhor organização. E esta opinião é compartilhada por H12B-3, que também refere que as aulas lhe ensinaram a “nunca desistir, apesar das dificuldades”.

Na categoria **Pensamento crítico e pensamento criativo:**

- Crítica à regência

Este indicador abarcou todas as opiniões tidas às aulas, as quais tiveram uma apreciação global positiva, sendo caracterizadas como boas, dinâmicas, bem estruturadas, práticas, interessantes (H12A-12; H12A-13; H12A-14; H12A-15; H12A-16; H12A-18; H12A-17; H12A-19; H12A-20; H12A-21; H12B-9; H12B-3; H12B-4). Destacam a diversidade de metodologias de ensino (H12A-13; H12A-15; H12A-17; H12A-20; H12B-3); o contributo para o desenvolvimento do seu pensamento crítico (H12A-20; H12A-23). Por exemplo, H12A-23 destaca que a capacidade de interpretação e compreensão de documentos históricos contribuiu para o desenvolvimento do seu espírito crítico, o qual considera muito importante para o seu futuro profissional.

Em **Relacionamento interpessoal:**

- Desenvolvimento e manutenção de relações interpessoais positivas

Percebe-se que há satisfação face à relação estabelecida entre a turma e as professoras (H12A-19; H12A-21; H12B-8; H12B-4; H12B-7). H12A-13 destaca clima descontraído e de amizade. Aluno reflete o seguinte: “nesta fase final, para além do conteúdo que se aprende, é fundamental as pessoas com quem nos cruzamos, e também a relação que estabelecemos com as mesmas.” Leva, “para a vida, e para o meu futuro” conselhos de professoras que se encontram numa faixa etária próxima e, ainda, no ensino superior, representando, por isso, um exemplo do que pretende alcançar. Conclui por agradecer a experiência proporcionada. (H12A-19). Aluno H12B-8 reflete: “crescemos muito enquanto alunos, mas também como pessoas. Parte disso deve-se às professoras que nos acompanharam e que foram incondicionais connosco”.

Em **Consciência histórica:**

- Relevância histórica

Os alunos manifestam que o que aprenderam nas aulas e com os conteúdos será útil para o futuro (H12A-13; H12A-15; H12A-21). Por exemplo, H12A-23 reflete que a

aprendizagem dos conteúdos históricos lhe permite evitar cometer erros do passado. Exemplifica com o conhecimento político adquirido que, quando for votar, será mobilizado de forma a tomar uma melhor decisão, consciente, e “com vista a um futuro social e económico melhor”. Já H12A-12 tem em conta que a tomada de consciência histórica facilita a partilha e explicação dos conteúdos aprendidos; e o aluno H12B-10 refere que o saber não ocupa lugar e que “estamos a toda a hora a falar de História”.

Em **Multiperspetiva:**

- Tem em consideração opiniões e gostos diferentes, para além dos seus.

Verifica-se que o trabalho em equipa contribuiu para lidar melhor com a multiperspetiva (H12A-13; H12A-15). Tal capacidade foi também alimentada pela diversidade de professoras e metodologias, assim como a exposição de diversas opiniões e formas de observar os conteúdos (H12A-20; H12A-17).

Em **Empatia histórica:**

- Descentramento dos valores e ideias do presente, a fim de compreender o contexto.

Os alunos reconheceram o trabalho da capacidade de empatia (H12A-15; H12A-18). Por exemplo, H12A-12 refere que “com a exposição dos problemas transnacionais, acabamos por ter mais empatia e nos preocuparmos com problemas e situações muito atuais e pelo qual podemos fazer algo.”

Em **Cultura democrática:**

- Cidadania ativa.

E a provar que todas estas competências estão interligadas e são interdependentes, os alunos referem que o trabalho em equipa, que implicou lidar melhor com a multiperspetiva, fomentou o respeito e a aceitação da diferença (H12A-12; H12A-13; H12A-20). Valorizam os valores de uma educação humanista e H12A-18 é exemplo disso, destacando a influência que História teve para si, na adoção e promoção de valores, “que pretende fazer uso no futuro, como a compreensão, a resiliência e a cooperação”.

4. Considerações finais

Recordando o título deste relatório de estágio “Pelos Trilhos da História: entre o que se aprende e o que se apreende”, o objetivo principal era perceber o que, de facto, os alunos levavam consigo, para lá do conteúdo em si, com vista à aquisição das competências preconizadas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Como já afirmei, considero que os conteúdos são um alvo fácil do esquecimento. Porém, as competências desenvolvidas pela História são duradouras. Por isso, estar consciente da importância da disciplina é importante, pois fomentará o investimento por parte dos alunos, o que contribuirá para o seu desenvolvimento académico, profissional e humano.

Pretendia que os exploradores apreendessem que devemos estar conscientes de nós e do *outro*, da nossa respetiva herança, assim como nutrir empatia. Isso implica desenvolver um conjunto de capacidades. Neste relatório enfatizou-se, a fim de desenvolver consciência do próprio e do meio, o desenvolvimento pessoal, o bem-estar, saúde e ambiente, o pensamento crítico e criativo, a Consciência e a Empatia Histórica. Porém, para o sucesso, estas capacidades dependem do desenvolvimento do relacionamento interpessoal, da multiperspetiva e da cultura democrática.

Era também importante que, em paralelo, os alunos compreendessem não só a importância da História, mas também porque é que deve fazer parte do currículo pessoal de cada um.

Pude perceber, ao longo do ano letivo, que os alunos têm dificuldades em se “desligar” dos conteúdos. Propus atividades que os obrigava a refletir, a recrutar e desenvolver diferentes competências, de forma a expressarem a sua forma de pensar. Porém, quando tinham que, nomeadamente, recorrer a exercícios de imaginação, visualização e introspeção, tinham dificuldades em se expressar, não saindo da objetividade dos conteúdos. Os momentos de reflexão e introspeção pessoal revelaram-se difíceis, o que me faz questionar se os *exploradores* estão a desenvolver uma boa consciência de si, e do meio.

Todavia, sugiro algumas causas para esta situação. Os alunos não estão habituados a este tipo de exercícios, sobretudo na disciplina de História. Não descarto a possi-

bilidade de alguns casos se refugiarem na objetividade do conteúdo, de forma a não revelar, por completo, ou de todo, a sua verdadeira reflexão face ao que havia sido proposto. Para além disso, um outro fator que pode ter influenciado tal circunstância é o pouco à-vontade que os alunos têm na performance escrita, evidenciado falhas ao nível da morfologia da frase e gramática. Por fim, um outro aspeto que pode exercer influência é a tendência que os alunos têm de decorar os conteúdos, em vez de compreenderem os mesmos. Tal gera um obstáculo ao *explorador* que, quando se depara com uma questão aberta e pessoal, não sabe como atuar.

Retornamos às questões que foram apresentadas no início desta reportagem. Sobre a primeira questão “Qual é a importância da História para os alunos?”, os alunos manifestaram uma resposta afirmativa.

Focando-nos apenas nos resultados obtidos na última atividade (anexo 1.6.), os quais foram tidos em conta na análise realizada no capítulo anterior, tivemos como um dos indicadores “Relevância histórica” e, a suportar tal indicador, reunimos feedbacks de *exploradores* que manifestam a importância para o futuro dos conteúdos aprendidos (H12A-13; H12A-15; H12A-21). Volto a citar o exemplo recolhido do aluno H12A-23, que reflete que a aprendizagem dos conteúdos históricos lhe permite evitar cometer erros do passado. Exemplifica com o conhecimento político adquirido que, quando for votar, será mobilizado de forma a tomar uma melhor decisão, consciente, e “com vista a um futuro social e económico melhor”.

Acerca dos erros do passado, a História demonstra que, até o momento, não fomos bem-sucedidos a evitar cometer os mesmos erros do passado. Temos inúmeras possibilidades de caminho a tomar e, muitas dessas são verdadeiras encruzilhadas. E muitas dessas possibilidades conduzem-nos ao mesmo destino. Apesar de, neste relatório, termos seguido duas grandes rotas, estas estão cheias de ramificações que nos levam aos diversos trilhos analisados, assim como a muitos outros desconhecidos, mas não temos tempo para tudo. Muitos destes também estão bem assinalados e não representam um desafio ao nível do terreno, sendo fácil de avançar. Porém, outros são exatamente o oposto, o que nos pode obrigar a fazer desvios inesperados. Independentemente das circunstâncias e do destino que alcançamos, ter consciência da importância do saber histórico, a par das inúmeras competências que ela desenvolve, ajudar-nos-á a orientarmos. Daí, segue-se o porque da segunda questão orientadora deste relatório: “Os alunos percebem a existência da História no currículo de estudos?”, o resultado também foi

afirmativo. Por exemplo, ao analisar o feedback dos exploradores, recebido após a realização da sexta (e última) reflexão (anexo 1.6.), pudemos perceber que:

- Os alunos manifestam certeza de que a História lhes deu algo que levam para a vida, nomeadamente o conhecimento adquirido (H12A-12; H12A-14; H12A-15; H12A-21; H12B-2; H12B-4; H12B-11; H12B-10). Entre os *souvenirs* que levam consigo, referem o desenvolvimento de espírito de equipa, multiperspetiva, empatia, respeito, argumentação, capacidade de oratória e apresentação (H12A-13; H12A-14; H12A-17). Por exemplo, o aluno H12A-15 refere que as aulas de História contribuíram para o desenvolvimento da empatia, pois teve de colaborar e compreender os seus colegas e as professoras, assim como a sua determinação e resiliência. H12A-12 destaca as aulas dedicadas às questões transnacionais como tendo fomentado em si uma maior empatia e preocupação pelos problemas e situações atuais, assim como na consciência de que o próprio pode “fazer algo”. Já H12A-14 refere que leva consigo a grande autonomia desenvolvida durante o confinamento e à qualidade pedida nos trabalhos; H12A-16 refere que se tornou mais paciente, compreensiva e melhorou a sua capacidade de debater opiniões; H12B-1 refere que aprendeu a trabalhar em grupo, percebendo a importância do seu papel no sucesso do grupo; H12A-17 refere que as aulas lhe mostraram que era capaz de fazer os trabalhos melhor do que pensava ser capaz. Refere que as aulas ensinaram a não desistir, mesmo estando cansada, e a ter uma melhor organização; H12B-3 refere que as aulas lhe ensinaram a “nunca desistir, apesar das dificuldades” e aluno H12B-2 acrescenta a esta ideia o empenho contínuo como chave para atingir os objetivos. H12B-9 refere que aprendeu a dar uso aos recursos que tem. H12A-18 destaca influência sentida na adoção e promoção de valores, “que pretende fazer uso no futuro, como a compreensão, a resiliência e a cooperação”. H12A-20 refere que as aulas de história lhe deram valores e aprendizagens, que contribuem (presente) para o seu “desenvolvimento pessoal”, já que a ajuda na sua vida e no seu futuro.

- Ao refletir nas aulas e conteúdos, refere que o que aprendeu será útil para o futuro (H12A-13; H12A-15; H12A-21). H12A-23 reflete que a aprendizagem dos conteúdos históricos lhe permite evitar cometer erros do passado. Exemplifica com o conhecimento político adquirido que, quando for votar, será mobilizado de forma a tomar uma melhor decisão, consciente, e “com vista a um futuro social e económico melhor”.
- Ao refletir no que leva das aulas de História, o aluno H12B-10 refere que o saber não ocupa lugar e que “estamos a toda a hora a falar de História”.

A par das questões, pude também verificar a presenças dos valores defendidos pela educação humanista. Aliás, alguns deles aproximam-se de indicadores de análise formulados. Recordando esses mesmos valores: Responsabilidade e integridade; Excelência e exigência; Curiosidade, reflexão e inovação; Cidadania e participação; Liberdade.

Na abertura deste trabalho citei Paulo Freire (1968), que disse: "Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar" (p. 155). Esta foi apenas uma de muitas viagens. Tenho inúmeros quilómetros pela frente, com experiências e aprendizagens a (re)conquistar. Por isso, anseio apenas o momento para calçar as minhas botas e caminhar.

Este ano que passou mostrou que, de facto, vou *caminhar*, *refazer* e *retocar* o percurso que me propus realizar. A nossa atuação nunca será perfeita e, mesmo dando o nosso melhor, há sempre algo que poderíamos ter feito para alcançar resultados ainda mais favoráveis. Um aspeto que não permitiu construir um quadro mais pormenorizado da amostra de exploradores selecionada prende-se no facto de nem todos terem participado em todas as atividades. Os motivos, para lá da desmotivação face à realização de trabalhos e atividades, estiveram também relacionados às faltas justificadas dadas pelos alunos. E, quando as reflexões estavam dependentes do conteúdo que lecionava, e determinado aluno não teve a oportunidade de comparecer, obviamente que não tinha como alcançar o objetivo proposto. Não tenho qualquer domínio sobre faltas justificadas. Porém, pergunto-me se poderia ter feito algo para atenuar as falhas relacionadas com a

desmotivação. Tenho a certeza de que a experiência que me espera no futuro responderá, pelo menos em parte, a esta questão.

Finalizo este trabalho por citar um dos meus alunos. Não só porque as suas palavras têm grande significado para mim, como partilho a mesma opinião: “foi um aprendizado constante para todos e, na minha opinião, um desafio muito bem-recebido” (anexo 1.6. - H12A-14). Acrescento apenas que levo tal experiência no coração. Enquanto guia, vou viajar bastante, conhecer muitas pessoas e lugares. Mas nenhuma experiência é igual, e esta foi a primeira. Quanto ao(s) meu(s) *souvenir(s)* desta viagem, tenho este relatório e todas as pérolas nele contidas.

Bibliografia

Alves, L. A. M. (2001). O estudo da História - O ensino. *Revista da Faculdade de Letras História*. III série, 2, pp. 23-31. Obtido em 2 de junho de 2021, de <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5127/4785>

ALVES, Luís Alberto (2009). A Função Social da História. Obtido em 02 de junho de 2021, de <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/19306/2/7245000081506.pdf>

Alves, L. A. M. (2016). Epistemologia e Ensino da História. *Revista História hoje*. 5 (9), pp.9-30. Obtido em 02 de junho de 2021, de <https://doi.org/10.20949/rhhj.v5i9.229>

Alves, M. M. (2013). Resolução criativa de problemas de âmbito comunitário em adolescentes do ensino profissional (Dissertação de mestrado). Universidade do Minho, Braga. Obtido em 02 de junho de 2021, de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/25987/1/Mariana%20Moreira%20Alves.pdf>

Azevedo, Ivete; Morais, Maria de Fátima; Martins, Fernanda (2017). Educação para a criatividade em adolescentes: uma experiência com o Future Problem Solving Program Internacional. REICE. *Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación*, 15(2), 75-87. Obtido em 02 de junho de 2021, de <https://hdl.handle.net/10216/110293>

Barca, I. (2001). Educação Histórica: uma nova área de investigação. *Revista da Faculdade de Letras História*. III série, 2, pp. 13-21. Obtido em 02 de junho de 2021, de <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5126/4784>

Barca, I. (2007). A educação histórica numa sociedade aberta. Currículo sem Fronteiras, pp.5-9.

SOARES, Isabel; CAMPOS, Bártolo (1985). Dificuldades de Relacionamento entre jovens e Programas de Desenvolvimento Interpessoal. *Cadernos de Consulta Psicológica* 1, 151-161. Obtido em 10 de setembro de 2021, de <https://hdl.handle.net/10216/15723>

Carneiro, Ana Catarina Beliago Pinto (2020). Aqueles de quem não ousamos falar. FLUP: Porto. Obtido em 25 de junho de 2021, de <https://hdl.handle.net/10216/132540>

Conselho da Europa (2016). Developing a culture of co-operation when teaching and learning History. Obtido em (9 de junho de 2021), de <https://rm.coe.int/developping-a-culture-of-cooperation/168071506a>

Conselho da Europa (2018). Ensino de qualidade na disciplina de história no século XXI princípios e linhas orientadoras. Obtido em 19 de junho de 2021, de <https://edoc.coe.int/en/teaching-history/7755-ensino-de-qualidade-na-disciplina-de-historia-no-seculo-xxi-linhas-orientadoras.html>

Conselho da Europa (2021) - Tackling today's challenges together: Biased history teaching. Obtido em (9 de junho de 2021), de <https://rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?documentId=0900001680698fba>

CHAPMAN, Arthur (2011) - Taking the perspective of the other seriously? understanding historical argument. In *Educar em Revista*, Brasil, n.º 42. Obtido em 2 de junho de 2021, de <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/25886/17277>

ESTEVEES, Manuela (2006). Análise de Conteúdo. In LIMA, Jorge Ávila de e PACHECO, José Augusto – Fazer Investigação. *Contributos para elaboração de dissertações e teses*. Porto Editora.

Ferreira, C. M.A.S. (2004). A empatia histórica ao tema da “Censura no Estado Novo em Portugal”: um estudo com alunos de 9º ano de escolaridade (Dissertação de Mestrado). Braga: Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho.

Ferreira, C. M.A.S. (2009). O papel da Empatia Histórica na compreensão do outro. In I. Barca & M. A. Schmidt (org.), *Actas das 5ª Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: Universidade do Minho, pp. 115-130.

Ferreira, J. P.N. (2017). Heróis acidentais: O papel dos indivíduos singulares na História (Relatório de Estágio). Porto: Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Universidade do Porto.

Galinha, Iolanda; Ribeiro, J.L. Pais - História e evolução do conceito de bem-estar subjectivo. *Psicologia, saúde & doenças*, 2005, 6 (2), 203-214. Obtido em 1 de julho de 2021, disponível em: [oito-final.qxp\(up. pt\)](#)

Lee, P. (2003). Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé. In I. Barca, *Educação Histórica e museus* (pp. 19-36). Braga: Centro de Investigação em educação -Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

Lemos, Marina Serra de; Coelho, Cristina; Soares, Luísa (2011). Avaliação do bem-estar dos estudantes: adaptação da Escala de Bem-Estar: Afecto na Escola. *Atas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/evaluación Psicológica e XV Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, 2011, P. 1922-28. Obtido em 1 de julho de 2012, de [85123.pdf \(up. pt\)](#)

LOW-BEER, Anne (1997) - The Council of Europe and School History. Obtido em 1 26 de agosto de 2020, de <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.477.2361&rep=rep1&type=pdf>

Moreira, J. M. (2001). Ensinar História, Hoje. Revista da Faculdade de Letras História. III série, 2, pp. 33- 39.

Moreira, Ana Isabel; Duarte, Pedro; Alves, Luís Alberto Marques; Barca, Isabel (2019). Troca por troca: cidadania pela história? Ensaio bibliográfico sobre as relações entre ciências sociais e educação para a cidadania. Historia, patrimonio, arte y ciudadanía: aportaciones desde la educación: Comunicaciones del IX Simposio Internacional de didáctica de las Ciencias Sociales en el ámbito Iberoamericano. Barcelona. Obtido em 1 de julho de 2020, de <https://hdl.handle.net/10216/129189>

Norman Sprinthall; w. Andrews Collins (2011). Psicologia do Adolescente: uma abordagem desenvolvimentista. 5.ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, serviço de educação e bolsas, pp. 149-168.

PAIS, José Machado (1999). Consciência histórica e identidade: os jovens portugueses num contexto europeu. Oeiras: Celta Editora.

Pereira, J. S. (2014). Uma máquina do tempo movida à imaginação: RPG e empatia histórica no ensino de História (Tese de Mestrado). Mestrado em História Social. Universidade Estadual de Londrina.

Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (2017). Obtido em 28 de maio de 2020, de https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

PINTO, H. (2019). Educação patrimonial e Ensino de história: leituras do passado através do património cultural local. Obtido em 1 de julho de 2020, de <https://doi.org/10.5216/o.v19i1.53435>

SANTOS, Paulo Jorge (2017). Em busca da narrativa perdida: desenvolvimento pessoal e social na modernidade tardia, *The Overarching Issues of the European Space: Society, Economy and Heritage in a Scenario...* Porto: FLUP, pp. 90-102. Obtido em 22 de junho de 2021, de [267245.pdf \(up. pt\)](#)

Silva, M. V. (2018). A Empatia como estratégia para o Ensino-Aprendizagem em História. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SPRINTHALL, N. w.; COLLINS, A. (2011). Psicologia do Adolescente: uma abordagem desenvolvimentista. 5.ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, serviço de educação e bolsas.

Souza, A. A. A. (2009). Empatia Histórica: um estudo nas Atas das Jornadas Internacionais de Educação Histórica (2000-2006) (Conclusão da Graduação em Pedagogia). Centro de Educação, Comunicação e Artes. Universidade Estadual de Londrina.

STRADLING, Robert (2003). Multiperspectivity in history teaching: a guide for teachers. Council of Europe. Obtido em 12 de julho de 2020, de <https://rm.coe.int/1680493c9e>

Teixeira, A. F. (2017). As práticas antissemitas ao longo do “regime nazi”: um estudo sobre a empatia histórica de alunos do 9º ano de escolaridade (Relatório de Estágio).

Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.
Universidade do Minho.

Veríssimo, M. H. O. A. (2012). A avaliação de competências históricas através da interpretação da Evidência: um estudo com alunos do Ensino Secundário (Tese de Doutoramento). Especialidade de Educação em História e Ciências Sociais. Universidade do Minho.

Webgrafia

Concelho da Europa (2016). Developing a culture of co-operation when teaching and learning History. Disponível em: <https://rm.coe.int/developping-a-culture-of-cooperation/168071506a> [consultado a 9 de junho de 2021].

Council of Europe. History Teaching. Context and Objectivs. Disponível em: <https://www.coe.int/en/web/history-teaching/background-of-the-project> [consultado a 9 de junho de 2021].

Council of Europe. History Teaching. Reference Texts. Disponível em: [https://www.coe.int/en/web/history-teaching/referencetexts#{%2218907809%22:\[0\]}>](https://www.coe.int/en/web/history-teaching/referencetexts#{%2218907809%22:[0]}>) [consultado a 9 de junho de 2021].

Council of Europe. Tackling today's challenges together: Biased history teaching. Disponível em <https://rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?documentId=0900001680698fba> [Consultado a 14 de setembro de 2021]

Porto Editora – aprender no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-06-17 07:23:03]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/aprender>

Porto Editora – apreender no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-06-17 07:19:41]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/apreender>

Porto Editora – gadget no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-09-11 07:55:58]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/gadget> [consultado a 9 de junho de 2021].

<http://portal.amp.pt/pt/> [Consultado a 19 de junho de 2021]

<http://portal.amp.pt/pt/4/municipios/maia/> [Consultado a 19 de junho de 2021]

<https://www.cm-maia.pt/juventude/pmj> [Consultado a 19 de junho de 2021]

<https://www.significados.com.br/rosa-dos-ventos/> [Consultado a 10 de setembro de 2021]

<http://www1.levantemaia.com/> [Consultado a 19 de junho de 2021]

<http://www1.levantemaia.com/abertura/visao-missao/> [Consultado a 19 de junho de 2021]

http://www1.levantemaia.com/wp-content/uploads/2019/05/PE-final-2018_2021.pdf

[Consultado a 19 de junho de 2021]

www.zakebrahim.com/ [Consultado a 9 de setembro de 2021]

Anexo 1 – Tabelas de análise às atividades propostas

Anexo 1.1. - Atividade 1

Categoria	Indicador	Unidade de registo / Unidade de contexto
Bem-estar, saúde e ambiente	Consciência do próprio e do meio Dimensão afetiva positiva	“fez-me sentir uma sortuda por não passarmos por estes tempos agora, e tudo ser muito mais fácil e acessível. Fico grata por ter nascido numa época tão boa e não ter tido sequer problemas com fome ou algo do gênero. (...) O que aprendi nesta aula fez-me pensar e refletir no quão somos felizes hoje em dia e com poucas ou até nenhuma limitações.” (H12A-12) “posso me considerar uma pessoa privilegiada uma vez que nunca tive que viver nessas situações e sempre tive uma vida estável e, quando comparada a este estilo de vida que se viveu, bastante superior”. (H12A-13) “sou sortuda por ter nascido numa família e numa época tão boa. (...) fez me sentir desumilde! O facto de, hoje em dia, as pessoas reclamarem com tanta facilidade de tudo o que têm e de se vangloriarem das mesmas perante pessoas com uma posse monetária inferior ou entre si mesmas”. (H12A-14) “somos muito sortudos por na atualidade não termos de passar pelo que as pessoas passaram com Estaline e outros ditadores”. (H12A-17)

		“sentir afortunada (...). senti-me sensibilizada ao conhecer as condições em que a população russa teve de passar (...) É indignante a forma em que Estaline ignorou o que estas pessoas estavam a passar e não fez nada para evitar isto”. (H12A-23)
Desenvolvimento pessoal e autonomia	Crescimento pessoal (Revela noção de que a atitude para com a realidade atual faz diferença = Proatividade)	“devíamos começar a dar mais valor ao que temos e a queixarmo-nos menos, pois só assim vamos nos tornar pessoas conscientes e melhores”. (H12A-12)
	Responsabilidade	“fez-me ter consciência que tenho que dar mais valor a certas coisas e deixar de me queixar tanto em relação a outras, assim como não desperdiçar comida e pensar que esta tudo bem quanto a isso.” (H12A-14) “fez-me sentir extremamente revoltada com a crueldade e a dimensão da atrocidade alcançada pelo ser humano, conduzindo a uma reflexão mais profunda sobre o que significa realmente ser humano”. (...) refletir nas crueldades que o ser humano é capaz de fazer em prol de algo que, por muito bem fundamentado que seja, nada se equipara à vida humana”. (H12A-18)
	Maior conhecimento	“fez-me sentir interesse e vontade de aprender mais acerca do Estalinismo e de como era a vida das pessoas nessa altura”. (H12B-10)

Pensamento crítico e pensamento criativo	Aplica ideias do presente face a um contexto específico do passado.	“O que me deixa mais irritada é o facto de hoje em dia haver tanto desperdício alimentar e as pessoas não darem valor aquilo que têm, que é muito. Muitas vezes nem pensamos em como seria viver em tempo de guerra, com fome, com frio e muitas outras dificuldades acrescidas que hoje em dia nem seriam impostas ou pensadas. Tendo também muitas limitações em termos da liberdade e de igualdade social (...) nada comparada com a nossa atualmente.” (H12A-12) “não consigo imaginar situações tão desumanas e horríveis de presenciar e viver. (...) O facto de, hoje em dia, as pessoas reclamarem com tanta facilidade de tudo o que têm e de se vangloriarem das mesmas perante pessoas com uma posse monetária inferior ou entre si mesmas”. (H12A-14) “senti-me triste e revoltada, uma vez que o chefe de estado lhes retirou todas as formas de liberdade, principalmente, a de expressão, tendo sido responsável por inúmeras mortes por simplesmente sofrer oposição”. (H12A-15) “o ser humano é demasiado exigente. Esta conclusão tornou-se possível após uma breve reflexão e contextualização com o panorama mundial pandémico, grupos de todos os cantos do mundo se organizam em prol de fazer prevalecer os seus direitos de liberdade, quando a única coisa que os chefes políticos exigem é responsabilidade social”. (H12A-18) “senti-me sensibilizada ao conhecer as condições em que a população russa teve de passar (...) É indignante a forma em que Estaline ignorou o que estas pessoas estavam a passar e não fez nada para evitar isto. Denota uma situação humanitária degradante”. (H12A-23) “Durante a aprendizagem desta matéria, senti-me indiferente ao que aconteceu, nesta época na Rússia. No entanto, após a realização deste trabalho, acabei por
--	--	---

	Confere um sentido à informação observada, interagindo com empatia.	ficar mais sensibilizada, uma vez que a população da Rússia passou por imensas dificuldades, tanto ao nível das necessidades básicas, como ao nível moral. Desta forma, senti-me triste e revoltada, uma vez que o chefe de estado lhes retirou todas as formas de liberdade, principalmente, a de expressão, tendo sido responsável por inúmeras mortes por simplesmente sofrer de oposição”. (H12A-15) “lembro como o ser humano pode ser tão cruel para com os outros, sem motivo algum, e isso consegue assustar-me (...). É difícil também pensar numa época em que uma pessoa não podia expressar a sua opinião livremente devido à repressão”. (H12A-17) “Senti-me extremamente revoltada com a crueldade e a dimensão da atrocidade alcançada pelo ser humano, conduzindo a uma reflexão mais profunda sobre o que significa realmente ser humano”. “atualmente, o ser humano é demasiado exigente” (H12A-18) “senti-me sensibilizada ao conhecer as condições em que a população russa teve de passar (...) É indignante a forma em que Estaline ignorou o que estas pessoas estavam a passar e não fez nada para evitar isto. Denota uma situação humanitária degradante”. (H12A-23) “Senti pena e alguma revolta ao saber que as pessoas não tinham qualquer tipo de liberdade e de escolha em relação ao governo do país, apenas tinham de se sujeitar ao que o chefe/partido”. (H12B-10)
Relacionamento interpessoal		
Consciência histórica	Conhece e compreende a realidade histórica estudada	“Muitas vezes nem pensamos em como seria viver em tempo de guerra, com fome, com frio e muitas outras dificuldades acrescidas que hoje em dia nem seriam impostas ou pensadas. Tendo

		também muitas limitações em termos da liberdade e de igualdade social vivia-se numa sociedade oprimida em nada comparada com a nossa atualmente”. (H12A-12) “pessoas com famílias para sustentar, e impostos para pagar, viviam em condições totalmente repressivas, tendo que se sujeitar a condições desumanas para tentarem sobreviver e sustentar os seus. Deste modo posso me considerar uma pessoa privilegiada uma vez que nunca tive que viver nessas situações e sempre tive uma vida estável e, quando comparada a este estilo de vida que se viveu, bastante superior”. (H12A-13) “sortuda! (...) por ter nascido numa família e numa época tão boa”. (H12A-14) “muitos dos simpatizantes com este tipo de organizações deveriam ser alertados de todas as atrocidades cometidas por ser humanos no passado”. (H12A-18) “senti-me sensibilizada ao conhecer as condições em que a população russa teve de passar, em consequência da política de coletivização das terras”. (H12A-23) “fez-me sentir indiferente porque não vivi essa situação. Não consigo me relacionar com algumas das situações, como a má governação de Estaline, que levou à fome e, por consequência, gerou mortes em massa”. (H12B-5)
	Relevância do tempo histórico	“só vivemos assim, neste momento, por causa destas reviravoltas que houveram no passado”. (H12A-12) “para sermos o que somos hoje como mundo, países e pessoas, tivemos que passar por tanto e abdicar de várias coisas”. (H12A-14)

Multiperspetiva	Desenvolve compreensão, considerando a sua perspectiva sobre a atualidade face ao passado. Revela falta de consciência face à atualidade.	“Muitas vezes nem pensamos em como seria viver em tempo de guerra, com fome, com frio e muitas outras dificuldades acrescidas que hoje em dia nem seriam impostas ou pensadas. Tendo também muitas limitações em termos da liberdade e de igualdade social vivia-se numa sociedade oprimida em nada comparada com a nossa atualmente”. (H12A-12) “pessoas com famílias para sustentar, e impostos para pagar, viviam em condições totalmente repressivas, tendo que se sujeitar a condições desumanas para tentarem sobreviver e sustentar os seus. Deste modo posso me considerar uma pessoa privilegiada uma vez que nunca tive que viver nessas situações e sempre tive uma vida estável e, quando comparada a este estilo de vida que se viveu, bastante superior”. (H12A-13) “o ser humano é demasiado exigente. Esta conclusão tornou-se possível após uma breve reflexão e contextualização com o panorama mundial pandémico, grupos de todos os cantos do mundo se organizam em prol de fazer prevalecer os seus direitos de liberdade, quando a única coisa que os chefes políticos exigem é responsabilidade social”. (H12A-18) “fez-me pensar e refletir no quão somos felizes hoje em dia e com poucas ou até nenhuma limitações”. (H12A-12)
Empatia histórica	Empatia em relação ao passado	“O que me deixa mais triste é o facto de saber que as pessoas não tinham sequer o que comer, nem o que dar aos filhos, o que devia ser muito frustrante. Para além disso o que me deixa mais

		irritada é o facto de hoje em dia haver tanto desperdício alimentar e as pessoas não darem valor aquilo que têm, que é muito”. (H12A-12) “Durante a aprendizagem desta matéria, senti-me indiferente ao que aconteceu, nesta época na Rússia. No entanto, após a realização deste trabalho, acabei por ficar mais sensibilizada, uma vez que a população da Rússia passou por imensas dificuldades, tanto ao nível das necessidades básicas, como ao nível moral. Desta forma, senti-me triste e revoltada, uma vez que o chefe de estado lhes retirou todas as formas de liberdade, principalmente, a de expressão, tendo sido responsável por inúmeras mortes por simplesmente sofrer de oposição”. (H12A-15) “porém, o que me entristece na matéria foi o Holodomor. Não consigo imaginar o terror que se deve ter vivido com este acontecimento e aí lembro como o ser humano pode ser tão cruel para com os outros, sem motivo algum, e isso consegue assustar-me (...). É difícil também pensar numa época em que uma pessoa não podia expressar a sua opinião livremente devido à repressão”. (H12A-17) “fez-me sentir triste com a falta de respeito e compaixão pelo próximo existente no ser humano”. (H12A-18) “senti-me sensibilizada ao conhecer as condições em que a população russa teve de passar em consequência da política de coletivização das terras”. (H12A-23) “fez-me sentir pena e alguma revolta ao saber que as pessoas não tinham qualquer tipo de liberdade e de escolha em relação ao governo do país, apenas tinham de se sujeitar ao que o “chefe/partido” queria”. (H12B-10)
--	--	--

	Recorre à imaginação e imitação, a fim de empatizar com o contexto histórico, Insucesso no exercício de sentimentos	“fez-me sentir admirado e triste devido à má governação de Estaline, que deixou a população russa morrer à fome”. (H12B-12) “Se eu tivesse vivido nessa altura na Rússia não sabia como lidar com a situação, visto que tinha depositado a confiança no governo e este, simplesmente, traiu tudo e todos com as suas medidas apesar de ter conseguido alcançar os seus objetivos.”. (H12A-15) “fez-me sentir indiferente porque não vivi essa situação. Não consigo me relacionar com algumas das situações, como a má governação de Estaline, que levou à fome e, por consequência, gerou mortes em massa”. (H12B-5)
Cultura democrática	Manifestação de valores culturais	“fez-me sentir afortunada por não viver numa situação política como a da época em que o regime só se preocupa em defender a sua ideologia e em ter uma economia positiva à custa do bem-estar do povo, recorrendo inclusive a violência e a limitação das liberdades pessoais. (...) É indignante a forma em que Estaline ignorou o que estas pessoas estavam a passar e não fez nada para evitar isto (...). Denota uma situação humanitária degradante”. (H12A-23) “fez-me sentir extremamente revoltada com a crueldade e a dimensão da atrocidade alcançada pelo ser humano, conduzindo a uma reflexão mais profunda sobre o que significa realmente ser humano. (...) O Holodomor sim foi uma completa violação de todos os direitos e liberdades.

	Valorização da democracia (...) fez me sentir triste com a falta de respeito e compaixão pelo próximo existente no ser humano”. (H12A-18) “A vida é um direito de todos e, a muitos, esse direito foi retirado através de um estado onnipotente e totalitário, em que os cidadãos se viram privados das liberdades fundamentais.”. (H12A-14) “senti-me triste e revoltada, uma vez que o chefe de estado lhes retirou todas as formas de liberdade, principalmente, a de expressão, tendo sido responsável por inúmeras mortes por simplesmente sofrer oposição. Chefe de estado (...) não cumpriu a sua função de proteger a sociedade e disponibilizar alimentos e necessidades básicas, tendo a utilizado como meio para atingir os seus fins. Se eu tivesse vivido nessa altura na Rússia não sabia como lidar com a situação, visto que tinha depositado a confiança no governo e este, simplesmente, traiu tudo e todos com as suas medidas apesar de ter conseguido alcançar os seus objetivos.”. (H12A-15) “É difícil também pensar numa época em que uma pessoa não podia expressar a sua opinião livremente devido à repressão. Contudo o que me surpreende mais é como tem gente que, quando vive estas situações, concorda com o que se está a passar e a forma de governo, apoiando e defendendo os seus ditadores”. (H12A-17) “fez-me sentir pena e alguma revolta ao saber que as pessoas não tinham qualquer tipo de liberdade e de escolha em relação ao governo do país, apenas tinham de se sujeitar ao que o “chefe/partido” queria”. (H12B-10)
--	---

	Cidadania ativa	“fez-me sentir admirado e triste devido à má governação de Estaline, que deixou a população russa morrer à fome”. (H12B-12) “pessoas conscientes e melhores”. (H12A-12)
--	-----------------	--

Anexo 1.2. – Atividade 2

Categoria	Indicador	
Bem-estar, saúde e ambiente	Dimensão afetiva positiva	“Gostei das aulas de História porque me sentia motivado.” (H12B-12)
	Sucesso académico	“facto de nos levarem a pensar e não dizerem logo o porque das coisas terem sucedido e como”. (H12A-12) “todo o trabalho árduo, de ambas as partes, foi bastante importante e, no fim, acabou por trazer frutos devido às boas notas apresentadas neste primeiro período”. (H12A-14) “método de ensino porque fez com que ficasse a perceber a matéria.” (H12B-10) “a forma como as professoras deram a matéria, uma vez que dá para perceber bem e é bastante cativante”. (H12A-15) “maneira dinâmica com que a professora Catarina explicou a matéria, o que faz com que a nossa aprendizagem seja mais apelativa e divertida, mesmo com temas complicados de perceber (...), contribuindo para aumentar a nossa capacidade de aprendizagem e de ajuda na disciplina de História A”. (H12A-23)

	incremento do gosto pela disciplina Relações interpessoais positivas (Sentimento de apoio, à vontade e confiança)	“Sinto que nas aulas nos fazem querer saber mais sobre os temas, a forma de apresentar a matéria e de interagirem connosco acaba por tornar a aula mais interessante e ativa, e menos monótona. Os trabalhos pedidos levaram-nos a querer ter mais conhecimento e ajudaram a compreender a matéria”. (H12A-12) “aumentavam a minha vontade de adquirir mais conhecimento. (...) as aulas superaram as minhas expectativas provocando, em mim, um interesse bastante elevado e um aumento do gosto por esta disciplina”. (H12A-13) “a forma com que as professoras explicavam a matéria ajudou-me a entender aos poucos e a que gostasse dela”. (H12A-17) “à vontade da professora (...), a maneira como a professora ensina.” (H12B-3) “a cumplicidade que a turma conseguiu criar com as professoras. A disponibilidade das professoras para nos ajudar”. (H12B-8) “confiança criada ao longo do tempo entre professoras e alunos (...). Não havia uma grande interação, nem uma grande à vontade. No entanto, fomos construindo ao longo do tempo. (...) sou uma pessoa tímida e não gosto de ser o centro das atenções. (...) No entanto, como referido anteriormente, fomos construindo a nossa
--	---	---

		confiança. A maneira de trabalhar e a abertura que nos dão para interagir e, até mesmo errar, foi conquistando toda a gente. Além disso, conseguem transmitir a matéria sem muitas voltas e de forma limpa e compreensiva”. (H12A-14) “Acho ainda um ponto positivo ter alguém mais próximo da minha faixa etária, que está no meio de um caminho que espero alcançar. Assim posso ter acesso a várias dicas e conselhos, de forma a melhorar o meu desempenho”. (H12A-19)
Desenvolvimento pessoal e autonomia	Valorização e desenvolvimento de competências, rumo ao crescimento pessoal Autonomia e evolução	“facto de nos levarem a pensar e não dizerem logo o porque das coisas terem sucedido e como”. (H12A-12) “através das várias atividades entre aulas e através das constantes interações entre professoras e alunos, a minha atenção e o meu interesse por esta disciplina era constante e bastante positivo. (...) aumentavam a minha vontade de adquirir mais conhecimento. (...) as aulas superaram as minhas expectativas provocando, em mim, um interesse bastante elevado e um aumento do gosto por esta disciplina”. (H12A-13) “todo o trabalho árduo, de ambas as partes, foi bastante importante e, no fim, acabou por trazer frutos devido às boas notas apresentadas neste primeiro período”. (H12A-14) “entendo perfeitamente que tenho de estar atenta nas aulas, quer goste da matéria em estudo ou não”. (H12A-16)

		“multiplicidade de abordagens adotadas pelas três professoras. Numa fase inicial pensei que o facto de as três professoras possuírem características singulares e distintas iria, de certo modo, constituir uma dificuldade acrescida na compreensão das temáticas abordadas. No entanto, esta diversidade metodológica veio a constituir-se como uma mais-valia para nós, na medida em que nos “obriga” a uma certa autonomia (...).” (H12A-18) “Acho ainda um ponto positivo ter alguém mais próximo da minha faixa etária, que está no meio de um caminho que espero alcançar. Assim posso ter acesso a várias dicas e conselhos, de forma a melhorar o meu desempenho”. (H12A-19) “foi a versatilidade e a maneira criativa que as professoras tiveram de integrar a matéria. (...) considero que os métodos utilizados nas aulas de História ajudaram a compreender a matéria, (...) ao esclarecimento de dúvidas e a compreensão da mesma. Considero que termos três professoras ajuda a organização e planificação das aulas. (...) gostei muito das aulas e da maneira de cada professora desenvolver a matéria, trazendo diversos aspetos e ajudando-nos a ser melhores”. (H12A-20) “foi a dinâmica entre as professoras e o apelo às nossas características individuais”. (H12A-21)
--	--	---

	Valorização do programa lecionado	“senti que algumas aulas de História foram bastante dinâmicas. Gostei bastante do jogo que as professoras criaram (...). Achei que as professoras também fizeram com que todos participassem nas aulas. Isso é bastante importante pois obriga-nos a estar com atenção”. (H12B-2) “professoras que me incentivavam a participar na aula”. (H12B-13) “houve matérias específicas que eu gostei muito”. (H12A-15) “comparando este ano letivo com outros anos passados, considero alguma matéria um pouco mais interessante. Acho que o tipo de matéria e a importância individual para com a mesma é um fator importantíssimo para a concentração e à vontade nas aulas”. (H12A-16) “a matéria que abordamos neste primeiro período”. (H12A-17) “temáticas abordadas sem sombra de dúvida”. (H12A-18) “O que mais gostei nas aulas de História foi a parte da arte (...). Acho que estas matérias mais simples acabam por “quebrar o gelo”. Acho também importante o jogo feito pelas professoras estagiárias porque foi uma estratégia boa e bem elaborada (...). Muitas professoras deviam apostar no mesmo”. (H12B-4)
--	-----------------------------------	--

		“a matéria dada. Achei que a matéria este ano foi de mais fácil compreensão do que a do ano passado.” (H12B-7) “os temas interessantes”. (H12B-13)
Pensamento crítico e pensamento criativo	Analisa e dá sentido à experiência vivida	“Sinto que nas aulas nos fazem querer saber mais sobre os temas, a forma de apresentar a matéria e de interagirem connosco acaba por tornar a aula mais interessante e ativa, e menos monótona. Os trabalhos pedidos levaram-nos a querer ter mais conhecimento e ajudaram a compreender a matéria”. (H12A-12) “privilegio de presenciar três tipos de ensino que, apesar de serem relativamente semelhantes, não deixam de ser diferentes. (...) a forma distinta de abordar os temas propostos nas aulas pelas professoras estagiárias e pela nossa professora foi bastante útil no momento do estudo em casa e na aprendizagem na escola. Digo isto, uma vez que, a meu ver, o facto de que numa sala de aula estão presentes três professoras, o apoio é maior e mais contínuo. (...) as aulas tornaram-se mais interativas e bastante mais cativantes. (...) através das várias atividades entre aulas e através das constantes interações entre professoras e alunos, a minha atenção e o meu interesse por esta disciplina era constante e bastante positivo.”. (H12A-13) “confiança criada ao longo do tempo entre professoras e alunos (...). Não havia uma grande interação, nem uma grande à vontade.

		No entanto, fomos construindo ao longo do tempo. (...) sou uma pessoa tímida e não gosto de ser o centro das atenções. (...) No entanto, como referido anteriormente, fomos construindo a nossa confiança. A maneira de trabalhar e a abertura que nos dão para interagir e, até mesmo errar, foi conquistando toda a gente. Além disso, conseguem transmitir a matéria sem muitas voltas e de forma limpa e compreensiva”. (H12A-14) “a forma como as professoras deram a matéria, uma vez que dá para perceber bem e é bastante cativante (...). Acho que as três professoras estão a fazer um excelente trabalho e conseguem sempre dinamizar as aulas e tornar a matéria mais cativante”. (H12A-15) “comparando este ano letivo com outros anos passados, considero alguma matéria um pouco mais interessante. (...) o interesse das aulas depende da matéria a abordar, mas também de como a aula é dada. (...) A procura de formas de ensino diferentes e cativantes é um aspeto bastante positivo. (...) ao longo do primeiro período deste ano, reconheço e dou mérito às professoras por tentarem sempre adotar medidas no desenrolar da aula para captar a atenção dos alunos e tornar as aulas menos maçadoras e mais atraentes”. (H12A-16)
--	--	---

		“a forma com que as professoras explicavam a matéria ajudou-me a entender aos poucos e a que gostasse dela”. (H12A-17) “a dinamização da forma de dar a aula, com diversos recursos, com variados vídeos, imagens e documentos, não disponibilizados pelo manual adotado, de forma a adquirir mais e diferentes conhecimentos. Acho ainda um ponto positivo ter alguém mais próximo da minha faixa etária, que está no meio de um caminho que espero alcançar. Assim posso ter acesso a várias dicas e conselhos, de forma a melhorar o meu desempenho”. (H12A-19) “foi a versatilidade e a maneira criativa que as professoras tiveram de integrar a matéria. (...) considero que os métodos utilizados nas aulas de História ajudaram a compreender a matéria, (...) ao esclarecimento de dúvidas e a compreensão da mesma. Considero que termos três professoras ajuda a organização e planificação das aulas. (...) gostei muito das aulas e da maneira de cada professora desenvolver a matéria, trazendo diversos aspetos e ajudando-nos a ser melhores”. (H12A-20) “foi a dinâmica entre as professoras e o apelo às nossas características individuais”. (H12A-21) “maneira dinâmica com que a professora Catarina explicou a matéria, o que faz com que a nossa aprendizagem seja mais apelativa
--	--	--

		e divertida, mesmo com temas complicados de perceber (...), contribuindo para aumentar a nossa capacidade de aprendizagem e de ajuda na disciplina de História A”. (H12A-23) “maneira como as aulas foram apresentadas, desde a maneira como a professora fala, até à constituição dos powerpoints”. (H12B-1) “senti que algumas aulas de História foram bastante dinâmicas. Gostei bastante do jogo que as professoras criaram (...). Achei que as professoras também fizeram com que todos participassem nas aulas. Isso é bastante importante pois obriga-nos a estar com atenção”. (H12B-2) “à vontade da professora, os powerpoints, a maneira como a professora ensina.” (H12B-3) “O que mais gostei nas aulas de História foi a parte da arte. (...) brincamos um bocado (...). Acho que estas matérias mais simples acabam por “quebrar o gelo”. Acho também importante o jogo feito pelas professoras estagiárias porque foi uma estratégia boa e bem elaborada (...). Muitas professoras deviam apostar no mesmo”. (H12B-4) “forma como as aulas foram apresentadas”. (H12B-5) “maneira como a matéria foi apresentada”. (H12B-6)
--	--	--

		“privilégio de presenciar três tipos de ensino que, apesar de serem relativamente semelhantes, não deixam de ser diferentes. (...) a forma distinta de abordar os temas propostos nas aulas pelas professoras estagiárias e pela nossa professora foi bastante útil no momento do estudo em casa e na aprendizagem na escola. Digo isto, uma vez que, a meu ver, o facto de que numa sala de aula estão presentes três professoras, o apoio é maior e mais contínuo. (...) as aulas tornaram-se mais interativas e bastante mais cativantes. (...) através das várias atividades entre aulas e através das constantes interações entre professoras e alunos, a minha atenção e o meu interesse por esta disciplina era constante e bastante positivo”. (H12A-13) “confiança criada ao longo do tempo entre professoras e alunos (...). Não havia uma grande interação, nem uma grande à vontade. No entanto, fomos construindo ao longo do tempo. (...) sou uma pessoa tímida e não gosto de ser o centro das atenções. (...) No entanto, como referido anteriormente, fomos construindo a nossa confiança A maneira de trabalhar e a abertura que nos dão para interagir e, até mesmo errar, foi conquistando toda a gente. Além disso, conseguem transmitir a matéria sem muitas voltas e de forma limpa e compreensiva”. (H12A-14)
--	--	---

		“a forma como as professoras deram a matéria, uma vez que dá para perceber bem e é bastante cativante, apesar de cada uma apresentar a matéria de forma diferente e de acordo com a sua personalidade”. (H12A-15) “comparando este ano letivo com outros anos passados, considero alguma matéria um pouco mais interessante. (...) o interesse das aulas depende da matéria a abordar, mas também de como a aula é dada. (...) A procura de formas de ensino diferentes e cativantes é um aspeto bastante positivo. (...) ao longo do primeiro período deste ano, reconheço e dou mérito às professoras por tentarem sempre adotar medidas no desenrolar da aula para captar a atenção dos alunos e tornar as aulas menos maçadoras e mais atraentes”. (H12A-16) “a forma com que as professoras explicavam a matéria ajudou-me a entender aos poucos e a que gostasse dela. (...) Gosto também de, neste ano, termos, para além da professora Teresa, as professoras estagiárias, que conseguem dar as aulas de pontos de vista diferentes, o que acho que me ajuda, e torna as aulas mais dinâmicas”. (H12A-17) “multiplicidade de abordagens adotadas pelas três professoras. Numa fase inicial pensei que o facto de as três professoras possuí-
--	--	--

		rem características singulares e distintas iria, de certo modo, constituir uma dificuldade acrescida na compreensão das temáticas abordadas. No entanto, esta diversidade metodológica veio a constituir-se como uma mais-valia para nós, na medida em que nos “obriga” a uma certa autonomia (...). Constituiu-se como um fator positivo, na medida em que acarretou um maior dinamismo às aulas”. (H12A-18) “foi a versatilidade e a maneira criativa que as professoras tiveram de integrar a matéria. (...) considero que os métodos utilizados nas aulas de História ajudaram a compreender a matéria, (...) ao esclarecimento de dúvidas e a compreensão da mesma. Considero que termos três professoras ajuda a organização e planificação das aulas”. (H12A-20) “maneira dinâmica com que a professora Catarina explicou a matéria, o que faz com que a nossa aprendizagem seja mais apelativa e divertida, mesmo com temas complicados de perceber (...), contribuindo para aumentar a nossa capacidade de aprendizagem e de ajuda na disciplina de História A”. (H12A-23) “maneira como as aulas foram apresentadas, desde a maneira como a professora fala, até à constituição dos powerpoints”. (H12B-1)
--	--	--

		“senti que algumas aulas de História foram bastante dinâmicas. Gostei bastante do jogo que as professoras criaram (...). Achei que as professoras também fizeram com que todos participassem nas aulas. Isso é bastante importante pois obriga-nos a estar com atenção”. (H12B-2) “à vontade da professora, os powerpoints, a maneira como a professora ensina.” (H12B-3) “O que mais gostei nas aulas de História foi a parte da arte. (...) brincamos um bocado (...). Acho que estas matérias mais simples acabam por “quebrar o gelo”. Acho também importante o jogo feito pelas professoras estagiárias porque foi uma estratégia boa e bem elaborada (...). Muitas professoras deviam apostar no mesmo”. (H12B-4) “maneira como as professoras deste ano ensinam”. (H12B-7) “forma de ensino (...). as aulas tornaram-se mais dinâmicas”. (H12B-8) “forma como as professoras davam as aulas e interagiam connosco. Também gostei do facto de tentarem com que todos os alunos participassem”. (H12B-9) “método de ensino porque fez com que ficasse a perceber a matéria.” (H12B-10)
--	--	--

		“inovação das aulas com atividades que ajudavam a perceber melhor a matéria dada. O uso de porwerpoints foi também uma mais-valia e penso que deviam continuar assim, pois existe uma maior interação com a professora”. (H12B-11) “devido à forma como as professoras estagiárias explicavam a matéria. Também gostei das atividades e dos powerpoints que elaboraram para os alunos”. (H12B-12) “desempenho das professoras (...), das apresentações powerpoint, principalmente das imagens/vídeos”. (H12B-13)
Consciência histórica		
Multiperspetiva	Demonstra capacidade de ver perspetivas distintas	“privilégio de presenciar três tipos de ensino que, apesar de serem relativamente semelhantes, não deixam de ser diferentes. (...) a forma distinta de abordar os temas propostos nas aulas pelas professoras estagiárias e pela nossa professora foi bastante útil no momento do estudo em casa e na aprendizagem na escola”. (H12A-13) “a forma como as professoras deram a matéria, uma vez que dá para perceber bem e é bastante cativante, apesar de cada uma apresentar a matéria de forma diferente e de acordo com a sua personalidade”. (H12A-15) “A procura de formas de ensino diferentes e cativantes é um aspeto bastante positivo. (...) ao longo do primeiro período deste

		ano, reconheço e dou mérito às professoras por tentarem sempre adotar medidas no desenrolar da aula para captar a atenção dos alunos e tornar as aulas menos maçadoras e mais atraentes”. (H12A-16) “a forma com que as professoras explicavam a matéria ajudou-me a entender aos poucos e a que gostasse dela. (...) Gosto também de, neste ano, termos, para além da professora Teresa, as professoras estagiárias, que conseguem dar as aulas de pontos de vista diferentes, o que acho que me ajuda, e torna as aulas mais dinâmicas”. (H12A-17) “multiplicidade de abordagens adotadas pelas três professoras. Numa fase inicial pensei que o facto de as três professoras possuírem características singulares e distintas iria, de certo modo, constituir uma dificuldade acrescida na compreensão das temáticas abordadas. No entanto, esta diversidade metodológica veio a constituir-se como uma mais-valia para nós, na medida em que nos “obriga” a uma certa autonomia (...). Constituiu-se como um fator positivo, na medida em que acarretou um maior dinamismo às aulas”. (H12A-18) “a dinamização da forma de dar a aula, com diversos recursos, com variados vídeos, imagens e documentos, não disponibilizados
--	--	--

		pelo manual adotado, de forma a adquirir mais e diferentes conhecimentos”. (H12A-19) “foi a versatilidade e a maneira criativa que as professoras tiveram de integrar a matéria. (...) considero que os métodos utilizados nas aulas de História ajudaram a compreender a matéria, (...) ao esclarecimento de dúvidas e a compreensão da mesma. Considero que termos três professoras ajuda a organização e planificação das aulas. (...) gostei muito das aulas e da maneira de cada professora desenvolver a matéria”. (H12A-20) “O que mais gostei nas aulas de História foi a parte da arte. Esta parte da matéria permitiu perceber que cada um de nós tem mesmo uma perspetiva e visão diferente dos outros. brincamos um bocado, até porque alguns conseguiam ver umas coisas e outros não”. (H12B-4)
Empatia histórica		
Cultura democrática		

Anexo 1.3. – Atividade 3

Categoria	Indicador	Unidade de registo / Unidade de contexto
Bem-estar, saúde e ambiente	A história contribuiu para o lazer (Consumo de conteúdos digitais).	Telejornais, séries (ex. The Crown) e filmes de época (H12A-15; H12A-18)

	Relações interpessoais positivas (interajuda)	O conhecimento histórico permite ajudar familiares que não têm tanto conhecimento. Exemplificou por dizer que, com aquilo que estudou este ano, ajudou a mãe a tomar uma decisão política, por lhe explicar conceitos como o comunismo. (H12A-17)
Desenvolvimento pessoal e autonomia	Incremento do conhecimento/crescimento pessoal Autonomia e evolução	História dá noções de outras áreas do conhecimento – ex. economia (H12A-15) História desenvolve a capacidade de argumentação (H12A-13); de empatia (H12A-15) Considera que “uma pessoa que tem História (no currículo) é um profissional mais informado.” (H12A-18) Dá conhecimento geral. (H12B-2) História ajuda a “não cometer os erros do passado” por aprender a evitar situações do passado, ou a melhorar o que já foi feito. (H12A-17) A História é útil “para conhecer o que veio antes de nós e para não cometermos os mesmos erros que já foram cometidos”. (H12B-5)
Pensamento crítico e pensamento criativo	Desenvolvimento da argumentação a partir de diferentes premissas e variáveis	Considera a História importante para perceber as situações atuais, para falar de política com os familiares e amigos (caso surja). (H12A-12; H12A-15) Refere que a História os ajuda a comparar e a tomar decisões no presente. (H12A-13) Refere que o conhecimento histórico permite ajudar familiares que não têm tanto conhecimento. Exemplificou por dizer que, com aquilo que estudou

		este ano, ajudou a mãe a tomar uma decisão política, por lhe explicar conceitos como o comunismo. (H12A-17) A História é útil “para conhecer o que veio antes de nós e para não cometermos os mesmos erros que já foram cometidos”. (H12B-5) História desenvolve a capacidade de argumentação (H12A-13); de empatia (H12A-15); espírito crítico (H12A-21)
Relacionamento interpessoal	Fomenta de relações interpessoais	Considera a História importante para falar de política com os familiares e amigos (caso surja). (H12A-12) Quando está com amigos e aparece alguém novo, partilham informações. (H12B-2) A história surge às refeições, enquanto conversa com a família. (H12A-13; H12A-14) A História permite perceber porque as pessoas são como são. Exemplo: aluna refere que fala muito com a avó sobre Salazar, que considera “Deus”, apesar de não partilhar de tal ideia. (H12A-13; H12A-21)
Consciência histórica	Relevância histórica	Considera a História importante para perceber as situações atuais, para falar de política com os familiares e amigos (caso surja) e dá-nos cultura geral. (H12A-12; H12A-18; H12A-19) Refere que a História ajuda-nos a comparar e a tomar decisões no presente. (H12A-13) Muitos dias relembram o passado (H12A-13).

	Estabelece relações significativas entre passado, presente e futuro Identidade histórica	Considera que História abrange tudo porque tudo tem que ter uma História para acontecer. (H12B-1) Somos produto do passado histórico (H12B-2). Acerca dessa ideia explica que “o que está a acontecer será o passados dos nossos netos, que vão estudar o que foi o covid por exemplo” (H12B-2); “as aulas online são uma parte da História e vão ser dadas no futuro”. (H12B-13) A História é presente. (H12B-2; H12B-9; H12B-11). Explica (H12B-2) que “estamos a dá-la (História-disciplina), então estamos perto. É como se tivéssemos a viver aquela altura porque temos de saber o que aconteceu”. Explica que “a nossa evolução; tudo o que aconteceu até o momento, deveu-se à história. Tudo o que aconteceu no passado, as decisões tomadas, o facto de estarmos aqui a ter aulas, alguém, no passado, criou a escola e isso é uma parte da História”. (H12B-13) Explica: “eu estou aqui por alguma razão. Não apareci de repente. Tenho história para trás. Como, por exemplo, tudo o que temos tem uma história por trás, vem tudo do passado. Dependemos muito da História.” (H12B-1)
--	--	---

		“Acho que cada um tem uma história diferente. Não é algo que todos olhamos e é igual para todos. Cada um tem a sua história, ou as suas histórias” (H12B-2). A história é importante para a nossa cultura e para aquilo que nós somos (H12B-8).
Multiperspetiva	Demonstra capacidade de perceber perspetivas diferentes	Refere que a História ajuda-nos a comparar e a tomar decisões no presente (H12A-13).
Empatia histórica	Consciência do que implica empatia Descentramento dos valores e ideias do presente, a fim de compreender as realidades históricas	Refere que a empatia implica colocar-se no lugar do outro, apesar de não, necessariamente, concordar, mas compreender o porquê (H12A-18). Aluna usa de empatia histórica, de forma a lidar com a opinião da avó. Explica que essa viveu o regime de Salazar. Disse o seguinte: “é difícil mudar as ideias de uma pessoa que viveu aquilo e que na altura estava a viver bem com aquilo. Não consegue ver aquilo de outra maneira. Ela vê os problemas, as crises de hoje e o desemprego e refere que no tempo de Salazar não era assim e que se tivéssemos um Salazar não era assim”. Refere que não pode contrariá-la porque, de facto, a avó dela viveu bem no tempo de Salazar, mas não era a realidade vivida por todos. A aluna refere que agora a avó gostava de viver da mesma forma como no passado. Por causa dessa experiência e desejo da avó, refere que compreende. Considera que é muito difícil mudar a opinião da avó, formada à muitos anos (elemento este que leva a aluna a compreender ainda mais a avó) (H12A-13).

		Aluna relata experiência semelhante: Explicou que o Pai é da ala política direita e ela não é “nem um pouco”. “Discutem muitas vezes” sobre política e ela tenta explicar o ponto de vista dela, tenta fazer ver qual é o problema do ponto de vista do pai dela. Refere que tenta fazer com que o pai mude o ponto de vista dele, em função do dela. Refere que não é por considerar que ele está errado. Mas considera que aceitar que as minorias têm direito está correto (o pai não concorda com isso). O pai viveu uma ditadura. Acha que as opiniões que o pai tem são motivadas por essa experiência. Conta que ele foi ensinado, foi para a escola, para a faculdade, enquanto vigorava a Ditadura. Considera que esse regime havia doutrinado as pessoas (“principalmente lá no Brasil”) (H12A-21). Explica (H12B-2) que “é como se tivéssemos a viver aquela altura porque temos de saber o que aconteceu”.
Cultura democrática	Recorre à imaginação como instrumento de compreensão. Relações assentes em valores morais e democráticos	História fomenta a tolerância e o respeito (H12A-19)

Anexo 1.4. – Atividade 4

Categoria	Indicador	Unidade de registo / Unidade de contexto
Bem-estar, saúde e ambiente	Dimensão afetiva positiva	“um sentimento de liberdade e de concretização pairava pela minha mente”. (H12A-13) “ambas as artes me transmitiram diversas sensações (...). Na obra de Jackson Pollock, consegui sentir a complexidade do seu inconsciente, e a confusão em que se encontrava. No entanto, foi uma obra que me fez pensar que talvez ele não estivesse confuso, mas sim perdido no meio dos seus sentimentos. Por outro lado, a obra de Mark Rothko, ao contrário de alguns colegas meus, não me fez sentir luto, mágoa ou tristeza, mas sim silêncio, vazio. Olhar para a imensidão do preto fez-me sentir num quarto escuro sozinha e calma. Fez-me sentir a presença da própria companhia, e que não era preciso mais nada para além disso”. (H12A-14) “mais relaxada, enquanto era explicada a matéria”. (H12A-17) “senti-me muito feliz quando aquela música tocou!”. (H12A-21) “Estas aulas fizeram-se sentir feliz, calma e tranquila”. (H12A-20) “estas duas aulas foram das mais interessantes até agora, visto que, para mim, este tema está relacionado com os meus interesses pessoais, visto que sou fã de arte e a sua história”. (H12B-1)

	Sucesso acadêmico	“revoltado porque não é o tipo de arte que estamos habituados a ver nos dias de hoje”. (H12B-12) “fez com que eu conseguisse entender bem os diferentes tipos de movimentos artísticos que demos, e as suas características.” (H12A-17) “senti-me essencialmente motivada a conhecer mais estilos artísticos. as aulas correram de forma exímia, muito graças ao meio com que a professora decidiu expor a temática, na medida em que a criação de uma espécie de visita a um museu virtual foi determinante na manutenção da minha atenção e interesse ao longo destas duas aulas”. (H12A-18) “Estas aulas (...) foram de fácil compreensão e de bom entendimento, o qual considero que é muito bom já que, nas circunstância em que nos encontramos, poder estar atentos nas aulas e compreender, é mais complicado do que nas aulas presenciais, por isso gostei muito da forma criativa da aula”. (H12A-20) “tenho dificuldade em concentrar-me com powerpoints, mas naquele consegui estar a prestar atenção durante mais tempo”. (H12A-21)
Desenvolvimento pessoal e autonomia	Rumo à individuação/identidade	“Aquilo que é bonito e agradável para mim pode não ser o mesmo para os outros, e isso faz com que cada tipo de arte tenha significados diferentes para cada um”. (H12A-12) “não é preciso expressar as nossas emoções de forma direta e simples, mas também de forma abstrata e complexa”. (H12A-14)

		“as aulas foram bem estruturadas (...) de uma forma dinamizadora, de forma a termos nós próprios a sentir e tirar as nossas conclusões das obras”. (H12A-19) “fizeram-me sentir mais culto”. (H12B-6) “fizeram-me sentir mais culto e contente”. (H12B-10)
	Crescimento pessoal	“tornaram-me mais sensível na medida em que tive de me tentar colocar no lugar do artista com o objetivo de perceber as suas emoções”. (H12A-15)
	Maior conhecimento	“tendo, até mesmo desencadeado em mim um interesse crescente em conhecer e visitar museus, especialmente, os que têm em exposição arte moderna”. (H12A-15) “a arte tem assumido um papel cada vez mais notório, segundo a minha perspetiva, na medida em que me desperta um certo interesse em saber mais do assunto, nomeadamente a visitar museus”. (H12A-18) “fizeram sentir/pensar numa nova área da arte, que (...) desconhecia”. (H12A-19) “fez-me pensar muito acerca de arte”. (H12A-21) “pensar na existência de géneros de arte que não havia conhecido”. (H12B-5) “fizeram-me pensar que a arte é um mundo muito mais vasto do que pensava”. (H12B-10)

	Incremento do gosto pela disciplina/conteúdo temático	“estas aulas aumentaram o meu interesse pela arte, e fizeram-me sentir motivada a alargar os meus conhecimentos acerca da arte (...). Fez-me pensar no quanto a arte mudou, desde a época do renascimento até agora tendo, até mesmo desencadeado em mim um interesse crescente em conhecer e visitar museus, especialmente, os que têm em exposição arte moderna, uma vez que esta, na minha opinião, é muito mais interessante, pois estimula a nossa imaginação e criatividade, a fim de conseguirmos interpretar o que o artista pretende transmitir.”. (H12A-15) “A professora também conseguiu fazer com que conseguisse achar a matéria interessante, e captar a minha atenção durante a aula”. (H12A-17) “fiquei curiosa em investigar algumas das artes e suas obras, tais como a “Pop Art”, que foi a que mais chamou a minha atenção”. (H12A-20) “fiquei a conhecer de uma forma divertida os movimentos artísticos do terceiro quartel do século XX. (...) Gostei particularmente da Pop Art uma vez que é uma arte mais ligada a população, de fácil interpretação e possui cores vibrantes”. (H12A-23) “considere interessante, apesar de eu não revelar grande interesse pelo tipo de arte apresentado nas aulas”. (H12B-5) “fizeram-me pensar de outra maneira sobre a arte, porque antigamente não apreciava muito, e as aulas ajudaram-me a gostar mais da arte”. (H12B-6)
--	--	--

Pensamento crítico e pensamento criativo	Analisa e dá sentido à experiência.	“Estas aulas fizeram-me sentir/pensar na importância que a arte tem na nossa vida. A arte é uma forma de expressão dos sentimentos, e traz-nos a liberdade de expormos ao mundo as nossas sensações e interpretações, que muitas vezes são diferentes da maioria”. (H12A-12) “apreciei bastante a forma como a professora Catarina expôs e abordou este tema, visto que nos levou a visitar museus de forma virtual, explicando, assim, as características de cada corrente artística”. (H12A-15) “mais relaxada enquanto era explicada a matéria devido à forma que a professora escolheu lecionar a aula, a parecer que estávamos a visitar um museu”. (H12A-17) “Sob o ponto de vista institucional, inerente à forma de ensino dinamizada pela professora Catarina Campos, considero que a mesma foi, sem sombra de dúvida, dinâmica na apresentação desta temática, procurando captar a nossa atenção. (...) as aulas correram de forma exímia, muito graças ao meio com que a professora decidiu expor a temática, na medida em que a criação de uma espécie de visita a um museu virtual foi determinante na manutenção da minha atenção e interesse ao longo destas duas aulas”. (H12A-18) “Apesar de não apreciar muito a arte, de uma forma geral (...) senti que as aulas foram bem estruturadas, e nos foram apresentadas (...) de uma forma dinamizadora, de forma a sermos nós próprios a sentir e tirar as nossas conclusões das obras”. (H12A-19)
--	--	--

		“Estas aulas fizeram-se sentir, feliz, calma e tranquila, já que, no princípio da aula, a proposta da professora em apresentar-nos uma música foi uma maneira diferente e divertida de integrarmos a matéria da aula (...) foram de fácil compreensão e de bom entendimento o qual considero que é muito bom já que, nas circunstâncias em que nos encontramos, poder estar atentos nas aulas e compreender é mais complicado do que nas aulas presenciais (...). fez com que a minha imaginação estive mais aberta à arte, já que algumas das vezes, coisas comuns que observamos podem ser arte e que (...) trazem uma história, e um artista, por trás, que quer transmitir alguma mensagem ou expressar suas emoções e sentimentos”. (H12A-20) “fez-me pensar muito acerca de arte, as aulas foram divertidas e dinâmicas (...). Gostei da ideia da aula e de como o powerpoint estava organizado”. (H12A-21) “Gostei particularmente da Pop Art uma vez que é uma arte mais ligada a população, de fácil interpretação e possui cores vibrantes”. (H12A-23) “A maneira como nos introduziram o tema foi bastante cativante, mesmo que a obra em si não fosse, o que levou à criação de diversos pontos de foco para as características das mesmas”. (H12B-1) “Aquilo que é bonito e agradável para mim pode não ser o mesmo para os outros, e isso faz com que cada tipo de arte tenha significados diferentes para cada um. Aprendemos que a arte não tem necessariamente de ter algum
--	--	---

	Analisa e dá sentido à informação.	sentido ou padrão, e que muitas vezes a arte surge de atos criativos, de ideias momentâneas e, às vezes, não tem qualquer significado escondido por detrás da obra. O importante é que a arte transmita uma mensagem, seja original e seja feita sem se pensar muito no que se vai criar. Todos os artistas e todas as obras de arte têm diferentes métodos de criação e isso é muito interessante. As obras podem tanto surgir, como já referi, do ato criativo, como do nosso subconsciente ou, então, de ideias que nos lembramos no momento”. (H12A-12) “Com o conhecimento adquirido acerca desse tema, cheguei à conclusão de que a arte está ligada às manifestações de ordem estética ou comunicativa e, como tal, é uma forma de exprimir os nossos pensamentos e os nossos sentimentos, para que outras pessoas os possam interpretar”. (H12A-13) “Apesar de não apreciar muito a arte, de uma forma geral, não me identifiquei muito com as formas de arte apresentadas pela professora (...) as aulas foram bem estruturadas e nos foram apresentadas (...) de uma forma dinamizadora, de forma a sermos nós próprios a sentir e tirar as nossas conclusões das obras”. (H12A-19) “algumas das vezes, coisas comuns que observamos podem ser arte e trazem uma história, e um artista por trás que quer transmitir alguma mensagem ou expressar as suas emoções e sentimentos”. (H12A-20) “Estas aulas fizeram-me sentir/pensar que (...) toda a gente pode fazer arte”. (H12B-3)
--	------------------------------------	--

		“penso que, de acordo com estas aulas, qualquer um de nós é capaz de fazer arte, já que nem sequer precisamos de ter uma habilidade boa de pintura e simplesmente basta fazermos coisas sem sentido”. (H12B-3)
Relacionamento interpes-soal	Desenvolvimento da competência de comunicação com outros.	“A arte é uma forma de expressão dos sentimentos e traz-nos a liberdade de expormos ao mundo as nossas sensações e interpretações que muitas vezes são diferentes da maioria”. (H12A-12) “Com o conhecimento adquirido acerca desse tema, cheguei à conclusão que a arte está ligada às manifestações de ordem estética ou comunicativa e, como tal, é uma forma de exprimir os nossos pensamentos e os nossos sentimentos, para que outras pessoas os possam interpretar”. (H12A-13) “não é preciso expressar as nossas emoções de forma direta e simples, mas também de forma abstrata e complexa”. (H12A-14) “ajudaram-me a compreender bem como a Arte era usada para as pessoas se exprimirem e mostrarem a sua perspetiva e conceito de Arte”. (H12B-11)

		forma indireta, esse sentimento e essas sensações para a audiência, que poderão ter opiniões distintas acerca do mesmo, mas que irão acabar por se relacionar e criar a sua própria interpretação”. (H12A-13) “desencadeado em mim um interesse crescente em conhecer e visitar museus, especialmente, os que têm em exposição arte moderna, uma vez que esta, na minha opinião, é muito mais interessante, pois estimula a nossa imaginação e criatividade, a fim de conseguirmos interpretar o que o artista pretende transmitir. (...) tornaram-me mais sensível na medida em que tive de me tentar colocar no lugar do artista com o objetivo de perceber as suas emoções”. (H12A-15)
Empatia histórica	Descentramento dos valores e ideias do presente, a fim de compreender, e empatizar com a realidade histórica.	“Na obra de Jackson Pollock, consegui sentir a complexidade do seu inconsciente, e a confusão em que se encontrava. No entanto, foi uma obra que me fez pensar que talvez ele não estivesse confuso, mas sim perdido no meio dos seus sentimentos. Por outro lado, a obra de Mark Rothko, ao contrário de alguns colegas meus, não me fez sentir luto, mágoa ou tristeza, mas sim silêncio, vazio. Olhar para a imensidão do preto fez-me sentir num quarto escuro sozinha e calma. Fez-me sentir a presença da própria companhia, e que não era preciso mais nada para além disso”. (H12A-14) “tornaram-me mais sensível na medida em que tive de me tentar colocar no lugar do artista com o objetivo de perceber as suas emoções”. (H12A-15)

	Imaginação histórica	“ajudaram-me a compreender bem como a Arte era usada para as pessoas se exprimirem e mostrarem a sua perspetiva e conceito de Arte”. (H12B-11) “fez-me pensar de como os artistas transformam algo sem importância e sem valor em algo que a sociedade passa a valorizar e, até mesmo, consumir (...). Fez-me pensar também que são raras as pessoas que valorizam essa mesma arte, ou seja, só dão valor ao produto final e não ao trabalho que os artistas têm antes de estar finalizada e pronta para ser vendida”. (H12B-2) “desencadeado em mim um interesse crescente em conhecer e visitar museus, especialmente, os que têm em exposição arte moderna, uma vez que esta, na minha opinião, é muito mais interessante, pois estimula a nossa imaginação e criatividade, a fim de conseguirmos interpretar o que o artista pretende transmitir”. (H12A-15) “fez com que a minha imaginação estive mais aberta a arte, já que algumas das vezes coisas comuns que observamos podem ser arte e (...) trazem uma história e um artista por trás, que quer transmitir alguma mensagem ou expressar emoções e sentimentos”. (H12A-20)
Cultura democrática	Preocupação com o Outro	“Fez-me pensar (...) que são raras as pessoas que valorizam essa mesma arte, ou seja, só dão valor ao produto final e não ao trabalho que os artistas têm antes de estar finalizada e pronta para ser vendida”. (H12B-2)

Anexo 1.5. – Atividade 5

Categoria	Indicador	Unidade de registo / Unidade de contexto
Bem-estar, saúde e ambiente	Dimensão afetiva	“A personagem que mais me tocou (...) foi Zak Ebrahim pela parte de concordar muito com ele e também por admirá-lo (...). Também admiro Bill Gates (:...).” (H12B-11) “O que mais me tocou e me deixou feliz nesta história é que, apesar de Zac ter nascido num ambiente violento, não se deixou influenciar, e conseguiu mudar a imagem que muitas pessoas tinham dele. Ele conseguiu sair das ideologias que o rodeavam, de intolerância e do ódio, e passou a defender e ter como valores a tolerância e a paz. Hoje em dia é ativista da paz, escritor, dá palestras e acredita que, apesar de ser impossível chegarmos a ter a paz mundial, cada um de nós deve estar ciente de que o objetivo é esse e que devemos fazer o melhor que conseguirmos para termos cada vez menos conflitos e para que consigamos viver em concordância”. (H12A-12)

		“[Zack Ebrahim] fiquei bastante surpreendida e feliz com a reviravolta da sua vida, sendo ele agora um ativista da paz, escreve e dá palestras perante outros, de maneira a incentivar um mundo melhor”. (H12A-14) “a história desta personalidade [Rosa Parks] deixou-me orgulhosa, uma vez que ela teve a coragem de enfrentar a própria avó, (...) sendo este ato, na minha opinião, o mais difícil porque nós vemos sempre a nossa avó como uma figura maternal e tentamos sempre seguir os conselhos da mesma. Outra característica (...), é facto dela ser bastante determinada, na medida em que, prefere morrer do que abandonar a defesa da sua causa, sendo esta a igualdade de direitos. Por fim, Rosa Parks não deixou que uma sociedade considerada “melhor” por causa da cor de pele, a impedisse de fazer o que achava e estava correto”. (H12A-15) “As personalidades que mais me tocaram foram a Rosa Parks e o Zak Ebrahim, pois ambos nos ensinam a não desistir e a lutar pelos nossos sonhos e pelos nossos objetivos”. (H12A-17) “Habso Mohamud (...) apesar de, à partida, o mundo lhe reservar pouco, esta agarrou a única oportunidade de uma vida digna e fez dela
--	--	--

		todo o seu mote de vida. (...) caminhava 45 minutos por dia apenas pela possibilidade de a formação escolar, um dia, lhe puder abrir as portas de todo um mundo com o qual ela não tinha de todo contacto. (...) para além de determinada, ela mostra ser portadora de uma bondade e empatia com o próximo extraordinária. Exemplo disso, é o facto de o seu percurso profissional estar totalmente ligado à vertente educacional, mas também motivacional, na medida em que esta inspira todo um universo de crianças a lutarem pelos seus sonhos, perpetuando a sua icónica frase, que intitulou o seu livro, “It Only Takes One Yes! (só é preciso um sim). (...) Zak Ebrahim é o exemplo perfeito de que a categorização dos seres humanos, tendo em conta os seus antepassados ou familiares próximos é completamente errado. (...) Após refletir um pouco sobre esta história, pude constatar que não se deve combater o mal com mal, na medida em que Zak Ebrahim tinha tudo para crescer como alguém revoltado com todo um padrão social que o via somente como “o filho do terrorista”, mas decide optar por combater o mal com bem e instituir-se como um alguém que considera que ‘(...) a violência é desnecessária em 99% dos casos nas quais ela é utilizada, e, portanto sempre existe uma forma melhor de resolver conflitos’”. (H12A-18)
--	--	--

	Consciência do próprio e do meio	“[Rosa Parks] Foi uma das personalidades que mais me marcou (...), considero que foi uma pessoa corajosa ao não ceder o seu lugar no autocarro a um homem branco (...). Além disso, apesar de ela ter tido uma educação baseada na submissão a supremacia das pessoas brancas, (...) Rosa decidiu romper qualquer ligação a esta forma de ver a vida, e fez ver os seus direitos enquanto pessoa ao reclamar algo tão simples como é permanecer no assento do autocarro e não ceder as exigências de um homem branco. (...) perante a frase que foi dita pela sua avó, Rosa responde que não se importaria de morrer a mãos de uma pessoa branca, por defender o seu direito à liberdade, desde que ninguém lhe passasse por cima e a desrespeitasse. Isto revela que foi uma pessoa com fortes convicções e que seria capaz de tudo, até de renunciar a própria vida, para defender os seus direitos enquanto mulher negra, numa época em que o racismo era visto como sendo um ato normal e justificado.” (H12A-23) “Zac Ebrahim porque ele tentou incentivar muitas pessoas a reconstruir as suas vidas, de modo a pararem de ser influenciadas pelo passado”. (H12B-12)
--	----------------------------------	---

		“Hoje em dia assiste-se, na minha opinião, a uma certa desaceleração da conscientização acerca dos efeitos negativos da degradação do meio ambiente. Apesar de, a maior parte dos cidadãos do mundo, terem perfeita noção dos estragos que, dia após dia, causamos ao planeta, a escolha passa pela inação. Seguindo este fio condutor, Bill Gates decide aproveitar toda a sua visibilidade e tentar, de certa forma, incutir a urgência de agirmos o mais breve possível, por meio da escrita de um livro, de modo a combatermos uma ameaça que, muitas vezes mesmo sem termos plena noção disso, acabamos por contribuir para mais uma derrota do ser humano nesta temática. (...)a cada dia que passa, a destruição do meio ambiente atinge recordes e não é um problema exclusivo do presente, por muito que se faça em prol de combater esta temática seria uma utopia acreditar que isso será possível num futuro próximo”- (H12A-18) “o conteúdo relacionado ao racismo está mais presente naquilo que me rodeia ou, até, no que eu vejo e por ser uma parte da disciplina de história que sempre me fascinou, desde a época de escravidão até às lutas pela igualdade. (...) O motivo de ter sido Luther King, é porque acredito que, por ser negro, viveu e tem mais conhecimento (...),
--	--	--

		além do conteúdo da carta que foi distribuída na aula ter me deixado sensibilizada com a situação”. (H12B-13)
Desenvolvimento pessoal e autonomia	Valorização e desenvolvimento de competências	“O que mais me tocou e me deixou feliz nesta história é que, apesar de Zac ter nascido num ambiente violento, não se deixou influenciar, e conseguiu mudar a imagem que muitas pessoas tinham dele. Ele conseguiu sair das ideologias que o rodeavam, de intolerância e do ódio, e passou a defender e ter como valores a tolerância e a paz. Hoje em dia é ativista da paz, escritor, dá palestras e acredita que, apesar de ser impossível chegarmos a ter a paz mundial, cada um de nós deve estar ciente de que o objetivo é esse e que devemos fazer o melhor que conseguirmos para termos cada vez menos conflitos e para que consigamos viver em concordância”. (H12A-12) “[Habso Mohamud] a sua força de vontade em criar uma mudança, não só em si, mas também no mundo, originou um futuro de prestígio onde a mesma se dedicou á escrita e à ilustração de livros infantis que passam mensagens de incentivo e de persistência. (...) Apesar de estas três figuras [Harriet Beecher-Stowe, Rosa Parks e Martin Luther King] terem tomado diferentes formas de agir e de protesto, acabavam sempre por se igualar nos princípios de justiça, igualdade e

		de liberdade. (...) Zak Ebrahim que é um verdadeiro exemplo de superação e perseverança. Isto é, Zak, filho de um dos extremistas responsáveis pelo ataque terrorista de 1993, lutou para que o mundo não o visse como um terrorista, e sim como um exemplo de que, no final de contas, aquilo que realmente importa é aquilo que tu escolhes ser e não aquilo que os outros assumem que te irás tornar. Rosa Parks, uma vez que esta lutou contra os incentivos e as influências que vinham de casa, e deu vontade à sua voz espalhando, por todo o mundo, os seus ideais e lutando por aquilo que acreditava e achava justo, tendo sempre a noção de que tal luta lhe poderia custar a vida. (...) Rosa, deixou no mundo uma marca importantíssima, que espalha os ideais de persistência, força de vontade e de interajuda. Esta, até hoje, é usada como um marco importantíssimo na luta a favor dos direitos da população negra que, infelizmente, ainda sofre um grande nível de discriminação.” (H12A-13) “Zack Ebrahim (...). Do meu ponto de vista, que sempre fui ensinada a formar e a criar a minha própria imagem perante o mundo, o facto de ele ser condicionado por crédito de outro, faz com que a sua visão do mundo e das pessoas seja, também, condicionada, assim como, a
--	--	--

		visão das pessoas perante ele. Esta observação, que é bastante popular, limita a vida de quem é discriminado e afasta-o da sociedade com medo de ser excluído e criticado, sem oportunidades de vida e de refazer o seu caminho. Como o mesmo referiu, “I am not my father” e eu não podia concordar mais. As ações dos outros vão ser sempre dos outros, independentemente do nosso parentesco ou da nossa opinião. (...) fiquei bastante surpreendida e feliz com a reviravolta da sua vida, sendo ele agora um ativista da paz, escreve e dá palestras perante outros, de maneira a incentivar um mundo melhor”. (H12A-14) “a história desta personalidade [Rosa Parks] deixou-me orgulhosa, uma vez que ela teve a coragem de enfrentar a própria avó, (...) sendo este ato, na minha opinião, o mais difícil porque nós vemos sempre a nossa avó como uma figura maternal e tentamos sempre seguir os conselhos da mesma. Outra característica (...), é facto dela ser bastante determinada, na medida em que, prefere morrer do que abandonar a defesa da sua causa, sendo esta a igualdade de direitos. Por fim, Rosa Parks não deixou que uma sociedade considerada “melhor” por causa da cor de pele, a impedisse de fazer o que achava e estava correto”. (H12A-15)
--	--	---

		“Rosa Park inspirou-me pelo simples ato de ela não ter ouvido o conselho da avó sobre ela ter de se rebaixar perante as pessoas brancas. Acho bastante corajoso como ela sempre lutou pelos seus direitos, mesmo sabendo que isso poderia causar a sua morte a qualquer momento, e que lutou até o fim pelos seus objetivos. Para além disto, estes atos de Rosa Park ajudaram a outras pessoas decidirem lutar pelos seus direitos e também começarem a agir. Na minha opinião, devemos ter Park ainda como inspiração nos dias de hoje, uma vez que ainda encontramos violações dos direitos humanos e tal como ela devemos agir para melhorarmos o mundo. Já Zak Ebrahim inspirou-me por mostrar que nós podemos ser quem quisermos, independentemente do que pensam e falem de nós. Ebrahim ensina-nos como podemos escolher ser bons e vivermos uma vida da qual nos possamos orgulhar da pessoa que somos, e podemos inspirar outros a quererem lutar para serem quem realmente são, e não a pessoa que as outras constroem e dizem que nós somos. Ele também nos ensina que se tivermos maus exemplos ao nosso redor e que as pessoas pensem que, por isso, também somos maus, pode ser difícil, mas nós podemos demonstrar que elas estão erradas. Desta forma, para mim, Ebrahim é
--	--	--

		uma inspiração e ensina que não devemos julgar as pessoas sem primeiro lhes dar uma chance para elas mostrarem como são”. (H12A-17) “Zak Ebrahim é o exemplo perfeito de que a categorização dos seres humanos, tendo em conta os seus antepassados ou familiares próximos é completamente errado. (...) Após refletir um pouco sobre esta história, pude constatar que não se deve combater o mal com mal, na medida em que Zak Ebrahim tinha tudo para crescer como alguém revoltado com todo um padrão social que o via somente como “o filho do terrorista”, mas decide optar por combater o mal com bem e instituir-se como um alguém que considera que ‘(...) a violência é desnecessária em 99% dos casos nas quais ela é utilizada, e, portanto sempre existe uma forma melhor de resolver conflitos’. (...)”. (H12A-18) “Tal como Rosa Parks, Zac Ebrahim é o exemplo de uma pessoa determinada e destemida pois, embora tenha sofrido com o receio das pessoas dado os atos do pai, ele mostrou que é possível, com esforço e determinação, alcançarmos os nossos sonhos e convicções. E que acima de tudo temos a capacidade de traçar o nosso futuro, e que não
--	--	---

	Interiorização de valores, sobretudo morais, e condutas sociais, com vista à evolução.	estamos limitados a receber as consequências dos atos que pautaram os nossos pais e antepassados.” (H12A-23) “Rosa Parks pois foi uma mulher de luta e com bastante coragem”. (H12B-2) “umas das personalidades que me chamou a atenção foi Nelson Mandela porque, para além de lutar contra o que sempre passou, ainda conseguiu mudar o que tinha de menos bom na sua personalidade”. (H12B-9) “A personagem que mais me tocou (...) foi Zak Ebrahim (...) por não ter seguido o mesmo caminho do seu pai, e por mostrar ao mundo que, mesmo sendo filho de um terrorista, não quer dizer que seja igual ao seu pai. Também admiro Bill Gates (...) por acreditar e incentivar que podemos tornar o mundo num lugar melhor.” (H12B-11) “O que mais me tocou e me deixou feliz nesta história é que, apesar de Zac ter nascido num ambiente violento, não se deixou influenciar, e conseguiu mudar a imagem que muitas pessoas tinham dele. Ele conseguiu sair das ideologias que o rodeavam, de intolerância e do ódio, e passou a defender e ter como valores a tolerância e a paz.
--	---	---

		Hoje em dia é ativista da paz, escritor, dá palestras e acredita que, apesar de ser impossível chegarmos a ter a paz mundial, cada um de nós deve estar ciente de que o objetivo é esse e que devemos fazer o melhor que conseguirmos para termos cada vez menos conflitos e para que consigamos viver em concordância”. (H12A-12) “[Habso Mohamud] a sua força de vontade em criar uma mudança, não só em si, mas também no mundo, originou um futuro de prestígio onde a mesma se dedicou á escrita e à ilustração de livros infantis que passam mensagens de incentivo e de persistência. (...) Apesar de estas três figuras [Harriet Beecher-Stowe, Rosa Parks e Martin Luther King] terem tomado diferentes formas de agir e de protesto, acabavam sempre por se igualar nos princípios de justiça, igualdade e de liberdade. (...) Zak Ebrahim que é um verdadeiro exemplo de superação e perseverança. Isto é, Zak, filho de um dos extremistas responsáveis pelo ataque terrorista de 1993, lutou para que o mundo não o visse como um terrorista, e sim como um exemplo de que, no final de contas, aquilo que realmente importa é aquilo que tu escolhes ser e não aquilo que os outros assumem que te irás tornar. Rosa Parks, uma vez que esta lutou contra os incentivos e as influências que vinham de casa, e deu vontade à sua voz espalhando, por todo o
--	--	---

		mundo, os seus ideais e lutando por aquilo que acreditava e achava justo, tendo sempre a noção de que tal luta lhe poderia custar a vida. (...) Rosa, deixou no mundo uma marca importantíssima, que espalha os ideais de persistência, força de vontade e de interajuda. Esta, até hoje, é usada como um marco importantíssimo na luta a favor dos direitos da população negra que, infelizmente, ainda sofre um grande nível de discriminação.” (H12A-13) “Zack Ebrahim (...). Do meu ponto de vista, que sempre fui ensinada a formar e a criar a minha própria imagem perante o mundo, o facto de ele ser condicionado por crédito de outro, faz com que a sua visão do mundo e das pessoas seja, também, condicionada, assim como, a visão das pessoas perante ele. Esta observação, que é bastante popular, limita a vida de quem é discriminado e afasta-o da sociedade com medo de ser excluído e criticado, sem oportunidades de vida e de refazer o seu caminho. Como o mesmo referiu, “I am not my father” e eu não podia concordar mais. As ações dos outros vão ser sempre dos outros, independentemente do nosso parentesco ou da nossa opinião. (...) fiquei bastante surpreendida e feliz com a reviravolta da sua vida, sendo ele agora um ativista da paz, escreve e dá palestras perante outros, de maneira a incentivar um mundo melhor”. (H12A-14)
--	--	---

		“Rosa Parks conseguiu sensibilizar-me, uma vez que teve de enfrentar diversos desafios devido à sua cor e ao seu género, dado que ser uma mulher negra no século XX, especialmente nos EUA, não deve ter sido fácil. Contudo, apesar dos desafios todos que teve de ultrapassar nunca deixou de se fazer ouvir, por mais silenciosa que a sua voz fosse, no sentido em que as suas manifestações eram pacíficas. (...) a história desta personalidade [Rosa Parks] deixou-me orgulhosa, uma vez que ela teve a coragem de enfrentar a própria avó, (...) sendo este ato, na minha opinião, o mais difícil porque nós vemos sempre a nossa avó como uma figura maternal e tentamos sempre seguir os conselhos da mesma. Outra característica (...), é facto dela ser bastante determinada, na medida em que, prefere morrer do que abandonar a defesa da sua causa, sendo esta a igualdade de direitos. Por fim, Rosa Parks não deixou que uma sociedade considerada “melhor” por causa da cor de pele, a impedisse de fazer o que achava e estava correto”. (H12A-15) “Rosa Park inspirou-me pelo simples ato de ela não ter ouvido o conselho da avó sobre ela ter de se rebaixar perante as pessoas brancas. Acho bastante corajoso como ela sempre lutou pelos seus direitos,
--	--	---

		mesmo sabendo que isso poderia causar a sua morte a qualquer momento, e que lutou até o fim pelos seus objetivos. Para além disto, estes atos de Rosa Park ajudaram a outras pessoas decidirem lutar pelos seus direitos e também começarem a agir. Na minha opinião, devemos ter Park ainda como inspiração nos dias de hoje, uma vez que ainda encontramos violações dos direitos humanos e tal como ela devemos agir para melhorarmos o mundo. Já Zak Ebrahim inspirou-me por mostrar que nós podemos ser quem quisermos, independentemente do que pensam e falem de nós. Ebrahim ensina-nos como podemos escolher ser bons e vivermos uma vida da qual nos possamos orgulhar da pessoa que somos, e podemos inspirar outros a quererem lutar para serem quem realmente são, e não a pessoa que as outras constroem e dizem que nós somos. Ele também nos ensina que se tivermos maus exemplos ao nosso redor e que as pessoas pensem que, por isso, também somos maus, pode ser difícil, mas nós podemos demonstrar que elas estão erradas. Desta forma, para mim, Ebrahim é uma inspiração e ensina que não devemos julgar as pessoas sem primeiro lhes dar uma chance para elas mostrarem como são”. (H12A-17)
--	--	---

		“Habso Mohamud (...) apesar de, à partida, o mundo lhe reservar pouco, esta agarrou a única oportunidade de uma vida digna e fez dela todo o seu mote de vida. (...) caminhava 45 minutos por dia apenas pela possibilidade de a formação escolar, um dia, lhe puder abrir as portas de todo um mundo com o qual ela não tinha de todo contacto. (...) para além de determinada, ela mostra ser portadora de uma bondade e empatia com o próximo extraordinária. Exemplo disso, é o facto de o seu percurso profissional estar totalmente ligado à vertente educacional, mas também motivacional, na medida em que esta inspira todo um universo de crianças a lutarem pelos seus sonhos, perpetuando a sua icónica frase, que intitulou o seu livro, “It Only Takes One Yes! (só é preciso um sim). (...) Zak Ebrahim é o exemplo perfeito de que a categorização dos seres humanos, tendo em conta os seus antepassados ou familiares próximos é completamente errado. (...) Após refletir um pouco sobre esta história, pude constatar que não se deve combater o mal com mal, na medida em que Zak Ebrahim tinha tudo para crescer como alguém revoltado com todo um padrão social que o via somente como “o filho do terrorista”, mas
--	--	--

		decide optar por combater o mal com bem e instituir-se como um alguém que considera que “(...) a violência é desnecessária em 99% dos casos nas quais ela é utilizada, e, portanto sempre existe uma forma melhor de resolver conflitos”. (H12A-18) “Considero que esta personalidade [Rosa Parks] teve um impacto importante (...). Todos com pequenos atos podem representar o cambio de outras gerações. Na atualidade, os jovens representam uma grande potência, que também, graças as redes sociais, pode ser divulgada; todos merecemos respeito mas, sobretudo, as mesmas oportunidades e direitos, independentemente da nossa cor de pele ou estatuto social/político. (...) o facto de ser uma mulher a marcar uma grande diferença com a sua ação e, sobretudo, ter deixado uma mensagem para toda a vida como o “O passo para o futuro”, representa um imenso orgulho e uma grande diferença.”. (H12A-20) “[Rosa Parks] Foi uma das personalidades que mais me marcou (...), considero que foi uma pessoa corajosa ao não ceder o seu lugar no autocarro a um homem branco (...). Além disso, apesar de ela ter tido uma educação baseada na submissão a supremacia das pessoas brancas, (...) Rosa decidiu romper qualquer ligação a esta forma de ver a vida, e fez ver os seus direitos enquanto pessoa ao reclamar algo tão
--	--	--

		simples como é permanecer no assento do autocarro e não ceder as exigências de um homem branco. (...) perante a frase que foi dita pela sua avó, Rosa responde que não se importaria de morrer a mãos de uma pessoa branca, por defender o seu direito à liberdade, desde que ninguém lhe passasse por cima e a desrespeitasse. Isto revela que foi uma pessoa com fortes convicções e que seria capaz de tudo, até de renunciar a própria vida, para defender os seus direitos enquanto mulher negra, numa época em que o racismo era visto como sendo um ato normal e justificado. (...) [Zac Ebrahim] Escolheu não seguir esta ideologia de ódio que lhe foi transmitida desde pequeno, e decidiu seguir o caminho na defesa pelos valores da paz, da tolerância e da igualdade. (...) Zac Ebrahim é o exemplo de uma pessoa determinada e destemida pois, embora tenha sofrido com o receio das pessoas dado os atos do pai, ele mostrou que é possível, com esforço e determinação, alcançarmos os nossos sonhos e convicções. E que acima de tudo temos a capacidade de traçar o nosso futuro, e que não estamos limitados a receber as consequências dos atos que pautaram os nossos pais e antepassados.” (H12A-23) “Rosa Parks pois foi uma mulher de luta e com bastante coragem. Aprendeu com os erros das pessoas que lhe eram próximas (...), e
--	--	--

	Responsabilidade	conseguiu mudar mentalidades com as suas ideologias e atitudes. Mostrou ser corajosa quando enfrentou aqueles que tinha medo e que a sociedade ‘respeitava’”. (H12B-2) “Rosa Parks porque não se conformou com as situações a que a estavam a submeter. (...) Zak Ebrahim (...) podia ter seguido as ‘pissadas’ do pai, mas decidiu ganhar consciência e fazer o que estava certo para ele e o melhor para a humanidade. No lugar deles acho que faria o mesmo, pois ambos seguiram os lados certos, a meu ver”. (H12B-4) “Zac Ebrahim (...). A reconstrução da vida dele mostra-me que basta querermos e podemos mudar, e encontrarmos a felicidade que nos preenche.” (H12B-6) “Zac Ebrahim porque ele tentou incentivar muitas pessoas a reconstruir as suas vidas, de modo a pararem de ser influenciadas pelo passado”. (H12B-12) “[Zac Ebrahim] acredita que, apesar de ser impossível chegarmos a ter a paz mundial, cada um de nós deve estar ciente de que o objetivo é esse e que devemos fazer o melhor que conseguirmos para termos
--	------------------	--

		cada vez menos conflitos e para que consigamos viver em concórdia”. (H12A-12) “Harriet Beecher, a qual, ao expor as suas ideias, trouxe mudanças a nível da sociedade, sendo que a consequência de tal também foi avassaladora, sendo esta a guerra civil americana. Penso que foi necessário a implementação destas ideias na sociedade, mas também penso que por vezes é necessário escolher onde e como as implementar, sendo que estas conclusões podem levar a problemas ainda maiores do que os iniciais”. (H12B-1) “Hoje em dia assiste-se, na minha opinião, a uma certa desaceleração da conscientização acerca dos efeitos negativos da degradação do meio ambiente. Apesar de, a maior parte dos cidadãos do mundo, terem perfeita noção dos estragos que, dia após dia, causamos ao planeta, a escolha passa pela inação. Seguindo este fio condutor, Bill Gates decide aproveitar toda a sua visibilidade e tentar, de certa forma, incutir a urgência de agirmos o mais breve possível, por meio da escrita de um livro, de modo a combatermos uma ameaça que, muitas vezes mesmo sem termos plena noção disso, acabamos por contribuir para mais uma derrota do ser humano nesta temática. (...)a cada dia que passa, a destruição do meio ambiente atinge recordes e
--	--	---

		não é um problema exclusivo do presente, por muito que se faça em prol de combater esta temática seria uma utopia acreditar que isso será possível num futuro próximo”- (H12A-18) “Considero que esta personalidade [Rosa Parks] teve um impacto importante (...). Todos com pequenos atos podem representar o cambio de outras gerações. Na atualidade, os jovens representam uma grande potência, que também, graças as redes sociais, pode ser divulgada; todos merecemos respeito mas, sobretudo, as mesmas oportunidades e direitos, independentemente da nossa cor de pele ou estatuto social/politico. (...) o facto de ser uma mulher a marcar uma grande diferença com a sua ação e, sobretudo, ter deixado uma mensagem para toda a vida como o “O passo para o futuro”, representa um imenso orgulho e uma grande diferença.”. (H12A-20) “Tal como Rosa Parks, Zac Ebrahim é o exemplo de uma pessoa determinada e destemida pois, (...) acima de tudo temos a capacidade de traçar o nosso futuro, e que não estamos limitados a receber as consequências dos atos que pautaram os nossos pais e antepassados.” (H12A-23)
--	--	--

Pensamento crítico e pensamento criativo	Analisa e dá sentido à experiência	“Harriet Beecher, a qual, ao expor as suas ideias, trouxe mudanças a nível da sociedade, sendo que a consequência de tal também foi avassaladora, sendo esta a guerra civil americana. Penso que foi necessário a implementação destas ideias na sociedade, mas também penso que por vezes é necessário escolher onde e como as implementar, sendo que estas conclusões podem levar a problemas ainda maiores do que os iniciais”. (H12B-1) “Zac Ebrahim (...). A reconstrução da vida dele mostra-me que basta querermos e podemos mudar, e encontrarmos a felicidade que nos preenche.” (H12B-6)
Relacionamento interpessoal		
Consciência histórica	Relevância Histórica Consciente de que o conhecimento histórico pode influenciar a nossa trajetória futura.	“Zac Ebrahim porque ele tentou incentivar muitas pessoas a reconstruir as suas vidas, de modo a pararem de ser influenciadas pelo passado”. (H12B-12) “Rosa deixou no mundo uma marca importantíssima, que espalha os ideais de persistência, força de vontade e de interajuda. Esta, até hoje, é usada como um marco importantíssimo na luta a favor dos direitos da população negra que, infelizmente, ainda sofre um grande nível de discriminação.” (H12A-13)

		“Considero que esta personalidade [Rosa Parks] teve um impacto importante (...). Todos com pequenos atos podem representar o cambio de outras gerações. Na atualidade, os jovens representam uma grande potencia, que também, graças as redes sociais, pode ser divulgada; todos merecemos respeito mas, sobretudo, as mesmas oportunidades e direitos, independentemente da nossa cor de pele ou estatuto social/politico. (...) o facto de ser uma mulher a marcar uma grande diferença com a sua ação e, sobretudo, ter deixado uma mensagens para toda a vida como o “O passo para o futuro”, representa um imenso orgulho e uma grande diferença.”. (H12A-20) “Tal como Rosa Parks, Zac Ebrahim é o exemplo de uma pessoa determinada e destemida pois, (...) que acima de tudo temos a capacidade de traçar o nosso futuro, e que não estamos limitados a receber as consequências dos atos que pautaram os nossos pais e antepassados.” (H12A-23)
Multiperspetiva		
Empatia histórica	Descentramento dos valores e ideias do presente, a fim de compreender, e empatizar com a realidade histórica.	“Rosa Parks conseguiu sensibilizar-me, uma vez que teve de enfrentar diversos desafios devido à sua cor e ao seu género, dado que ser uma mulher negra no século XX, especialmente nos EUA, não deve ter

		sido fácil. Contudo, apesar dos desafios todos que teve de ultrapassar nunca deixou de se fazer ouvir, por mais silenciosa que a sua voz fosse, no sentido em que as suas manifestações eram pacíficas. (...) a história desta personalidade [Rosa Parks] deixou-me orgulhosa, uma vez que ela teve a coragem de enfrentar a própria avó, (...) sendo este ato, na minha opinião, o mais difícil porque nós vemos sempre a nossa avó como uma figura maternal e tentamos sempre seguir os conselhos da mesma. Outra característica (...), é facto dela ser bastante determinada, na medida em que, prefere morrer do que abandonar a defesa da sua causa, sendo esta a igualdade de direitos. Por fim, Rosa Parks não deixou que uma sociedade considerada “melhor” por causa da cor de pele, a impedisse de fazer o que achava e estava correto”. (H12A-15) “Rosa Parks (...). Zak Ebrahim (...). No lugar deles acho que faria o mesmo, pois ambos seguiram os lados certos, a meu ver”. (H12B-4) “o conteúdo relacionado ao racismo está mais presente naquilo que me rodeia ou, até, no que eu vejo e por ser uma parte da disciplina de história que sempre me fascinou, desde a época de escravidão até às lutas pela igualdade. (...) O motivo de ter sido Luther King, é porque acredito que, por ser negro, viveu e tem mais conhecimento (...),
--	--	--

		além do conteúdo da carta que foi distribuída na aula ter me deixado sensibilizada com a situação”. (H12B-13)
Cultura democrática	Pensa e desenvolve atitudes, competências, conhecimentos e uma compreensão crítica assente em valores morais e democráticos. Ativismo	“O que mais me tocou e me deixou feliz nesta história é que, apesar de Zac ter nascido num ambiente violento, não se deixou influenciar, e conseguiu mudar a imagem que muitas pessoas tinham dele. Ele conseguiu sair das ideologias que o rodeavam, de intolerância e do ódio, e passou a defender e ter como valores a tolerância e a paz. Hoje em dia é ativista da paz, escritor, dá palestras e acredita que, apesar de ser impossível chegarmos a ter a paz mundial, cada um de nós deve estar ciente de que o objetivo é esse e que devemos fazer o melhor que conseguirmos para termos cada vez menos conflitos e para que consigamos viver em concordância”. (H12A-12) “[Habso Mohamud] a sua força de vontade em criar uma mudança, não só em si, mas também no mundo, originou um futuro de prestígio onde a mesma se dedicou á escrita e à ilustração de livros infantis que passam mensagens de incentivo e de persistência. (...) Apesar de estas três figuras [Harriet Beecher-Stowe, Rosa Parks e Martin Luther King] terem tomado diferentes formas de agir e de protesto, acabavam sempre por se igualar nos princípios de justiça, igualdade e

		de liberdade. (...) Zak Ebrahim que é um verdadeiro exemplo de superação e perseverança. Isto é, Zak, filho de um dos extremistas responsáveis pelo ataque terrorista de 1993, lutou para que o mundo não o visse como um terrorista, e sim como um exemplo de que, no final de contas, aquilo que realmente importa é aquilo que tu escolhes ser e não aquilo que os outros assumem que te irás tornar. Rosa Parks, uma vez que esta lutou contra os incentivos e as influências que vinham de casa, e deu vontade à sua voz espalhando, por todo o mundo, os seus ideais e lutando por aquilo que acreditava e achava justo, tendo sempre a noção de que tal luta lhe poderia custar a vida. (...) Rosa deixou no mundo uma marca importantíssima, que espalha os ideais de persistência, força de vontade e de interajuda. Esta, até hoje, é usada como um marco importantíssimo na luta a favor dos direitos da população negra que, infelizmente, ainda sofre um grande nível de discriminação.” (H12A-13) “Zack Ebrahim (...). Do meu ponto de vista, que sempre fui ensinada a formar e a criar a minha própria imagem perante o mundo, o facto de ele ser condicionado por crédito de outro, faz com que a sua visão do mundo e das pessoas seja, também, condicionada, assim como, a
--	--	---

		visão das pessoas perante ele. Esta observação, que é bastante popular, limita a vida de quem é discriminado e afasta-o da sociedade com medo de ser excluído e criticado, sem oportunidades de vida e de refazer o seu caminho. Como o mesmo referiu, “I am not my father” e eu não podia concordar mais. As ações dos outros vão ser sempre dos outros, independentemente do nosso parentesco ou da nossa opinião. (...) fiquei bastante surpreendida e feliz com a reviravolta da sua vida, sendo ele agora um ativista da paz, escreve e dá palestras perante outros, de maneira a incentivar um mundo melhor”. (H12A-14) “Rosa Parks conseguiu sensibilizar-me, uma vez que teve de enfrentar diversos desafios devido à sua cor e ao seu género, dado que ser uma mulher negra no século XX, especialmente nos EUA, não deve ter sido fácil. Contudo, apesar dos desafios todos que teve de ultrapassar nunca deixou de se fazer ouvir, por mais silenciosa que a sua voz fosse, no sentido em que as suas manifestações eram pacíficas. (...) Outra característica (...), é facto dela ser bastante determinada, na medida em que, prefere morrer do que abandonar a defesa da sua causa, sendo esta a igualdade de direitos. Por fim, Rosa Parks não
--	--	--

		deixou que uma sociedade considerada “melhor” por causa da cor de pele, a impedisse de fazer o que achava e estava correto”. (H12A-15) “Rosa Park inspirou-me pelo simples ato de ela não ter ouvido o conselho da avó sobre ela ter de se rebaixar perante as pessoas brancas. Acho bastante corajoso como ela sempre lutou pelos seus direitos, mesmo sabendo que isso poderia causar a sua morte a qualquer momento, e que lutou até o fim pelos seus objetivos. Para além disto, estes atos de Rosa Park ajudaram a outras pessoas decidirem lutar pelos seus direitos e também começarem a agir. Na minha opinião, devemos ter Park ainda como inspiração nos dias de hoje, uma vez que ainda encontramos violações dos direitos humanos e tal como ela devemos agir para melhorarmos o mundo. Já Zak Ebrahim inspirou-me por mostrar que nós podemos ser quem quisermos, independentemente do que pensam e falem de nós. Ebrahim ensina-nos como podemos escolher ser bons e vivermos uma vida da qual nos possamos orgulhar da pessoa que somos, e podemos inspirar outros a quererem lutar para serem quem realmente são, e não a pessoa que as outras constroem e dizem que nós somos. Ele também nos ensina que se tivermos maus exemplos ao nosso redor e que as pessoas pensem que,
--	--	---

		por isso, também somos maus, pode ser difícil, mas nós podemos demonstrar que elas estão erradas. Desta forma, para mim, Ebrahim é uma inspiração e ensina que não devemos julgar as pessoas sem primeiro lhes dar uma chance para elas mostrarem como são”. (H12A-17) “Habso Mohamud (...) apesar de, à partida, o mundo lhe reservar pouco, esta agarrou a única oportunidade de uma vida digna e fez dela todo o seu mote de vida. (...) caminhava 45 minutos por dia apenas pela possibilidade de a formação escolar, um dia, lhe puder abrir as portas de todo um mundo com o qual ela não tinha de todo contacto. (...) para além de determinada, ela mostra ser portadora de uma bondade e empatia com o próximo extraordinária. Exemplo disso, é o facto de o seu percurso profissional estar totalmente ligado à vertente educacional, mas também motivacional, na medida em que esta inspira todo um universo de crianças a lutarem pelos seus sonhos, perpetuando a sua icónica frase, que intitulou o seu livro, “It Only Takes One Yes! (só é preciso um sim). (...) Zak Ebrahim é o exemplo perfeito de que a categorização dos seres humanos, tendo em conta os seus antepassados ou familiares próximos é completamente errado.
--	--	--

		(...) Após refletir um pouco sobre esta história, pude constatar que não se deve combater o mal com mal, na medida em que Zak Ebrahim tinha tudo para crescer como alguém revoltado com todo um padrão social que o via somente como “o filho do terrorista”, mas decide optar por combater o mal com bem e instituir-se como um alguém que considera que “(...) a violência é desnecessária em 99% dos casos nas quais ela é utilizada, e, portanto sempre existe uma forma melhor de resolver conflitos””. (H12A-18) “Considero que esta personalidade [Rosa Parks] teve um impacto importante (...). Todos com pequenos atos podem representar o cambio de outras gerações. Na atualidade, os jovens representam uma grande potência, que também, graças as redes sociais, pode ser divulgada; todos merecemos respeito mas, sobretudo, as mesmas oportunidades e direitos, independentemente da nossa cor de pele ou estatuto social/político”. (H12A-20) “[Rosa Parks] Foi uma das personalidades que mais me marcou (...), considero que foi uma pessoa corajosa ao não ceder o seu lugar no autocarro a um homem branco (...). Além disso, apesar de ela ter tido uma educação baseada na submissão a supremacia das pessoas brancas, (...) Rosa decidiu romper qualquer ligação a esta forma de ver a
--	--	--

	Feminismo	vida, e fez ver os seus direitos enquanto pessoa ao reclamar algo tão simples como é permanecer no assento do autocarro e não ceder as exigências de um homem branco. (...) perante a frase que foi dita pela sua avó, Rosa responde que não se importaria de morrer a mãos de uma pessoa branca, por defender o seu direito à liberdade, desde que ninguém lhe passasse por cima e a desrespeitasse. Isto revela que foi uma pessoa com fortes convicções e que seria capaz de tudo, até de renunciar a própria vida, para defender os seus direitos enquanto mulher negra, numa época em que o racismo era visto como sendo um ato normal e justificado. (...) [Zac Ebrahim] Escolheu não seguir esta ideologia de ódio que lhe foi transmitida desde pequeno, e decidiu seguir o caminho na defesa pelos valores da paz, da tolerância e da igualdade. (...) Zac Ebrahim é o exemplo de uma pessoa determinada e destemida pois, embora tenha sofrido com o receio das pessoas dado os atos do pai, ele mostrou que é possível, com esforço e determinação, alcançarmos os nossos sonhos e convicções. E que acima de tudo temos a capacidade de traçar o nosso futuro, e que não estamos limitados a receber as consequências dos atos que pautaram os nossos pais e antepassados.” (H12A-23)
--	-----------	--

		“Harriet Beecher, a qual, ao expor as suas ideias, trouxe mudanças a nível da sociedade, sendo que a consequência de tal também foi avassaladora, sendo esta a guerra civil americana. Penso que foi necessário a implementação destas ideias na sociedade, mas também penso que por vezes é necessário escolher onde e como as implementar, sendo que estas conclusões podem levar a problemas ainda maiores do que os iniciais”. (H12B-1) “Rosa Parks, pois, foi uma mulher de luta e com bastante coragem. Aprendeu com os erros das pessoas que lhe eram próximas (...), e conseguiu mudar mentalidades com as suas ideologias e atitudes. Mostrou ser corajosa quando enfrentou aqueles que tinha medo e que a sociedade ‘respeitava’. Todas as mulheres têm os mesmos direitos que os homens, e Rosa Parks só veio trazer mais sentido e razão a esta afirmação”. (H12B-2) “Martin Luther King porque lutou contra o racismo, (...) pelos direitos dos negros (...). Rosa Parks porque lutou contra o racismo e a favor da igualdade de género”. (H12B-3) “Rosa Parks porque não se conformou com as situações a que a estavam a submeter. (...) Zak Ebrahim (...) decidiu ganhar consciência e fazer o que estava certo para ele e o melhor para a humanidade. No
--	--	---

		lugar deles acho que faria o mesmo, pois ambos seguiram os lados certos, a meu ver”. (H12B-4) “Rosa Parks (...) por ser mulher, negra, e pela sua coragem de emancipação numa época de grande discriminação. (...) a coragem com que exerceu o Ato de desobediência civil, quando se recusou a ceder o seu lugar a um homem branco num autocarro. Na minha opinião, as mulheres deviam dar mais voz aos seus direitos e não ter medo de agir. Por vezes é preciso sacrifício para a mudança. Se eu estivesse no seu lugar, faria exatamente o mesmo, se calhar é nesse sentido que me identifico tanto com ela”. (H12B-8) “umas das personalidades que me chamou a atenção foi Nelson Mandela porque, para além de lutar contra o que sempre passou, ainda conseguiu mudar o que tinha de menos bom na sua personalidade”. (H12B-9) “as personalidades que me tocaram mais foram Nelson Mandela e Martim Luther King na parte do racismo e xenofobia (...). Já na parte do terrorismo e meioambiente, Zac Ebrahim e Bill Gates devido à forma como eles demonstram soluções para os problemas anteriormente referidos”. (H12B-11)
--	--	--

		“Zac Ebrahim porque ele tentou incentivar muitas pessoas a reconstruir as suas vidas, de modo a pararem de ser influenciadas pelo passado”. (H12B-12) “Rosa Parks conseguiu sensibilizar-me, uma vez que teve de enfrentar diversos desafios devido à sua cor e ao seu género, dado que ser uma mulher negra no século XX, especialmente nos EUA, não deve ter sido fácil. Contudo, apesar dos desafios todos que teve de ultrapassar nunca deixou de se fazer ouvir, por mais silenciosa que a sua voz fosse (...). Esta personalidade sensibilizou-me, uma vez que atualmente ser uma mulher já é difícil devido às desigualdades de género quanto mais na altura, sendo uma mulher negra.”. (H12A-15) “Considero que esta personalidade [Rosa Parks] teve um impacto importante (...). o facto de ser uma mulher a marcar uma grande diferença com a sua ação e, sobretudo, ter deixado uma mensagem para toda a vida como o “O passo para o futuro”, representa um imenso orgulho e uma grande diferença.”. (H12A-20)
--	--	--

		“Rosa Parks, pois, foi uma mulher de luta e com bastante coragem. (...) Todas as mulheres têm os mesmos direitos que os homens, e Rosa Parks só veio trazer mais sentido e razão a esta afirmação”. (H12B-2) “Rosa Parks porque lutou contra o racismo e a favor da igualdade de gênero”. (H12B-3) “Rosa Parks porque não se conformou com as situações a que a estavam a submeter. Ela até preferiu que, se tivesse que escolher entre a corda ou conformar-se, escolheria a corda”. (H12B-4) “Rosa Parks (...) por ser mulher, negra, e pela sua coragem de emancipação numa época de grande discriminação. (...) Na minha opinião, as mulheres deviam dar mais voz aos seus direitos e não ter medo de agir. Por vezes é preciso sacrifício para a mudança. Se eu estivesse no seu lugar, faria exatamente o mesmo, se calhar é nesse sentido que me identifico tanto com ela”. (H12B-8)
--	--	--

Anexo 1.6. – Atividade 6

Categoria	Indicador	Unidade de registo / Unidade de contexto
Bem-estar, saúde e ambiente	Dimensão afetiva positiva Sucesso académico	“foi um ano de muito trabalho e de muita aprendizagem. Crescemos muito enquanto alunos, mas também como pessoas. Parte disso deve-se às professoras que nos acompanhavam e que foram incondicionais connosco”. (H12B-8) “o que mais gostei nas aulas de História foi a dedicação das professoras ao explicar a matéria.” (H12B-7) “Em relação ao conteúdo, (...) bem estruturado, e foi nos transmitido de uma forma positiva, o que se revelou nos testes de avaliação, também positivos.”. (H12A-19) “as aulas de História A contribuíram para melhorar a minha aprendizagem sobre os conteúdos históricos”. (H12A-23) “este foi o melhor ano de todos, visto que finalmente foi possível compreender a matéria de uma forma não decorativa”. (H12B-1) “foi graças a aulas mais dinâmicas que compreendi melhor os conteúdos”. (H12B-11)

	Aulas/Transmissão positiva	“a disciplina de História tem muitos conteúdos, mas as aulas foram sempre dadas de forma dinâmica, o que contribui para uma melhor aprendizagem e compreensão da matéria. (...) o trabalho das professoras foi notório para conseguirem chegar aos alunos e abordar os temas mais facilmente”. (H12A-16) “gostei das aulas, tanto ao nível da matéria (...), como ao nível da forma como foram dadas. Achei que as professoras conseguiram sempre dar as aulas de forma dinâmica e de uma forma que capta a atenção dos alunos” (H12A-17) “Relativamente às aulas, foram sem dúvida dinamizadoras e bem construídas. Em relação ao conteúdo, (...) bem estruturado, e foi nos transmitido de uma forma positiva, o que se revelou nos testes de avaliação, também positivos”. (H12A-19) “as aulas de história (...) foram muito positivas, já que o contributo de ter três professoras, e aprender diversas opiniões e formas como podemos observar diversos conteúdos. (...) organização das aulas (...) foi muito bom. (...) a compreensão e a dinamização das aulas foram da melhor maneira”. (H12A-20) “aulas bem aproveitadas, (...) conteúdo era cativante, (...) descobri novos assuntos e desenvolvi mais conhecimento”. (H12B-6) “gostei muito deste ano letivo, inclusive das aulas de História A. Achei que foram muito produtivas e interessantes”. (H12B-10)
--	----------------------------	---

Desenvolvimento pessoal e autonomia	Valorização e desenvolvimento de competências	“para além de nos fornecer mais conhecimento, ajudou-nos a cooperar com grupos, aceitar a opinião dos meus colegas, estruturar a nossa argumentação e, também, a exercitar a nossa capacidade de oratória e de apresentação”. (H12A-13) “gostei muito do conteúdo das aulas, dado que são temas muito recentes e que contribuem para a compreensão do mundo atual, sendo muito relevantes para o nosso conhecimento. (...) estas aulas contribuíram para o desenvolvimento da minha empatia, na medida em que tive de colaborar e compreender os meus colegas e as professoras. Desenvolvi também a minha determinação e resiliência.” (H12A-15) “Das aulas e a partir das mesmas, tornei-me uma pessoa mais paciente, compreensiva e com uma capacidade de debater opiniões maior. Acho a disciplina de História essencial e fico triste por este ano ser o meu último”. (H12A-16) “Estas aulas fizeram-me ver que consigo fazer trabalhos melhor do que pensava e que as aulas podem ser dadas de uma forma diferente, ensinaram-me ainda a não desistir mesmo estando cansada e a ter uma melhor organização. (...) consegui aprender a argumentar um pouco melhor oralmente.” (H12A-17) “a presença das professoras estagiárias foi, sem sombra de dúvida, um complemento para a nossa aprendizagem, promovendo uma espécie de ligação
--	---	---

		com o nosso futuro próximo, isto é, o Ensino Superior. (...) estas aulas acabaram por (...) influenciar e promover valores que pretendo fazer uso (...), como a compreensão, a resiliência e a cooperação.” (H12A-18) “durante este ano, tenho que admitir que aprendi imenso, não só comigo, como com todos os que me rodeiam. Um ano complicado e com muitas barreiras, mas que nos obrigou a desenvolver capacidades anteriormente escondidas. As aulas (...) foram super dinâmicas e divertidas, com uma capacidade criativa impressionante. Durante o decorrer do ano, (...) temas captaram a minha atenção e me levaram a uma maior participação nas aulas. (...) levo comigo a grande autonomia criada devido ao confinamento e a qualidade perdida e exigida.” (H12A-14) “os valores e aprendizagens deixados pelas aulas de história, e o meu desenvolvimento pessoal, que ajuda na vida e a um desenvolvimento no futuro”. (H12A-20) “levei das aulas de história (...) ter desenvolvido capacidades como a interpretação e compreensão de documentos relacionados com a história (...) desenvolvimento do meu espírito crítico, o qual é muito importante para o meu futuro profissional”. (H12A-23) “levo para o meu futuro a aprendizagem de que, apesar das nossas dificuldades, se nos empenharmos, conseguimos atingir os nossos objetivos”. (H12B-2) “nunca desistir, apesar das dificuldades”. (H12B-3)
--	--	---

	Autonomia e evolução “algo que aprendi nesta disciplina foi a dar uso aos recursos que tenho e a expressar-me sem receios.” (H12B-9) “para além de nos fornecer mais conhecimento, ajudou-nos a cooperar com grupos, aceitar a opinião dos meus colegas, estruturar a nossa argumentação e, também, a exercitar a nossa capacidade de oratória e de apresentação”. (H12A-13) “durante este ano, tenho que admitir que aprendi imenso, não só comigo, como com todos os que me rodeiam. (...) levo comigo a grande autonomia criada devido ao confinamento e a qualidade pedida e exigida.” (H12A-14) “gostei muito do conteúdo das aulas, dado que são temas muito recentes e que contribuem para a compreensão do mundo atual, sendo muito relevantes para o nosso conhecimento. (...) estas aulas contribuíram para o desenvolvimento da minha empatia, na medida em que tive de colaborar e compreender os meus colegas e as professoras. Desenvolvi também a minha determinação e resiliência.” (H12A-15) “Estas aulas fizeram-me ver que consigo fazer trabalhos melhor do que pensava e que as aulas podem ser dadas de uma forma diferente, ensinaram-me ainda a não desistir mesmo estando cansada e a ter uma melhor organização. (...) consegui aprender a argumentar um pouco melhor oralmente.” (H12A-17)
--	---

		“levo os conselhos de alguém que se encontra num nível de ensino superior, deixando-me os conselhos e avisos, de forma a evitar erros”. (H12A-19) “as aulas de História A contribuíram para melhorar a minha aprendizagem sobre os conteúdos históricos, dado que é importante conhecer o passado da história para não cometer os mesmos erros do passado. Por exemplo, é importante conhecer os partidos políticos e as suas ideologias para quando for a nossa vez de participar na vida política, o façamos de forma consciente, com vista a um futuro social e económico melhor e com conhecimento (...) de que forma isso nos afetará e contribuirá para o nosso progresso e desenvolvimento. (...) levei das aulas de história (...) ter desenvolvido capacidades como a interpretação e compreensão de documentos relacionados com a história (...) desenvolvimento do meu espírito crítico, o qual é muito importante para o meu futuro profissional”. (H12A-23) “foi um ano de muito trabalho e de muita aprendizagem. Crescemos muito enquanto alunos, mas também como pessoas. Parte disso deve-se às professoras que nos acompanhavam e que foram incondicionais connosco”. (H12B-8) “descobri novos assuntos e desenvolvi mais conhecimento que levo para o resto da minha vida”. (H12B-6) “com história levo maior aprendizagem para o futuro”. (H12B-11)
Pensamento crítico e pensamento criativo	Crítica à regência	“as aulas deste ano começaram bastante bem, foram bem estruturadas e de maneira a ser mais fácil a nossa compreensão. (...)” (H12A-12)

		“durante este ano escolar, tivemos diferentes assuntos e modos de ensino. Em relação às aulas, observou-se uma grande diversidade de maneiras de ensino, tornando as aulas mais dinâmicas, práticas e interessantes (...), o clima descontraído e de amizade que se sentia na aula fez com que, também, conseguíssemos aprender de forma mais calma e descontraída”. (H12A-13) “As aulas (...) foram super dinâmicas e divertidas, com uma capacidade criativa impressionante. Durante o decorrer do ano, (...) temas captaram a minha atenção e me levaram a uma maior participação nas aulas. (...) levo comigo a grande autonomia criada devido ao confinamento e a qualidade pedida e exigida.” (H12A-14) “(...) este ano letivo foi bastante distinto dos restantes, uma vez que tivemos a colaboração de duas professoras estagiárias. (...) gostei bastante desta experiência, visto que as aulas foram bastante dinâmicas e diversificadas, representando a personalidade de cada uma das professoras. (...) gostei muito do conteúdo das aulas, dado que são temas muito recentes e que contribuem para a compreensão do mundo atual, sendo muito relevantes para o nosso conhecimento. (...) estas aulas contribuíram para o desenvolvimento da minha empatia, na medida em que tive de colaborar e compreender os meus colegas e as professoras. Desenvolvi também a minha determinação e resiliência.” (H12A-15) “a disciplina de História tem muitos conteúdos, mas as aulas foram sempre dadas de forma dinâmica, o que contribui para uma melhor aprendizagem e
--	--	--

		compreensão da matéria. (...) o trabalho das professoras foi notório para conseguirem chegar aos alunos e abordar os temas mais facilmente. Das aulas e a partir das mesmas, tornei-me uma pessoa mais paciente, compreensiva e com uma capacidade de debater opiniões maior. Acho a disciplina de História essencial e fico triste por este ano ser o meu último”. (H12A-16) “gostei das aulas, tanto ao nível da matéria (...), como ao nível da forma como foram dadas. Achei que as professoras conseguiram sempre dar as aulas de forma dinâmica e de uma forma que capta a atenção dos alunos. Estas aulas fizeram-me ver que consigo fazer trabalhos melhor do que pensava e que as aulas podem ser dadas de uma forma diferente, ensinaram-me ainda a não desistir mesmo estando cansada e a ter uma melhor organização. (...) consegui aprender a argumentar um pouco melhor oralmente.” (H12A-17) “a presença das professoras estagiárias foi, sem sombra de dúvida, um complemento para a nossa aprendizagem, promovendo uma espécie de ligação com o nosso futuro próximo, isto é, o Ensino Superior. A forma como as professoras dinamizaram os conteúdos acabou por se revelar algo inovador e esteticamente apelativo. (...) estas aulas acabaram por (...) influenciar e promover valores que pretendo fazer uso (...), como a compreensão, a resiliência e a cooperação.” (H12A-18) “para além do conteúdo que se aprende, é fundamental as pessoas com quem nos cruzamos, e também a relação que estabelecemos com as mesmas. Relativamente às aulas, foram sem dúvida dinamizadoras e bem construídas. Em
--	--	--

		relação ao conteúdo, (...) bem estruturado, e foi nos transmitido de uma forma positiva, o que se revelou nos testes de avaliação, também positivos. (...) levo os conselhos de alguém que se encontra num nível de ensino superior, deixando-me os conselhos e avisos, de forma a evitar erros”. (H12A-19) “as aulas de história (...) foram muito positivas, já que o contributo de ter três professoras, e aprender diversas opiniões e formas como podemos observar diversos conteúdos. (...) organização das aulas (...) foi muito bom. (...) a compreensão e a dinamização das aulas foram da melhor maneira”. (H12A-20) “aulas foram boas e dinâmicas (...). Em geral, gostei muito das aulas. Foi um dos melhores anos. (...) A professora e as professoras estagiárias são muito fixes”. (H12A-21) “este foi o melhor ano de todos, visto que finalmente foi possível compreender a matéria de uma forma não decorativa”. (H12B-1) “achei as aulas de História deste ano letivo mais interessantes do que nos outros anos, mais dinâmicas e mais importantes. (...) conteúdos mais cativantes (...)”. (H12B-2) “powerpoints cativantes e a experiência de ter duas estagiárias”. (H12B-3) “as aulas eram dinâmicas”. (H12B-4) “aulas bem aproveitadas, (...) conteúdo era cativante, (...) descobri novos assuntos e desenvolvi mais conhecimento”. (H12B-6)
--	--	---

		“as aulas de história deste ano foram mais dinâmicas em relação aos outros anos letivos”. (H12B-9) “gostei muito deste ano letivo, inclusive das aulas de História A. Achei que foram muito produtivas e interessantes. (...) levo comigo que o saber não ocupa lugar e que estamos a toda a hora a falar de História, mesmo quando não queremos”. (H12B-10) “foi graças a aulas mais dinâmicas que compreendi melhor os conteúdos”. (H12B-11) “vou levar comigo essencialmente a educação que me foi passada neste ano letivo”. (H12B-13)
Relacionamento interpessoal	Desenvolvimento e manutenção de relações interpessoais positivas	“(…) este ano letivo foi bastante distinto dos restantes, uma vez que tivemos a colaboração de duas professoras estagiárias. (...) estas aulas contribuíram para o desenvolvimento da minha empatia, na medida em que tive de colaborar e compreender os meus colegas e as professoras. Desenvolvi também a minha determinação e resiliência.” (H12A-15) “a presença das professoras estagiárias foi, sem sombra de dúvida, um complemento para a nossa aprendizagem, promovendo uma espécie de ligação com o nosso futuro próximo, isto é, o Ensino Superior.” (H12A-18) “para além do conteúdo que se aprende, é fundamental as pessoas com quem nos cruzamos, e também a relação que estabelecemos com as mesmas”. (H12A-19)

		“o que pude retirar destas aulas e atividades é que é necessária uma maior intervenção no que toca à participação em grupo”. (H12B-1) “para a vida levo as professoras”. (H12B-4) “o que mais gostei nas aulas de História foi a dedicação das professoras ao explicar a matéria.” (H12B-7) “foi um ano de muito trabalho e de muita aprendizagem. Crescemos muito enquanto alunos, mas também como pessoas. Parte disso deve-se às professoras que nos acompanhavam e que foram incondicionais connosco”. (H12B-8)
Consciência histórica	Relevância histórica	“gostei muito do conteúdo das aulas, dado que são temas muito recentes e que contribuem para a compreensão do mundo atual, sendo muito relevantes para o nosso conhecimento.” (H12A-15) “as aulas de História A contribuíram para melhorar a minha aprendizagem sobre os conteúdos históricos, dado que é importante conhecer o passado da história para não cometer os mesmos erros do passado. Por exemplo, é importante conhecer os partidos políticos e as suas ideologias para quando for a nossa vez de participar na vida política, o façamos de forma consciente, com vista a um futuro social e económico melhor e com conhecimento (...) de que forma isso nos afetará e contribuirá para o nosso progresso e desenvolvimento”. (H12A-23) “levo comigo que o saber não ocupa lugar e que estamos a toda a hora a falar de História, mesmo quando não queremos”. (H12B-10)

Multiperspetiva	Tem em consideração opiniões e gostos diferentes, para além dos seus.	“(…) este ano letivo foi bastante distinto dos restantes, uma vez que tivemos a colaboração de duas professoras estagiárias. (...) gostei bastante desta experiência, visto que as aulas foram bastante dinâmicas e diversificadas, representando a personalidade de cada uma das professoras.” (H12A-15) “as aulas de história (...) foram muito positivas, já que o contributo de ter três professoras, e aprender diversas opiniões e formas como podemos observar diversos conteúdos”. (H12A-20)
Empatia histórica	Descentramento dos valores e ideias do presente, a fim de compreender o contexto.	“Acho que, com a exposição dos problemas transnacionais, acabamos por ter mais empatia e nos preocuparmos com problemas e situações muito atuais e pelo qual podemos fazer algo.” (H12A-12) “(…) este ano letivo foi bastante distinto dos restantes, uma vez que tivemos a colaboração de duas professoras estagiárias. (...) gostei bastante desta experiência, visto que as aulas foram bastante dinâmicas e diversificadas, representando a personalidade de cada uma das professoras. (...) gostei muito do conteúdo das aulas, dado que são temas muito recentes e que contribuem para a compreensão do mundo atual, sendo muito relevantes para o nosso conhecimento. (...) estas aulas contribuíram para o desenvolvimento da minha empatia, na medida em que tive de colaborar e compreender os meus colegas e as professoras.” (H12A-15) “estas aulas acabaram por (...) influenciar e promover valores que pretendo fazer uso (...), como a compreensão, a resiliência e a cooperação.” (H12A-18)

Cultura democrática	Cidadania ativa.	“as aulas de História A contribuíram para melhorar a minha aprendizagem sobre os conteúdos históricos, dado que é importante conhecer o passado da história para não cometer os mesmos erros do passado. Por exemplo, é importante conhecer os partidos políticos e as suas ideologias para quando for a nossa vez de participar na vida política, o façamos de forma consciente, com vista a um futuro social e económico melhor e com conhecimento (...) de que forma isso nos afetará e contribuirá para o nosso progresso e desenvolvimento”. (H12A-23) “com as aulas de História sinto que me interessei mais pela política (...). Acho que, com a exposição dos problemas transnacionais, acabamos por ter mais empatia e nos preocuparmos com problemas e situações muito atuais e pelo qual podemos fazer algo.” (H12A-12)
----------------------------	------------------	--

Anexo 2 – Questionário para levantamento de ideias prévias acerca do perfil da amostra

No âmbito do Mestrado em Ensino da História no 3.ºCiclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, desenvolvi um questionário que tem como objetivo orientar a minha intervenção na leção da disciplina (e.g., como abordar os conteúdos, que recursos devo utilizar, ...). O questionário é confidencial e anónimo (caso optem por tal), sendo que os vossos dados serão apenas utilizados para o propósito mencionado. Não existem respostas certas ou erradas. Cada resposta é válida se expressares com sinceridade o que sentes.

O teu contributo é muito importante porque, juntos, conseguimos tornar as aulas mais atrativas e produtivas!

Obrigada pela tua colaboração!

Catarina Campos (Professora Estagiária de História)

Questionário

Nome (opcional): _____

Idade: _____

Género: _____

1. De forma genérica, que características selecionarias para te descrever? OU Como te descreverias?

2. Quais são os teus hobbies?

3. Como te vês daqui a cinco anos?

4. Tendo em conta a tua experiência na disciplina de história, o que pensas dela?
